

Ensino de português brasileiro?

Uma análise de materiais didáticos que se propõem a ensinar português do Brasil como língua estrangeira

Patrícia Silva Magalhães



**Masteroppgave i portugisisk språk ved det Humanistiske Fakultet
Institutt for litteratur, områdestudier og europeiske språk**

UNIVERSITETET I OSLO

Oslo 2019

Patrícia Silva Magalhães

ENSINO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO?

UMA ANÁLISE DE MATERIAIS DIDÁTICOS QUE SE PROPÕEM A ENSINAR PORTUGUÊS DO BRASIL
COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

**Masteroppgave i portugisisk språk
Det Humanistiske Fakultet
Institutt for litteratur, områdestudier og
europeiske språk.**

Forskningsområde: Språk

Studieretning: Portugisisk

Emnekode: POR 4190

Veileder: Diana Santos

OSLO - Høst 2019

Ensino de português brasileiro?

Uma análise de materiais didáticos que se propõem a ensinar português brasileiro como língua estrangeira

Agradecimentos

A Deus, por ter me proporcionado todas as oportunidades que me trouxeram até aqui.

Aos meus amores, Håkon, Lila e Lars, por encherem minha vida de amor e alegria.

A meus pais, por estarem sempre comigo.

A Diana, por sua orientação, compreensão e acolhimento.

*Ninguém educa ninguém,
ninguém se educa sozinho.
As pessoas se educam reciprocamente
mediatizados pelo mundo.*
Paulo Freire

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo avaliar Materiais Didáticos (MDs) de ensino de Português Brasileiro como Língua Estrangeira (PBLE) no que se refere à forma como pontos-chave da gramática do Português Brasileiro Contemporâneo (PBC) são apresentados. A análise se ocupa de três tópicos: (i) sintagma *a gente*, (ii) estratégias de pronominalização, (iii) sintagma *dele*. Como referência foram utilizadas obras representativas do PBC e da Tradição Gramatical Brasileira (TGB). Para as primeiras foram utilizadas: Gramática Pedagógica do Português Brasileiro (Bagno, 2011), Gramática de Usos do Português (Neves, 2001) e Nova Gramática do Português Brasileiro (Castilho, 2012). Para as segundas foram utilizadas: Moderna Gramática Brasileira (Bechara, 2005) e Nova Gramática do Português Contemporâneo (Cunha e Cintra, 2007). Os MDs foram classificados como mais ou menos representativos do PBC, tomando por base notas variando de 6 (mais representativo) a - 6 (menos representativo). Os resultados encontrados mostram uma baixa representatividade do PBC nas obras escolhidas, no que se refere aos tópicos estudados.

Palavras-chave: Material didático, português brasileiro contemporâneo, *a gente*, estratégias de pronominalização, *dele*.

Abstract: This thesis aims to evaluate Didactic Materials (MDs) for teaching Brazilian Portuguese as a Foreign Language (PBLE) in terms of how key points of Contemporary Brazilian Portuguese (PBC) grammar are presented. The analysis deals with three topics: (i) the syntagm *a gente*, (ii) pronominalization strategies, (iii) syntagm *dele*. As reference were used works representative of the PBC and the Brazilian Grammatical Tradition (TGB). For the first were used: Gramática Pedagógica do Português Brasileiro (Bagno, 2011), Gramática de Usos do Português (Neves, 2011) and Nova Gramática do Português Brasileiro (Castilho, 2012). For the second were used: Moderna Gramática Brasileira (Bechara, 2005) and Nova Gramática do Português Contemporâneo (Cunha e Cintra, 2007). The MDs were classified as more or less representative of the PBC, ranging from 6 (most representative) to - 6 (least representative). The results show a low representativeness of the PBC in the chosen works, regarding the studied topics.

Keywords: Didactic material, contemporary Brazilian Portuguese, *a gente*, pronominalization strategies, *dele*.

1. Introdução	1
2. Fundamentação teórica	5
2.1 A difícil arte de descrever uma língua	5
2.1.1 A montanha e a língua	5
2.1.2 O botânico e o linguista	8
2.2 Uma fotografia do Português Brasileiro Contemporâneo	9
2.2.1 Gramática Pedagógica do Português Brasileiro	10
2.2.2 Gramática de Usos do Português	12
2.2.3 Nova Gramática do Português Brasileiro	14
2.3 A norma culta e a norma curta	16
2.3.1 Moderna Gramática Portuguesa	17
2.3.2 Nova Gramática do Português Contemporâneo	20
2.3.3 O viés prescritivista das obras representantes da TGB	22
2.4 Estudos sobre o tema	23
3. Metodologia	26
3.1 Abrindo as portas para o PB: as chaves	26
3.1.1 Outras chaves	29
3.2 Escolha dos materiais analisados e organização dos dados	30
3.3 Procedimentos empregados na análise dos dados	36
3.3.1 Abordagem analítica e métodos	36
3.3.2 Ferramentas analíticas e processamento de dados	39
3.4 Validade, confiabilidade e transferibilidade	41
4. Considerações sobre o português brasileiro	43
4.1 Brasileiro ou português?	43
4.2 Um relatório para a Academia	47
5. Abordando os fenômenos	49
5.1 Sintagma a gente	49
5.1.1 Sob a luz do PBC	49
5.1.2 Sob a luz da TGB	50
5.2 Estratégias de pronominalização	53
5.2.1 Sob a luz do PBC	53
5.2.2 Sob a luz da TGB	56
5.3 Sintagma dele	65
5.3.1 Sob a luz do PBC	65
5.3.2 Sob a luz da TGB	67

5.4 Parâmetros adotados	70
6. Análise dos materiais didáticos de português brasileiro.....	72
6.1 Os fenômenos como são abordados nos materiais didáticos.....	72
6.1.1 Passagens: português do Brasil para estrangeiros.....	72
6.1.1.1 Sintagma a gente	73
6.1.1.2 Estratégias de pronominalização	74
6.1.1.3 Sintagma dele.....	76
6.1.2 Panorama Brasil: o ensino de português do mundo dos negócios	77
6.1.2.1 Sintagma a gente	78
6.1.2.2 Estratégias de pronominalização	79
6.1.2.3 Sintagma dele.....	80
6.1.3 Fala Brasil: português para estrangeiros.....	80
6.1.3.1 Sintagma a gente	81
6.1.3.2 Estratégias de pronominalização	82
6.1.3.3 Sintagma dele.....	84
6.1.4 Muito prazer: fale o português do Brasil	85
6.1.4.1 Sintagma a gente	86
6.1.4.2 Estratégias de pronominalização	87
6.1.4.3 Sintagma dele.....	88
6.1.5 Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação	89
6.1.5.1 Sintagma a gente	90
6.1.5.2 Estratégias de pronominalização	91
6.1.5.3 Sintagma dele	92
6.1.6 Terra Brasil: curso de língua e cultura	93
6.1.6.1 Sintagma a gente	94
6.1.6.2 Estratégias de pronominalização	95
6.1.6.3 Sintagma dele.....	96
6.1.7 Português para estrangeiros	96
6.1.7.1 Sintagma a gente	97
6.1.7.2 Estratégias de pronominalização	97
6.1.7.3 Sintagma dele.....	98
6.1.8 Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros	99
6.1.8.1 Sintagma a gente	99
6.1.8.2 Estratégias de pronominalização	100
6.1.8.3 Sintagma dele.....	101

6.2 Classificação dos materiais didáticos e análise dos dados.....	101
6.2.1 Classificação dos materiais didáticos.....	102
6.2.2 Apresentação dos tópicos nos materiais didáticos.....	104
7. Considerações finais	106
7.1 Proposta da tese e resultados.....	106
7.2 Considerações acerca dos resultados	107
7.3 Artificialidades e limitações.....	109
7.4 Sugestões para o aprofundamento do estudo	110
8. Referências bibliográficas	112
Lista de leituras (não referenciadas).....	116
Lista de abreviaturas	117
Anexo I - Imagens	118

1. Introdução

A língua portuguesa (LP) é hoje o idioma oficial de 8 estados, totalizando 278 milhões de falantes (CIA, 2016). Em uma projeção apresentada por Pacheco (2006), a LP deve alcançar mais de 400 milhões de falantes nativos em 2050, sendo que o número de falantes do Brasil corresponderia a aproximadamente 60% desse total (gráfico 1.1).

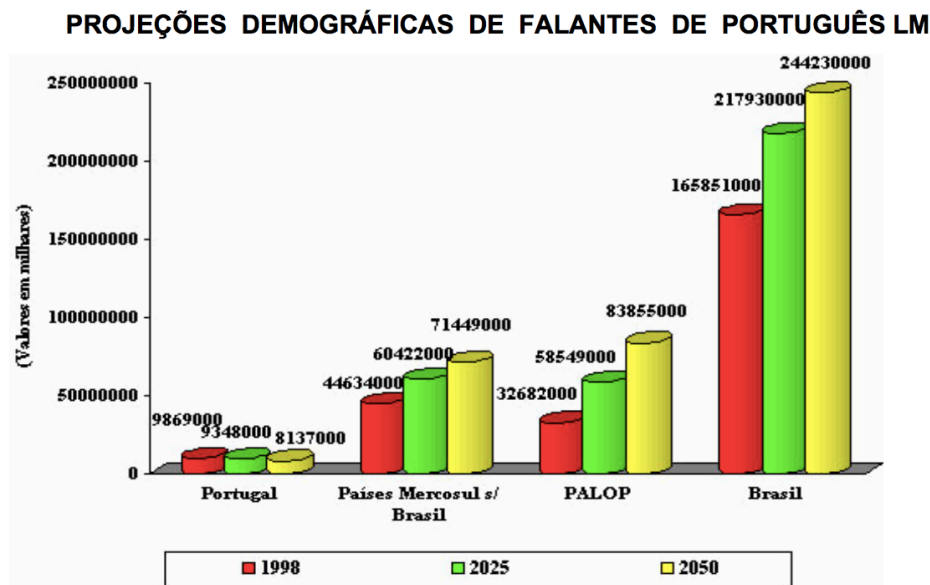


Gráfico 1.1 - Projeções demográficas de falantes de português LM
Pacheco, 2006: 22

A relevância do português brasileiro (PB) se dá não apenas em relação à representatividade do número total de falantes, mas também à importância econômica do país no quadro mundial, tendo atualmente o 9º maior PIB no ranking mundial (FMI, 2017).¹

O estudo do PB tem despertado o interesse acadêmico há quase meio século, como comprova o projeto NURC (Norma Urbana Culta), que começou a ser executado no final da década de 1960. O projeto recolheu extenso material sistematicamente levantado que possibilitou o estudo da modalidade oral do PB em seus aspectos sintático, lexical, fonológico, fonético, morfossintático e estilístico. Um de seus objetivos era ‘ajustar o ensino da língua portuguesa, em todos os seus graus, a uma realidade linguística concreta, evitando a imposição indiscriminada de uma só norma

¹ Esse dado se refere ao momento em que a tese começou a ser escrita. Infelizmente o desenrolar de inúmeros golpes desde 2017 afetaram enormemente os indicadores econômicos e sociais do país.

histórico-literária, por meio de um tratamento menos prescrito e mais ajustado às diferenças linguísticas e culturais do país' (Bagno, 2001: 53). Esse projeto foi, e é de suma importância para a definição e divulgação do PB.

A elaboração de materiais didáticos (MD) para o ensino de português como língua estrangeira (PLE) é um vetor de propagação da língua e cultura do país que representam. Dessa forma, seria de se esperar que os manuais e livros didáticos que se propõe a ensinar o PB representassem de fato a língua utilizada no país. Este trabalho busca avaliar em que medida a língua retratada nesses materiais atende a essa expectativa.

O tema desta pesquisa é a análise de MDs para o ensino de PLE que se propõe a ensinar o português brasileiro contemporâneo (PBC). Objetiva-se com este estudo verificar se esses materiais alcançam a sua proposta e representam a variedade do PBC no contexto de PLE. A tese aqui posposta buscará contribuir para os estudos feitos sobre o tema, por meio da análise de um corpus composto de livros de ensino de português brasileiro como língua estrangeira (PBLE), onde serão analisados pontos específicos e marcantes do PBC e a forma como eles são apresentados. Sejam eles:

- (i) sintagma *a gente*
- (ii) estratégias de pronominalização;
- (iii) sintagma *dele*;

Tanto o tema como os objetivos traçados para esta investigação tiveram como origem a percepção da baixa representatividade do PBC nos MDs. Especula-se que a língua retratada nesses MDs reflita o modelo de gramática prescritiva (GP), representando muitas regras exógenas ao PBC. Este último já foi vastamente registrado, descrito, discutido e validado por gramáticos e linguistas que se dedicam a estudar e descrever a língua e estão presentes em obras de Bagno (2011), Castilho (2012), Ilári e Basso (2006), Neves (2011) e Faraco (2008) dentre tantos outros. Seria de se esperar que um manual que se propõe a ensinar o PBC abordasse esses temas e os trouxesse ao patamar de um uso legítimo. Será

portanto investigado o grau de representatividade dos MDs do PBC no tocante aos três pontos analisados.

Essa especulação sobre a incongruência entre a proposta e a realização dos MDs de PBLE motivou a pergunta de pesquisa que norteia este trabalho:

Em que medida o material didático para o ensino da português brasileiro como língua estrangeira é representativo do português brasileiro contemporâneo?

A realização deste estudo envolve, portanto, a busca de respostas para os questionamentos apresentados e pretende mostrar as discrepâncias entre as normas do PBC apresentadas em gramáticas descritivas (GD) e em gramáticas prescritivas (GP). Tendo como princípio que os MDs escolhidos para esse estudo se propõem (seja por sua apresentação, por seu título, ou por ambos) a ensinar o PBLE, seu conteúdo será analisado dentro do que é entendido como PB, de acordo com as suas GDs, se atendo à sua forma contemporânea.

A presente tese está organizada em 7 capítulos: (1) introdução, (2) fundamentação teórica, (3) metodologia, (4) considerações sobre o português brasileiro, (5) abordando os fenômenos, (6) análise dos materiais didáticos de português brasileiro e (7) considerações finais (seguido das referências bibliográficas e dos anexos).

Após a introdução (1) e antes mesmo de dar início ao tópico analisado e discutido na tese, será apresentado na fundamentação teórica (2), um panorama que busca delinear o escopo da língua em foco, i.e., o PBC, e as obras adotadas como referência nesse estudo.

Na sequência serão elucidadas no capítulo destinado às explicações de ordem metodológica (3) as questões de ordem formal, como o enfoque filosófico e a metodologia que será empregada no estudo. Também aqui serão tratados a escolha dos MDs, a organização dos dados e os procedimentos de análise.

Antes de entrar no tema da tese propriamente dito, o estudo levantará algumas questões relativas a denominação da língua (4) e implicações da adoção de regras exógenas ou pouco representativas como única possibilidade aceita.

A tese continua com a descrição dos pontos-chave (5), onde cada um dos os 3 tópicos será apresentado sob a luz da GD, e da GP (aqui trazida como a tradição gramatical brasileira, TGB). Esse capítulo termina com a apresentação dos parâmetros adotados para a avaliação dos MDs.

A sequência traz a análise dos MDs propriamente dita (6), onde cada ponto-chave é analisado dentro de cada MDs. O resultado dessa avaliação será apresentado em uma tabela síntese, com as notas parciais e totais de cada um dos MDs, de acordo com os parâmetros apresentados no capítulo anterior. Por fim, os dados levantados são analisados e discutidos nas considerações finais (7).

O objetivo dessa tese é investigar uma possível discrepância entre a língua como ela é descrita pelas obras de referência do PBC e o que é apresentado nos MDs. A intenção final é contribuir para um pensamento mais crítico sobre a elaboração de manuais de ensino da PBLE que reflitam a realidade linguística do país.

2. Fundamentação teórica

Neste trabalho, conforme apontado na introdução, pretende-se empreender um estudo sobre a representatividade do PBC nos MDs de ensino de PBLE. Tendo esse objetivo em vista, iniciaremos este capítulo tecendo considerações a respeito da definição do que seja o português brasileiro.

2.1 A difícil arte de descrever uma língua

2.1.1 A montanha e a língua

Uma metáfora que representa bem a complexa questão do delineamento de uma língua é a que a traz como uma montanha. A língua está diante de nós, mas cada um a observa e a percebe de uma maneira própria. Isso não muda a sua natureza, nem as alterações que ela sofre constantemente. Entretanto cada forma retratada de uma mesma montanha será distinta de todas as outras formas.

Um observador hipotético poderia representá-la da forma mais precisa que conseguisse por meio de uma gravura, feita à mão. Mas essa gravura irá inevitavelmente retratar a montanha do ponto de vista em que o observador se encontra, e de acordo com as suas habilidades artísticas. Estando muito perto, esse observador conseguirá retratar detalhes de maneira precisa, mas perderá a visão do todo. De muito longe os contornos serão bem delineados, mas os detalhes ficarão num nível superficial.

Digamos que uma segunda observadora hipotética seja uma artista. Ela conseguiria, graças as suas habilidades técnicas, representar a montanha de uma forma mais precisa que o primeiro observador.

A montanha poderia ser indubitavelmente ainda mais precisamente retratada se fosse feita por meio de uma foto, tirada por um terceiro observador: um fotógrafo. Mas se ainda uma quarta observadora se propusesse a retratar a montanha de uma 'fachada' oposta à dos demais observadores hipotéticos, ela iria inevitavelmente ser diferente do que foi retratado pelos três primeiros.

E naturalmente, cada ângulo diferente, somado à qualidade do equipamento e à aptidão do fotógrafo/artista representarão a mesma montanha de incontáveis maneiras distintas. Alheia a tudo isso, a montanha continua diante de todos os observadores como ela é.

Outro ponto importante a ser levado em conta é que a própria montanha está sofrendo constante mudança. Seja pela ação do vento, das chuvas, de plantas que crescem aqui e acolá, terremotos, vulcões, ou mesmo devido à ação dos seres humanos.

Entretanto nenhuma dessas formas de retratar a montanha estaria errada, ou teria sido intencionalmente feita com o intuito de iludir. Ela apenas representa uma leitura do que a montanha vem a ser para um determinado observador, de acordo com os recursos que ele/ela tenha, num dado momento, a partir de um dado ângulo.

Mas então como representar de uma forma razoável a dita montanha? O cerne da questão estaria talvez em compreender que o que pode ser feito é retratar a montanha com maior ou menor precisão, e que independentemente do quanto se tente, nunca será feita uma arte final, que mostre todos os seus possíveis ângulos, mesmo porque ela está constantemente se alterando, num processo lento e gradual. Algumas vezes com quebras abruptas, devido a uma avalanche, quem sabe, mas de maneira geral sob a ação longa e contínua dos ventos.

Traçando um paralelo para o contexto linguístico, o que se entende por uma determinada língua tem inúmeras faces, todas elas formando em conjunto o todo da língua. Tentativas de representá-la e registrá-la serão feitas de acordo com a perspectiva de quem se propõe à empreitada. Uma linguista, assim como a artista que representa a montanha, conta com um grande arcabouço de conhecimento que a permitirá ir mais adiante na sua descrição do que um falante nativo, por exemplo. Mas isso não significa que este último não tenha domínio sobre a sua língua. Ele, assim como alguém que vive na região da montanha e sabe como escalar, conhece seus detalhes, mas provavelmente não terá muito sucesso se tentar representá-la

por meio de uma gravura. O falante nativo tampouco vai conseguir discorrer e explicar a sua língua, embora tenha pleno domínio sobre como utilizá-la.

Um gramático que busque escrever sobre a língua vai apresentá-la dentro de suas limitações. Quando a primeira gramática da língua portuguesa, de autoria de Fernão de Oliveira, publicada em Lisboa em 1536, a *Gramática da lingoagem portuguesa*, (antes mesmo da gramática de João de Barros, de 1540), ela trazia o que era entendido pelo autor como pertencente à *lingoagem portuguesa*. O *retrato* ou ainda, a *gravura* da língua de então se restringia a textos de alto grau de erudição, em contexto estritamente escrito. O grande e muito válido esforço de Oliveira no dito momento não trazia as inúmeras variedades do português de então, seja no Porto, em Cintra ou na pequena Vila de São Vicente.

Isso tão pouco seria de se esperar, dado que tanto o entendimento do que se entende por língua e a função de descrever e retratar uma língua eram muito distintos do que são hoje. Sobre isso Ilari nos traz no prefácio da gramática de Castilho que '[...] as primeiras gramáticas aparecem no século XVI, motivadas pela preocupação de dignificar a língua em face do latim e de educar os jovens no conhecimento das variedades mais prestigiadas.' (Ilari in Castilho, 2012: 25). Da mesma forma que Oliveira não tinha consigo todo o aparato para *fotografar* a língua como temos hoje.

Em contra-partida, quase cinco séculos mais tarde, o projeto NURC buscou mostrar uma *fotografia* mais precisa da variante oral culta do PB. Na descrição do ramo do projeto dirigido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro temos que 'nosso trabalho não é para a geração atual; daqui a cem anos, os estudiosos encontrarão nele uma *fotografia* do estado da língua e neste ponto serão mais felizes que nós, que nada encontramos do falar de 1822.'(UFRJ, 2017) (grifo meu).

Aqui tem-se ciência de que a tentativa titânica de retratar a língua irá apenas representá-la num dado momento, dentro de um determinado estrato social, numa determinada variedade, numa determinada modalidade. Aqui o *fotógrafo* tem plena consciência de suas limitações e não tem a intenção de afirmar e impor a sua

fotografia como a única, nem a mais precisa, nem a mais correta. Ela é apenas uma fotografia dentre as inúmeras que representam a montanha que é a língua portuguesa.

2.1.2 O botânico e o linguista

O prefácio escrito por Sírio Possenti para o livro de Bagno (2009) apresenta de maneira muito clara e num tom um tanto humorístico a *ilógica lógica* por trás das críticas e refutas feitas indistintamente por diversos setores da sociedade no que se refere a questões da descrição do PBC.

Possenti compara o trabalho do linguista ao do botânico. Quando um botânico em seu trabalho de campo encontra uma nova espécie de planta, até então nunca antes descrita, isso é motivo para orgulho, e algo que virá a ser citado em diversas revistas científicas e publicado em inúmeros artigos pelo mundo. Ele afirma que:

[...] nenhuma autoridade se sentiria desprestigiada pelo fato de haver novidades em seu campo de trabalho, mesmo se descoberta por novatos. É que, no campo científico, a atitude intelectual mais elementar consiste em considerar que a verdade nunca é definitiva, que repetir o texto de uma autoridade simplesmente pelo fato de ela ser uma autoridade é um defeito, não uma virtude. (Possenti in Bagno, 2009: 10)

Estranhamente essa mentalidade não está presente no campo da linguística. No caso da língua portuguesa, muito comumente, quando um pesquisador e estudioso da língua descreve algum *fato*, comumente há uma enorme rejeição, ou mesmo repúdio ao que é descrito. Seria inimaginável que um botânico ou um astrônomo sofressem tal rejeição por descrever uma nova espécie de samambaia, ou por anunciar a descoberta de uma nova estrela.

No que se refere ao PBC, quando fatos linguísticos são apresentados, descritos, estudados e justificados, eles sofrem mormente uma refuta imediata por não serem contemplados pelas gramáticas tradicionais (GT), ou mesmo por serem tidos como errados pelas mesmas.

Em sintonia com o que é dito por Possenti (*ibid.*), não seria absurdo que um botânico que apresentasse uma forma peculiar de uma samambaia que se desenvolveu na Nova Zelândia fosse taxado de subversivo, ou ainda que a descrição do novo espécime fosse tida como errada simplesmente porque ele não consta nos livros de botânica britânicos?

Dito isso, temos que nesse estudo serão contempladas as regras gramaticais do PBC, conforme descritas pelos estudos de Bagno (2011), Castilho (2012), e Neves (2011). Os *espécimes* descritos por esses *linguistas-botânicos* são encontrados no território brasileiro, e têm um grande parentesco com outros espécimes de outras terras como Portugal, Moçambique e Angola. Ainda assim muitos são endêmicos e só são vistos na *Terra Brasilis*.

2.2 Uma fotografia do Português Brasileiro Contemporâneo

Antes de descrever os pontos a serem tratados, é necessário delimitar o que se entende por PBC. Nas palavras de Ramos e Coelho temos que:

O português brasileiro, assim como toda língua, não é homogêneo e, dessa forma, a variante padrão é apenas uma entre o rico conjunto de suas variantes. Apesar de seu prestígio social, tal variante não representa, por excelência, a língua falada no vasto território brasileiro. (Ramos e Coelho, 2013: 43)

Dentro do entendimento que essa tese se limitará a estudar uma *fotografia* específica de um *espécime* da LP, é essencial delimitá-la, antes que se possa dar sequência à sua análise. Assim esse item se destinará a descrever o que aqui se entende por PBC.

Como obras de referência dos fundamentos da gramática do PBC, foram usados três livros, sejam eles: Gramática Pedagógica do Português Brasileiro (Bagno, 2011), Gramática de Usos do Português (Neves: 2011) e Gramática do Português Brasileiro (Castilho: 2012). Dessas três obras, a *fotografia* sobre a qual essa tese se debruça e analisa retrata o PBC, com distribuição por todo o território nacional brasileiro, em suas modalidades oral e escrita, em contexto formais e informais, realizada por falantes nativos de diversas faixas etárias e gêneros. A seguir será apresentado o que cada uma dessas obras entende por PBC.

2.2.1 Gramática Pedagógica do Português Brasileiro

Ao apresentar a que se destina sua obra, Bagno (2011) delimita os aspectos básicos de sua gramática, dizendo ser ela *propositiva*, *pedagógica*, um *projeto epistemológico*, *político-ideológica*, *teórica* e por fim *histórica*:

[...] essa obra é uma **gramática**, na medida em que pretende examinar e descrever o funcionamento de uma língua específica, o **português brasileiro contemporâneo**. Esse exame-descrição, no entanto, não é exaustivo, pois o mais importante nesse projeto é destacar as **especificidades** da nossa língua, as que tornam ela diferente das outras línguas de seu grupo [...] e também das demais línguas da família românica. (Bagno, 2011: 14)

Está claro aqui que o autor se propõe a escrever uma obra pertencente ao gênero das GDs, e que o objeto de estudo é o PBC. Mas tanto ou mais importante que isso é o que Bagno entende por *propositiva*:

[...] porque [a obra] não se limita a descrever ou a expor o português brasileiro, mas **propõe efetivamente a plena aceitação de novas regras gramaticais** que já pertencem à nossa língua há muito tempo e, por isso, devem fazer parte do ensino sistemático da língua. (*ibid.*: 14)

O uso do termo *propositiva* abre margem para a falsa interpretação de que essa obra seria também prescritiva, apresentando as novas formas *corretas* e refutando todas as demais. A isso Bagno se refere como *prescritivismo às avessas*, e sobre o tema ele afirma:

Uma coisa, porém, deve ficar muito clara [...] O fato de existirem regras gramaticais mais usadas pelos brasileiros cultos do que as regras prescritas pela tradição gramatical não nos autoriza a querer implantar um *prescritivismo às avessas*. [...] O uso dessas regras mais conservadoras tem que ser encarado como uma opção *entre as várias que o falante pode fazer no momento de falar-escrever*. (Bagno, 2011: 67)

Ainda sobre a mesma questão da *prescrição às avessas*, Faraco nos traz que é importante não confundir *preferência* com *obrigatoriedade*:

Obviamente, ninguém é obrigado a adotar as inovações. [...] Mas o fato de ter uma atitude mais conservadora não lhe dá o direito de condenar os que usam formas inovadoras, em especial se elas são já correntes entre os falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. E ainda mais se elas já foram acolhidas pelos bons instrumentos normativos. (Faraco, 2008: 98)

Retomando a analogia entre o botânico e o linguista, a proposta de Bagno é descrever os *espécimes* brasileiros, amplamente conhecidos e utilizados, mas que ainda continuam a ser ignorados ou taxados como errados por alguns *botânicos* que não dispõem (ou não querem dispor) de um manual que os apresente.

O que há de peculiar na gramática de Bagno, é que assim como na de Castilho (vide item 2.2.3), a forma como o seu conteúdo é apresentado em nada se assemelha à forma como isso é feito em uma GT. Os temas são agrupados em livros, nos quais o autor coloca em foco aspectos específicos da língua. No Livro I é abordada a epistemologia do PB, no Livro II a História do PB, no Livro III a Multimídia do PB, no Livro IV a Lexicogramática do PB e no Livro V a Didática do PB.

Em cada um desses livros são abordados e vastamente discutidos os mais diversos fenômenos do PBC. Por se tratar de uma obra claramente pertencente ao gênero das GDs, esses fenômenos não são tachados como *certos* ou *errados*. O autor apresenta os dados, juntamente ao *corpus* do qual eles foram retirados, e algumas das vezes chega a apresentar os seus índices de ocorrência. Exemplo disso pode ser visto no quadro sobre o tema *objeto direto* e sua retomada anafórica (Bagno, 2011: 797).

Um outro aspecto fundamental da gramática, e que é apresentado já em seu título, é que ela tem o propósito de ser um material pedagógico. Sobre isso Bagno esclarece que a obra:

[...] é **pedagógica**, porque foi pensada para colaborar com a **formação docente** que no Brasil, é reconhecidamente falha e precária. Nossos cursos de Letras [...] se vinculam a um ideário cultural obsoleto, enraizado na sociedade burguesa do século XIX. Por isso, eles deixam de oferecer aos estudantes uma série de conhecimentos fundamentais enquanto, por outro lado, desperdiçam tempo com a

transmissão de conteúdos irrelevantes para quem vai exercer a profissão docente.
(*ibid.*: 14)

Daqui tiraremos proveito da grande discussão acerca da origem dos fenômenos estudados. Bagno procura tratar cada fenômeno em questão de uma maneira bem profunda e elucidativa. Para tanto lança mão de informações que diacronicamente explicam a sua evolução até chegar em seu estado atual. Ele explora ainda as possíveis formas e variações que são observadas no PBC e comenta a forma brasileira comparada às prescrições das GPs e GTs. A ideia é que os potenciais professores de português brasileiro como língua materna (PBLM) possam ser informados profundamente sobre o tema, para então poderem explicar os fenômenos de uma maneira simples e com argumentações sólidas e coerentes.

Essa tese trata do PBC no seu contexto de língua estrangeira (LE), mas no que se refere à língua quanto aos seus fenômenos e à forma como eles se manifestam o entendimento é que não há razão para distinção entre língua materna (LM) e LE.

2.2.2 Gramática de Usos do Português

A primeira frase da *Apresentação* da obra já traz o panorama geral do que a gramática se propõe: 'A *Gramática de usos do português* constitui uma obra de referência que mostra como está sendo usada a língua portuguesa atualmente no Brasil.' (Neves, 2011: 13). Aqui a autora apresenta claramente o intuito da obra: ela trata do PBC e é uma obra de *referência*, o que a inclui no conjunto das GDs. Sobre isso, mais adiante a autora faz a ressalva que:

Embora a gramática de usos não seja, em princípio, normativa, para maior utilidade ao consulente comum a norma de uso é invocada comparativamente, de modo a informar sobre as restrições que tradicionalmente se fazem a determinados usos atestados e vivos (*ibid.*: 14)

Exemplo disso está quando são abordados os *pronomes pessoais*. Ao tratar das funções desses pronomes, têm-se: 'funcionam como sujeito e como complemento as formas tônicas **ele** (e flexões), **nós**, **vós**.' (*ibid.*: 456) Logo adiante é apresentado que:

a gramática normativa só admite que essas formas ocorram como **complemento** se preposicionadas. Entretanto, especialmente na linguagem falada, mas também na escrita, ocorrem enunciados como: [...] *Benê levou **ele**. Levou quase à força.* [...] (*ibid.*: 457)

Ou seja, a autora lança mão de uma forma tradicional de apresentar os diversos tópicos gramaticais, coloca as formas do PBC em contraste com que foi prescrito pelas GTs e GPs, mostra exemplos do uso autêntico do PBC, para então os explicar e legitimar.

Voltando à *Apresentação* da obra, é dado destaque ao entendimento que os *usos* da língua são elementos de grande importância para a análise das suas formas e das funções sintáticas que diferentes itens lexicais podem assumir. Sobre isso Neves afirma que ‘O que está abrigado nas lições é portanto, a **língua viva**, funcionando e, assim, exibindo todas as possibilidades de composição que estão sendo aproveitadas pelos usuários para obtenção do sentido desejado em cada instância’ (*ibid.*: 13)(grifo meu). Daqui entende-se claramente que a obra se propõe a tratar de como a língua é *usada*, e não de prescrever a forma como ela *deve ser usada*.

Para tanto essa gramática usou um *corpus* muito vasto, e os usos foram retirados de um banco de dados de 70 milhões de ocorrências disponíveis no Centro de Estudos Lexicográficos da UNESP - Campus de Araraquara. Sobre o corpus temos que

[o corpus] abriga textos escritos de literatura romanesca, técnica, oratória, jornalística e dramática, o que garante diversidade de gêneros e permite a abrangência de diferentes situações de enunciação, incluindo a interação, sendo notável a representatividade da língua falada, encontrada na simulação que dela fazem as peças teatrais. (*ibid.*: 14)

No que se refere aos objetivos da obra, está explícito que o volume se destina tanto ao falante comum quanto ao estudioso da língua portuguesa. A gramática tem por objetivo ‘prover uma **descrição** do **uso efetivo** dos itens da língua, compondo uma gramática **referencial** do português.’(*ibid.* : 14)(grifos meus). Mas adiante ‘pretende-

se que haja uma apropriação dos resultados por parte de toda a comunidade de usuários da língua' (*ibid.*: 14).

Retomando a metáfora do linguista-botânico, Neves, assim como Bagno, tem aqui a clara diretriz de legitimar os *espécimes* encontrados no Brasil. Ela os apresenta, descreve, mostra sua ocorrência, seus usos e afirma que apesar de alguns *botânicos* usarem manuais de botânica de outros continentes, cristalizados em tempos passados, à revelia deles aqui está o que temos vivo e pulsante no Brasil.

2.2.3 Nova Gramática do Português Brasileiro

Essa gramática, assim como a de Bagno (2011) não apresenta a língua de acordo com os padrões das GTs. Aqui a língua é apresentada de uma forma altamente inovativa, através da qual o autor se propõe a dar voz aos falantes da língua, transformando os 'leitores numa espécie de coautores' (Castilho, 2012: 33). Castilho deixa clara a meta de não apresentar uma GP, e vai na verdade além dos preceitos das GD; ele afirma que em sua gramática não serão encontradas respostas taxativas aos fenômenos descritos. Ele incita os leitores a serem eles mesmos os gramáticos. Uma posição epistemológica extremamente inovativa e interessante.

Cabe a Rodolfo Ilari apresentar a obra de Castilho. Sobre o propósito da obra ele nos traz que:

[...] em vez da atitude de filólogo, que consiste em fazer reviver **estados passados** da língua a propósito de textos, [esse livro] toma como objeto de estudo a língua em seu **estágio atual**. Em vez da obsessão prescrita própria dos gramáticos, que leva a falar da **língua irreal** como se ela existisse de fato, encontramos nele a preocupação de apresentar ao leitor **fatos concretamente observados**, com todo o rigor possível. Em vez de tomar como referência os textos escritos, elege como amostra preferenciada língua a sua manifestação aparentemente mais caótica - a conversação falada. Em suma, um livro que fala da **língua tal como ela** é e não recua em face de sua aparente falta de regularidade. (Ilari in Castilho, 2012: 26) (grifos meus).

Mais uma vez o que temos nessa gramática é o registro e concessão de status de legítimas às formas e fenômenos do PBC. As formas registradas nas tradicionais GPs são entendidas como *estados passados* de uma *língua irreal*. Castilho afirma

que 'faltava clarificar a gramática do português brasileiro, par dar status científico à sua percepção' (*ibid.*: 31).

Embora não se refira diretamente aos *corpora* utilizados na gramática, Castilho apresenta um quadro com os principais *corpora* que documentam o PB, sejam eles:

- a partir de 1969: Projeto da Norma Urbana Linguística Culta, ou Projeto NURC;
- a partir de 1983: Projeto Censo Linguístico do português do Rio de Janeiro e Projeto de Estudo de Usos Linguísticos (PEUL);
- a partir de 1980: banco de dados Usos do Português, do Centro de Estudos Lexicográficos da Universidade Estadual Paulista, Campus Araraquara;
- a partir de 1988: A linguagem falada em Fortaleza;
- a partir de 1992: Projeto variação do português do sul (Varsul);
- a partir de 1993: Projeto variação linguística do Estado da Paraíba;
- a partir de 1997: Projeto para a História do Português Brasileiro;

Para ilustrar os fenômenos descritos a obra utiliza diversos exemplos desses bancos de dados. Mais à frente o autor discorre sobre as diversas variações dentro do PBC, englobando desde aspectos relativos à localização geográfica, passando por gênero, faixa etária, chegando até o registro falado e escrito. A gramática de Castilho engloba os mais diversos aspectos do que se entende hoje por PBC. Ele apresenta um *continuum* da língua falada-língua escrita (Imagem 2.1).

←----->

Conversa - Diálogo de peça teatral - Conferência, discurso - Notícia de jornal - Ensaio

Imagem 2.1: *Continuum* língua falada - língua escrita
(adaptado de Castilho, 2012 : 222)

Temos assim que o retrato do PBC, ainda que eleja como *amostra preferencial* a forma falada da língua, nos mostra as suas mais diversas manifestações, como um *continuum*, das últimas quase cinco décadas.

2.3 A norma culta e a norma curta

Aqui serão apresentados os trabalhos de Bechara (2005) e Cunha e Cintra (2007). É importante ressaltar o que foi trazido por Faraco (2008) e mencionado anteriormente, sobre o *prescritivismo às avessas*. O simples fato das normas gramaticais apresentadas pelos gramáticos serem legítimas e devidamente descritas não implica e nem deve implicar na sua aceitação como única forma correta. As normas e regras que apresentam a variante do PBC culto, respondem por apenas uma dentre as tantas formas que o PBC pode se manifestar nos diversos contextos.

O que está em questão aqui, ao tratar de prescritivismo, é que ao descrever uma língua as inúmeras regras já consagradas em uso, seja oral ou escrito, descritas e autenticadas ainda sejam taxadas como *desvios* da norma padrão, ou não sejam nem mesmo citadas nas gramáticas representativas da TGB. Sobre isso Bagno nos traz que:

Convém sempre ter na lembrança [...] essas características da norma-padrão: ela representa uma *seleção arbitrária de regras*, feita num *determinado lugar*, numa *determinada época*, para uso de um *grupo restrito de falantes/escreventes*. Ela não representa, de modo nenhum, a língua realmente empregada por todos os falantes, em todos os lugares, em todas as épocas da história. (Bagno, 2010: 49)

É importante ter em mente a ideia de representatividade do fenômeno. Apresentar como regra uma forma com ocorrência de 10%, relegando à categoria de *desvio da norma* uma forma com ocorrência de 90%, é entendido como prescritivismo.

É daqui que surge o trocadilho de Faraco (2008) entre a *norma culta* e a *norma curta*. Ele diz que enquanto a *norma culta* descreve um idioma num registro mais monitorado, e é o utilizado como referência padrão, não constituindo uma norma única, mas um conjunto de possibilidades, a *norma curta* representa uma língua fictícia, que talvez tenha existido da forma como é representada em algum momento do passado, mas que não reflete a realidade sincrônica do idioma. E é justamente por isso que é chamada de *curta*, por não conseguir abarcar e apresentar a língua como ela é. Sobre isso ele afirma que:

[a norma curta é] uma concepção que apequena a língua, que encurta a sua riqueza, que não percebe (por conveniência ou ignorância?) que o uso culto tem abundância de formas alternativas e não se reduz a preceitos estreitos e rígidos. Infelizmente, é a norma *curta* que tem sido usada, no Brasil, para balizar os juízos sobre os fatos da língua portuguesa com muito mais força que os bons instrumentos normativos fundados em sólida pesquisa filológica e linguística (Faraco, 2008: 64 e 65)

Dito isso, antes mesmo de entrar nos fenômenos propriamente ditos, cabe aqui justificar o porquê da escolha das obras de Bechara (2005) e Cunha e Cintra (2007) como representativas do que aqui é entendido como modelo de TGB. Esse é o tema dos itens que seguem.

2.3.1 Moderna Gramática Portuguesa

O Professor Evanildo Bechara tem sua carreira dedicada ao estudo da língua portuguesa, em suas diversas variantes, tendo por foco, mas não se restringindo ao PB. Ele é Professor titular e emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Filologia. Sua obra, *Moderna Gramática Portuguesa*, teve sua 1ª edição em 1961, e o exemplar utilizado como base dos estudos nessa tese já está em sua 38ª edição. Essa edição foi, segundo o autor, devidamente revista, ampliada e atualizada, de tal forma que em relação à primeira edição, afirma ser esse um novo livro.

É interessante notar que ao descrever sua obra, Bechara afirma se tratar de uma obra de cunho descritivo:

Dificilmente haverá seção da *Moderna Gramática Portuguesa* que não tenha passado por uma consciente atualização e enriquecimento: atualização no plano teórico da **descrição** do idioma, e enriquecimento por trazer à **discussão** e à orientação **normativa** a maior soma possível de **fatos gramaticais** levantados pelos melhores estudiosos da língua portuguesa, dentro e fora do país [...] (Bechara: 2005: 19) (grifos meus)

Daqui temos alguns pontos interessantes. Observe que o autor nos traz que a obra não se trata de um estudo obsoleto, que deixou de ser revisto ou enriquecido ao

longo dos anos, mas sim enriquecido trazendo *fatos gramaticais* apresentados pelo que o próprio autor, de acordo com seu juízo, considera como *os melhores estudiosos da língua portuguesa* . Mais à frente ele apresenta esses estudiosos como os ‘melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros’ (*ibid.*: 19).

A partir dessas palavras, temos a expectativa de que a obra represente uma *fotografia* da língua portuguesa, sob o ponto de partida que a mesma é *tirada* sob a perspectiva brasileira, uma vez que se tem por base os melhores linguistas em atuação nos centros universitários brasileiros, mas também representativa do português de outras localidades, que não o Brasil.

Entendemos por *descrição* que a obra deva se ocupar de apresentar os *fatos gramaticais* , como o próprio autor afirma. Ou seja, esses fatos devem ser mostrados e descritos, sem juízo de valores. Descritos no sentido que eles possam pertencer à norma padrão do PBC, a um português internacional, à norma culta, ao contexto falado, ao contexto escrito, no nível formal, informal, etc. Sem juízo de valores no sentido que se um determinado fenômeno é utilizado por uma parcela significativa da população que utiliza a língua descrita, de tal forma que chegue a ser categórico, cabe ao autor de uma gramática descritiva apresentar o fenômeno e descrever o seu uso, em seus diversos contextos.

Repito que, a partir do que é dito pelo próprio Bechara em seu prefácio, é esperado nada mais que a descrição dos fatos gramaticais. Ainda sobre isso, o autor continua mais à frente:

A orientação aqui adotada resulta da nossa convicção de que ela [a gramática] também pode oferecer elementos de efetiva operacionalização para uma proposta de **reformulação da teoria gramatical** entre nós, especialmente quando aplicada a uma obra da natureza desta *Moderna Gramática Portuguesa* , que se alia a preocupação de uma científica **descrição sincrônica** a uma visão sadia da gramática normativa, **libertada do ranço do antigo magister dixit** e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas. (*ibid.*: 19 e 20) (grifos meus)

Aqui temos mais alguns pontos interessantes, a começar pela noção de 'reformulação da teoria gramatical'. Por não entrar em maior detalhes a esse respeito, pode-se subentender que por *reformulação* Bechara entenda (1) a reorganização de diferentes categorias gramaticais, pertencentes à gramática clássica grega, e que não se adequam satisfatoriamente à gramática do português moderno, cabendo daí uma reformulação, ou (2) a forma como o conteúdo gramatical é apresentado no que se refere ao contraponto entre a tradição prescritiva em contraste à descritiva. Se for esse o caso (2), a intenção é reforçada ao apresentar a preocupação científica da obra, refutando o 'ranço do antigo *magister dixit*', expressão do latim que se traduz por 'o mestre disse', e se refere justamente à ideia de se construir uma argumentação tomando por base alguém de notório saber, ou uma tradição que não é contradita tendo sido apresentada por uma autoridade inquestionável. Ou seja, Bechara nos traz aqui o intuito descritivo, e não dogmático ou prescritivo de sua gramática.

Essa preocupação científica reforça ainda o que foi trazido no item 2.1.2, ao tratar do botânico e do linguista. Isso no sentido que cabe ao linguista, assim como ao botânico, descrever as novas espécies encontradas em seu campo de pesquisa, eximindo-se do juízo de valores, no caso tratando de algum fenômeno como *existente x inexistente* em lugar de *certo x errado*.

O último ponto que ainda merece destaque na apresentação da obra está ligado à 'descrição sincrônica' da língua. Bechara aqui precisa um pouco mais qual será a língua fotografada: 'a língua portuguesa de dentro e de fora do Brasil, reconhecida por linguistas reconhecidos do território brasileiro, em sua forma sincrônica.' (*ibid.*: 19) Aqui está explícito que a obra se ocupa da língua no momento presente, e embora não especifique um determinado período, a palavra *sincrônico per se* já deixa claro não se tratar de uma língua de 300 anos atrás.

Dessa forma, de acordo com a apresentação da Moderna Gramática Portuguesa, pelas palavras do próprio autor, essa obra tem por intuito ser descritiva, atualizada, sincrônica, e reconhecida por gramáticos de universidades brasileiras. Entretanto ela foi escolhida como representante da TGB por se silenciar sobre alguns pontos já

tidos como categóricos por outros reconhecidos gramáticos de universidades brasileiras. Quando não há o silêncio, propriamente dito, há a subcategorização de regras do PBC, como desvio da norma descrita em sua obra. Justamente pela questão de ter como intuito descrever a língua, o silêncio se torna muito eloquente e é portanto aqui interpretado como prescritivismo implícito.

A prescrição poderá ser vista com mais clareza ao se entrar na discussão a respeito dos três fenômenos em foco. O entendimento de Bechara será comentado, em cada um dos itens.

2.3.2 Nova Gramática do Português Contemporâneo

Assim como Bechara, Cunha e Cintra são filólogos de credenciais e experiência incontestáveis, com um vasto número de obras e textos acadêmicos publicados sobre a língua portuguesa. No prefácio de sua obra os autores nos apresentam uma descrição sucinta e efetiva de qual é o objeto (i.e., a língua) retratado em sua gramática:

Parecia-nos faltar uma descrição do **português contemporâneo** que levasse em conta, simultaneamente, as diversas normas vigentes dentro do seu vasto domínio geográfico [...] e servisse, assim, fosse de fonte de informação, tanto quanto possível completa e atualizada, sobre elas, fosse **guia orientador** de uma expressão oral e, sobretudo, escrita, que, para **o presente momento** da evolução da língua, se pudesse considerar '**correta**' [...] (Cunha e Cintra: 2007: XXIII)(grifos meus)

Aqui temos também alguns pontos que merecem destaque, a começar pelo fato da gramática declaradamente se ocupar do português contemporâneo. Mais à frente, os autores detalham o que entendem por 'contemporâneo', tratando de exemplos a partir do Romantismo, movimento que no Brasil teve seus maiores expoentes na segunda metade do séc. XIX (note bem: há mais de 150 anos). Entretanto aqui há um consciente destaque ao *presente momento* da língua.

Os autores seguem afirmando que o intuito é que a gramática sirva de um guia orientador. Nesse sentido, a interpretação que aqui é dada aponta que ela deveria se encaixar no campo das gramáticas descritivas, justamente por não ter em sua

natureza um aspecto prescritivo. Sobre isso, os autores destinam algumas páginas de sua obra à explicação mais detalhada do que se entende por *correto*. Sob esse aspecto eles estão de acordo com Bechara de que não se deve entender por *norma* o que se *pode* ou *deve* dizer, mas 'o que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada.' (*ibid.*: 08). Aqui os tempos verbais de *dizer* são de fundamental importância, em especial por se tratar não apenas do *pretérito*, i.e. a forma como a língua já foi usada outrora, como o *presente* momento, a sincronia. Ou seja, dentro dessa perspectiva, as formas utilizadas categoricamente na língua, tanto no presente momento, como também no passado, são entendidas como *corretas*.

Cunha e Cintra (*ibid.*) vão ainda um pouco mais além no que se refere ao que é entendido como *correto*, afirmando que a sua gramática apresenta o português do ponto de vista *diatópico*, *diastrático* e *diafásico*. Por *diatópico* entende-se as diferenças no espaço geográfico, por *diastrático*, as diferenças entre as camadas socioculturais, e por *diafásico*, as diferenças entre os tipos de modalidade expressiva. Com isso, os autores pretendem apresentar em sua gramática a língua portuguesa de uma forma significativamente ampla. Conforme explicado no item 2.1.1, uma *fotografia* da língua tirada assim à distância provavelmente encontrará dificuldades ao retratar detalhes da língua, por não poder focalizar no específico.

Com relação à questão da representação diastrática da língua, temos que ainda que se ocupe de registros formais literários, a forma coloquial não foi desconsiderada.

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado por escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descaramos, porém, dos fatos da **linguagem coloquial**, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas. (*ibid.*: XXIV) (grifo meu)

Em suma, essa gramática se ocupa do português em suas mais diversas formas, desde que sejam contemporâneas, embora também entenda como exemplos de português contemporâneo textos produzidos há mais de um século e meio. Ainda

assim, pretende englobar o português do presente momento, e *correto*, de acordo com as ressalvas sobre a forma como esse termo é interpretado.

Aqui, assim como na apresentação da gramática de Bechara (2005), a obra traz o intuito de englobar uma descrição ampla e abrangente da língua, ainda que com um viés mais prescritivo, mesmo com as ressalvas sobre o que é entendido como *correto*. Interessante é que aqui também, ao contrário do que é dito, o eloquente silêncio a respeito de algumas formas categóricas, estejam elas presentes em *apenas* uma das tantas variantes do português, i.e. o PBC, nos leva a crer que a interpretação da obra, ao contrário do que afirmam seus autores, é também implicitamente prescritiva. Tanto a gramática de Bechara (*ibid.*) quanto a de Cunha e Sintra (2007) são representativas do que se entende por TGB.

2.3.3 O viés prescritivista das obras representantes da TGB

Antes de seguir, cabe ressaltar que ambas as gramáticas tomadas aqui como representativas da TGB são de larga difusão no Brasil e são indubitavelmente de inegável mérito. Ao afirmar que elas têm uma natureza prescritiva, se opondo ao que os próprios autores se propõem em suas obras, não se pretende aqui insinuar um intuito desonesto dos mesmos. Apenas que dentro do entendimento desse estudo, elas são categorizadas como prescritivas, representantes da TGB.

Sobre a gramática de Bechara (2005), Bagno afirma que:

[ela] apresenta um importante movimento de transição da tradição prescritiva para uma abordagem mais sintonizada com os avanços da linguística científica. [...] a abordagem dos fenômenos linguísticos se faz muitas vezes em declarada contraposição à tradição e com base em postulados teóricos de correntes científicas contemporâneas. (Bagno, 2011: 24)

Esse entendimento de prescritividade se justifica pelo fato já citado de determinados fenômenos e *atos gramaticais* terem sido omitidos, ou relegados a sub-categorias, ou desvios. Esses fatos não são irrelevantes, de pouco uso, ou endêmicos, mas pelo contrário, são categóricos no que é entendido por Bechara (2005), e Cunha e Cintra (2007) como uma das variantes da língua portuguesa que eles se propõem a documentar, seja ela o PB.

Essa não-presença em obras que se propõem a descrever a língua sincrônica como ela é é interpretado como prescritivismo. Isso porque quando os *fatos* gramaticais são omitidos da gama de possibilidades de realização da língua (seja do do ponto de vista *diatópico*, *diastrático* ou *diafásico*), intrinsecamente fica a ideia que esses fatos ou não existem, ou não devem ser considerados como pertencente à língua. Daí a prescrição.

Se ainda isso não fosse suficiente, pode ser observado ao longo de ambas as obras tipos claros de prescrição. Exemplo disso está em Cunha e Cintra, ao tratar da forma como o pronome em função de objeto direto *deve* ser empregado:

Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito frequente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em frases do tipo: ‘vi *ele.*’, ‘Encontrei *ela.*’ Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma [...], deve hoje ser evitada. (Cunha e Cintra, 2007: 302)

Ao afirmar que determinada forma *deve ser evitada*, a prescrição não está mais implícita, mas sim explícita e direta. E que essa mesma prescrição contradiz o que os autores apresentaram anteriormente como o que é entendido por *correto*, i.e. ‘o que já se disse e tradicionalmente se **diz** na comunidade considerada’ (*ibid.*: 08) (grifo meu). Paradoxalmente, essa forma é apresentada como *muito* frequente, o que é um dos critérios para que seja incorporada à gramática da língua, e ainda assim é uma forma que *deve ser evitada*. Aqui os autores vão diretamente de encontro ao seu propósito de que a gramática seja descritiva e um guia orientador.

2.4 Estudos sobre o tema

O crescente interesse pelo ensino e aprendizagem da LP no contexto de LE pode ser explicado tanto por questões de ordem política, como o fato da LP ser o idioma oficial de grandes mercados internacionais como a UE e o Mercosul, mas também por questões de ordem econômica, como o fato do crescimento da representatividade econômica do Brasil no quadro internacional nas últimas décadas.²

² A despeito do profundo impacto negativo nos índices socio-econômicos desde os golpes de 2017.

Isso se reflete no ensino de PLE em muitas universidades dentro do território brasileiro. No momento da escrita dessa tese havia 12 universidades oferecendo cursos específicos de PLE, e 2 (UnB e UFBA) oferecendo curso de graduação em PLE (Brocco, 2009). Também significativo é o número de programas de ensino de PLE em outros países, como por exemplo Urbana-Champaign, e Austin Texas University, ambas nos Estados Unidos; University of Toronto, no Canadá; Università degli Studi di Padova, e Università degli Studi di Lecce, ambas na Itália; Université Charles-de-Gaulle, e Université Lumière, ambas na França, dentre tantas outras.

A presença de estudos e programas relacionados ao PLE nessas diversas instituições impulsionou a produção de inúmeros trabalhos acadêmicos acerca dos MDs de PLE, sejam eles artigos, teses, livros, etc. Uma vez que essa tese se propõe a analisar MDs de PBC no contexto de LE, é importante apresentar outras obras ligadas ao tema, e o que foi o objeto de seus estudos.

Três obras representam campos distintos dentro da área da análise de MD de PB, sejam elas:

- Português para estrangeiros e os materiais didáticos: um olhar discursivo (Pacheco, 2006);
- A gramática em contexto teletandem e em livros didáticos de português como língua estrangeira (Brocco, 2009);
- A abordagem (inter)cultural no ensino-aprendizagem de português brasileiro língua estrangeira - análise de uma unidade didática (Batista, 2010);

Embora todos esses estudos se ocupem de MD de PB, cada um deles aborda o tema sob um aspecto distinto. Pacheco (2006) se ocupa principalmente da abordagem comunicativa de ensino, tratando dos conceitos de autenticidade e comunicação, no contexto de ensino de LE. O estudo de Brocco (2009) traz um enfoque distinto desse, e se ocupa da questão do ensino de PLE a distância. O foco está no ensino de gramática nos MD no contexto de teletandem. Já Batista (2010) coloca em foco a preocupação com os aspectos culturais trazidos junto aos

conteúdos propriamente linguísticos nos MD de PB. A preocupação é acerca de estereótipos culturais apresentados nesses materiais.

Esses trabalhos são representativos de alguns dos principais campos de pesquisa relacionados ao estudo dos MDs no contexto de PBLE; eles colocam em foco questões de metodologia de ensino, de usos de tecnologia e representação cultural, respectivamente. A presente tese se ocupará da representatividade do PBC nos MDs, utilizando para tal aspectos gramaticais apresentados nos MDs em questão.

3. Metodologia

Neste capítulo objetiva-se (1) discorrer a respeito dos temas escolhidos para a análise dos MDs e apresentá-los de modo sucinto; (2) apresentar os princípios adotados para a seleção dos MDs; (3) apresentar os procedimentos empregados na análise dos dados.

3.1 Abrindo as portas para o PB: as chaves

Ao aprender um novo idioma deve-se estar disposto a ir além das estruturas gramaticais, do sistema fonético e lexical da língua. Tão importante quanto isso, ou até mesmo mais importante, seria compreender a forma como a língua é utilizada, e isso se dá através do conhecimento da cultura da qual ela faz parte, bem como o contexto em que a língua é utilizada.

Essa preocupação está clara no documento que delinea o Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas³ (QECRL) redigido pelo Conselho da Europa (2001). Ao tratar da competência comunicativa em uma língua são apresentados três componentes essenciais: o linguístico, o pragmático e o sociolinguístico. Enquanto que a *competência linguística* ‘inclui os conhecimentos e as capacidades lexicais, fonológicas e sintáticas, bem como outras dimensões da língua enquanto sistema’ (*ibid.*: 34), e *as competências pragmáticas* ‘dizem respeito ao uso funcional dos recursos linguísticos (produção de funções linguísticas, actos de fala)’ (*ibid.*: 34), *as competências sociolinguísticas* ‘referem-se às condições socioculturais do uso da língua. Sensível às convenções sociais, a componente sociolinguística afecta fortemente toda a comunicação linguística [...], embora os interlocutores possam não ter consciência desse facto.’ (*ibid.*: 34).

Para que se possa praticar um novo idioma com proficiência é necessário ter acesso às *chaves* que abrem as portas para o novo mundo do qual a língua faz parte. Essas *chaves*, conforme apresentado aqui, não se restringem às que abrem as portas para a gramática. Porque sim, é de grande relevância que alguém conheça as normas de colocação pronominal em português. Essa é uma chave muito importante, mas ter

³ O QECRL foi escolhido em detrimento ao Celpe-Bras, dentre outras questões, especialmente pelo fato do último não possuir nível equivalente a *iniciante* (níveis A, dentro do QECRL), tendo a classificação de níveis a partir de *intermediário*. (INEP, 2018)

em mãos e não saber como usar é tão irrelevante quanto ter uma colher, quando se necessita de uma faca. Saber usar diz respeito a compreender o contexto pragmático e social que a *chave* se aplica.

Trazendo a comparação para o contexto dessa tese, especula-se que algumas das *chaves* apresentadas nos MDs de PBLE não abram mais as portas para o PBC. Muitas dessas *chaves* abriram portas em outros tempos e lugares, e por uma questão de desenvolvimento natural da língua, não podem mais ser utilizadas, ou têm um uso altamente restrito atualmente no Brasil.

Exemplo disso é entender que embora conste em muitas gramáticas que é obrigatória a retomada anafórica do objeto direto, em PBC essa *chave* não abre mais *portas*, como é mostrado por Bagno (2009). Embora essa regra exista, restrita a contextos escritos formais, ainda lá são encontrados predominantemente a forma amplamente utilizada de objeto vazio:

Se tem uma coisa que a gente pode afirmar com muita segurança a respeito do português brasileiro é que na nossa língua [...] os pronomes oblíquos de 3ª pessoa - *o, a, os, as* - estão praticamente extintos. Só conhecem esses pronomes (mas nem por isso usam) as pessoas que frequentaram a escola e que, ali, entram em contato [...] com os quadros pronominais da língua literária clássica e, por causa desse contato, sofrem pressão da norma-padrão conservadora. [...] No lugar dos oblíquos, nós usamos com muito mais naturalidade e espontaneidade o pronome *e/le* (e flexões), ou simplesmente não usamos nada, deixamos em lugar o objeto vazio.' (Bagno, 2009: 149 e 150).

Ou seja, aquela *chave da GP* não abre mais as portas do PBC; ao tentar usar o aprendente da língua se dá com portas fechadas. Nesse exemplo, essa *chave*, que aparentemente seria do campo da *competência linguística*, não pode ser aplicada, demonstrando que faltou o conhecimento da *competência sociolinguística e pragmática*.

Nessa tese foram escolhidas algumas *chaves* que abrem muitas portas do PBC, justamente por fazerem parte do seu sistema linguístico, pragmático e sociolinguístico. Isso é, elas foram descritas gramaticalmente, são amplamente

utilizadas nos atos de fala, dentro dos mais diversos contextos culturais e pertencem às mais diversas condições sociais. Conforme apresentado na Introdução, aqui trataremos das seguintes *chaves*, cada qual apreciada em mais detalhes na sequência:

- (i) sintagma *a gente*
- (ii) estratégias de pronominalização
- (iii) sintagma *dele*

No que se refere a (i), há no PBC uma equivalência semântica entre as formas *nós* e *a gente*. Ainda que não seja um fenômeno exclusivo do Brasil, esse é um traço muito característico. Entretanto, em na TGB (Bechara, 2005; Cunha e Cintra, 2007) essa forma é tida como um desvio da norma padrão e quando mencionado é entendido ou como algo a ser evitado, ou como uma variedade pertencente unicamente à forma oral, e restrita a contextos informais.

Com relação a (ii), é trazido pela TGB que em língua portuguesa existem três possibilidades para a colocação pronominal, sejam elas a ênclise, a próclise e a mesóclise. Enquanto que a última não mais pertence ao PBC (Bagno, 2009), com relação às demais há também no PBC uma forte tendência para o uso da próclise (tanto na forma oral quanto na escrita) e um uso reduzido da ênclise, hoje resguardado ou para contextos orais altamente regulados e com grande grau de formalidade ou para textos escritos regulados (Castilho, 2012). A retomada anafórica de *e/e*, quando apresentada, é relegada à notas de rodapé, ou taxadas como uso incorreto, indevido, ou marca de oralidade. A TGB nem sequer menciona a possibilidade do objeto-nulo, e seu silêncio é bastante eloquente.

Quanto a (iii), temos em PBC o fenômeno da substituição da forma *seu* (e suas variantes) por *dele* (e suas variantes). Segundo Castilho e Elias (2012) ‘a substituição de *seu* por *dele*, como possessivo da 3^o pessoa resolveu um problema de ambiguidade no português brasileiro.’ (*ibid.*: 104). A forma *dele* é utilizada amplamente na língua tanto oral quanto escrita.

Todos esses temas (de i a iii) já foram vastamente registrados, discutidos, descritos e validados por gramáticos e linguistas que se dedicam a estudar e descrever o PBC e estão presentes em obras de Bagno (2011), Castilho (2012), Ilari e Basso (2006), Neves (2011) e Faraco (2008). Dada a sua representatividade e alta ocorrência, seria de se esperar que um manual que se propõe a ensinar o PBC abordasse esses temas e os trouxesse ao patamar de um uso legítimo.

Será investigado como cada tópico é abordado nos MDs analisados, tendo em mente a pergunta de pesquisa: **Em que medida o material didático para o ensino da português brasileiro como língua estrangeira é representativo do português brasileiro contemporâneo?**

Em suma, sobre os pontos (i) a (iii) é importante que fique claro que o intuito não é fazer um prescritivismo às avessas (Bagno, 2011). Entretanto, um manual que se proponha a ensinar o PBC deve se ocupar dos usos amplos e difundidos da língua e relegar as formas eruditas e pouco usadas às notas de rodapé, ou aos níveis mais avançados de proficiência da língua (C1 e C2, dentro dos parâmetros do QECRL).

3.1.1 Outras chaves

Além dos três tópicos colocados em foco nessa tese, há outros temas de interesse no campo dos estudos do PBC, por seu caráter particular e sua grande ocorrência e representatividade. Dá-se aqui destaque a dois deles: (i) o *modo imperativo* e as (ii) *orações ergativas*. Sobre o *modo imperativo*, Scherre (2007) escreveu um estudo aprofundado. Ela aponta nada menos que 5 variações de uso do imperativo, com usos vinculados a diferentes regiões do Brasil (imagem 3.1).

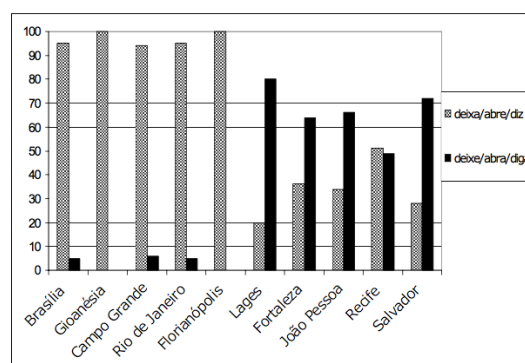


Imagem 3.1 Distribuição do imperativo gramatical no eixo geográfico em diálogos de língua falada (Scherre, 2007: 194)

Um dos critérios básicos para a escolha de quais aspectos do PBC a serem abordados na tese é que eles sejam altamente representativos do PBC como um todo. Os três pontos analisados são todos de ampla utilização em todo o território nacional. Embora seja de grande interesse e relevância o estudo de como esse modo verbal é apresentado nos MDs do ensino de PBLE, optou-se por focar em tópicos de menor complexidade.

Um outro tópico interessante para outros estudos são as *orações ergativas*. i.e., aquelas em que o *sujeito* de um verbo transitivo é o *paciente* da própria ação. Logo abaixo temos alguns exemplos desse tipo de oração:

- (i) A bateria acabou.
- (ii) O carro está consertando.
- (iii) O vaso caiu e quebrou todo.

Sobre esse tipo de construção Bagno afirma que ‘o objeto não é explicitado porque, de fato, ele ocupa a posição de sujeito, enquanto o agente real da ação não é enunciado’ (*ibid.*, 2001: 586).

Embora seja uma construção sintática extremamente frequente e marcante do PBC, não foi colocada como um dos tópicos a ser avaliado nessa tese. Especula-se que as três *chaves* escolhidas para análise sejam de mais simples apresentação em MDs.

3.2 Escolha dos materiais analisados e organização dos dados

Embora tenha sido observado nos últimos anos um crescente interesse por publicações voltadas para o ensino de PBLE, o número de edições destinadas a esse tema ainda é bem reduzido, se comparado a outras línguas como o inglês, o espanhol e o francês. Almeida (2007) especula que isso se deva ao fato do ensino de PLE ainda ter pouca expressividade no mercado mundial, apesar do seu grande número de falantes nativos. Em sua tese sobre *o ato de opinar em materiais*

didáticos de PLE2 (*ibid.*) a autora traçou um panorama (Imagem 3.1) sobre os MDs de PLE publicados no Brasil durante mais de meio século.

	1948	A língua portuguesa para estrangeiros (H. W. Töpker) – 2ª. Ed.
Português para Estrangeiros (M. Marchant)	1954	
	1964	Português para estrangeiros – segundo livro (M. Marchant)
Português: conversação e gramática (H. S. Magro e P. DePaula)	1973	
	1978	Português do Brasil para Estrangeiros 1 – conversação, cultura e criatividade (Yázigi)
Português Básico para Estrangeiros – (S. Monteiro) – 3ª. Ed.	1980	
	1981	Falando... Lendo... Escrevendo... Português: um curso para estrangeiros (E. E. O. F. Lima e S. A. Iunes)
Tudo Bem: conjunto pedagógico audiovisual 1 (R. Ramalhete)	1984	
	1985	Tudo Bem: conjunto pedagógico audiovisual 2 (R. Ramalhete)
Muito Prazer!: curso de português do Brasil para estrangeiros – Volume 1 (A. M. F. Santos)	1988	
Fala Brasil: Português para Estrangeiros (P. Coudry e E.F. Patrocínio)	1989	Muito Prazer!: curso de português do Brasil para estrangeiros – Volume 2 (A. M. F. Santos)
	1990	Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros (E. E. O. F. Lima e S. A. Iunes)
Avenida Brasil 1: curso básico de português para estrangeiros (E. E. O. F. Lima et al.)	1991	
	1992	Aprendendo português do Brasil: um curso para estrangeiros (M. N. C. Laroca, N. Bara e S. M. C. Pereira)
Avenida Brasil 2: curso básico de português para estrangeiros (E. E. O. F. Lima et al.)	1995	
	1997	Português para estrangeiros – Nível avançado – Leituras e exercícios práticos (M. Marchant)
Bem-Vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação (S. Florissi, M. H. O. Ponce e S. R. B. A. Burim)	1999	Falar... Ler... Escrever... Português: um curso para estrangeiros (E. E. O. F. Lima e S. A. Iunes)
	2000	Sempre Amigos: Fala Brasil para jovens (P. Coudry e E. F. Patrocínio)
Interagindo em Português: textos e visões do Brasil – Vols. 1 e 2 (E. R. Henriques e D. M. Grannier)	2001	
Tudo Bem? Português para a nova geração. – Vols. 1 e 2 (S. Florissi, M. H. O. Ponce e S. R. B. A. Burim)	2002	Passagens – Português do Brasil para Estrangeiros (R. Celli)
	2003	Diálogo Brasil (E. E. O. F. Lima, S. A. Iunes e M. R. Leite)
Português do Brasil para chineses (Y. Aiping)	2004	
Estação Brasil: português para estrangeiros (A. C. Bizon e E. Fontão)	2005	Português Via Brasil: um curso avançado para estrangeiros – Edição revista e ampliada (E. E. O. F. Lima e S. A. Iunes)
Panorama Brasil: ensino de português no mundo dos negócios (S. Florissi, M. H. O. Ponce e S. R. B. A. Burim)	2006	

Relação dos materiais de PL2E publicados no Brasil (Almeida, 2007: 26)

No período referido (1948 a 2006) a média de publicações está em um livro a cada dois anos e meio, aproximadamente. Entretanto, nos primeiros trinta anos do período analisado apenas 5 obras foram publicadas, enquanto que na última década foi publicado quase um livro a cada ano. Isso pode ser entendido como um crescente interesse pela língua.

Na presente tese foram escolhidas duas das obras elencadas por Almeida (2007) e outras 6, publicadas entre 2007 e 2014, sendo uma das quais uma edição atualizada de um livro originalmente publicado na década de 1950. A escolha dos títulos estudados nesse trabalho atende a três fatores:

- i. a obra se enquadrar como material didático (e não para-didático);
- ii. a descrição da obra apresentada pelos autores (ou editora) vincular o conteúdo do livro diretamente ao ensino de PBLE;
- iii. o título ter sido publicado nos últimos 15 anos (referente à data da última edição)⁴.

É entendido como importante que os títulos escolhidos pertençam à categoria de material didático, e não para-didático, porque dessa forma é esperado que os temas apresentados sejam abordados de uma maneira mais profunda, com explicações úteis sobre as questões de competência linguística, pragmática e sociolinguística. Essas explicações não necessariamente estariam presentes em materiais para-didáticos, que podem ocasionalmente estar focados em técnicas de *drilling* de alguns pontos específicos, tomando as explicações propriamente ditas como subentendidas, ou já devidamente apresentadas.

O segundo ponto essencial para a escolha dos títulos se deve ao fato deles explicitamente se ocuparem da variante brasileira do português. Livros que se ocupam de outras variantes do português, de português internacional, ou que ainda que se ocupem de apresentar diversas variantes da língua portuguesa ao mesmo tempo não são de interesse desse estudo, que tem por um dos objetivos investigar os materiais didáticos voltados especificamente e exclusivamente para o PB.

⁴ Data contada a partir do início da escrita da tese, em 2016.

Por fim, justifica-se que os livros a serem estudados tenham uma data de publicação relativamente recente, pelo entendimento que tais obras possam apresentar teoricamente a possibilidade de trazer um entendimento mais contemporâneo com relação à forma de como os conteúdos linguísticos podem ser apresentados. Seria plausível a expectativa que materiais publicados mais recentemente estivessem de acordo com abordagens contemporâneas sobre o ensino de língua estrangeira, dentro da linha do entendimento descritivo da língua em contrapartida ao seu entendimento prescritivo. Esse ponto é de especial importância por levar em consideração aspectos não apenas linguísticos, mas também sociolinguísticos e pragmáticos.

Livros que tenham uma data de primeira edição mais antiga podem atender a esse critério, desde que a data de sua nova edição (e não reimpressão) esteja dentro do período estipulado de 15 anos. Aqui entra ainda a questão muito interessante de ver como a obra pode se adequar às novas questões do ensino e aprendizagem de língua estrangeira.

Dessa forma, foram escolhidos para o corpus de estudo os livros didáticos:

- (a) *Passagens: português do Brasil para estrangeiros* (Celli, 2002)
- (b) *Panorama Brasil: ensino de português do mundo dos negócios* (Ponce et al., 2006)
- (c) *Fala Brasil: português para estrangeiros* (Coudry e Fontão, 2007)
- (d) *Muito Prazer: fale o português do Brasil* (Fernandes et al., 2008)
- (e) *Bem-vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação* (Ponce et al., 2008)
- (f) *Terra Brasil: curso de língua e cultura* (Dell'Isola e Almeida, 2008)
- (g) *Português para estrangeiros* (Marchant, 2013)
- (h) *Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros* (Lima e Lunes, 2014)

Segue o discurso apresentado em cada um desses títulos:

Em (a) *Passagens: português do Brasil para estrangeiros* (Celli, 2002) é muito interessante notar a prescritividade com que o livro foi elaborado. Em sua apresentação a autora faz referência a usos coloquiais da língua utilizada no Brasil,

mas ressalta que o manual didático foi elaborado dando a devida atenção ao uso *correto* da língua. Isso pode ser visto no trecho ‘Através do tratamento dado ao uso de expressões idiomáticas e gírias espera-se uma inserção rápida do falante do português nos aspectos mais sutis da cultura brasileira. Isso não impede, entretanto, que os aspectos gramaticais sejam apresentados de forma a garantir **a elegância e a correção da linguagem**’.(*ibid.*: apresentação) (grifos meus)

A apresentação de (b) *Panorama Brasil: ensino do português do mundo dos negócios* (Ponce *et al.*: 2006), ainda que não mencione especificamente os aspectos linguísticos a serem abordados, traz claramente o objetivo de representar a língua utilizada no Brasil, como quando as autoras afirmam que ‘Panorama Brasil procura ser uma porta de entrada, um convite para que [as milhares de pessoas que chegam ao Brasil a cada dia] conheçam um pouco mais este país.’ (*ibid.*:07).

Em (c) *Fala Brasil: português para estrangeiros* (Coudry e Fontão, 2007), os autores trazem em sua apresentação a afirmação de que ‘[o] destaque de Fala Brasil é a sistematização feita com base no **uso efetivo** da língua’ (*ibid.*: apresentação)(grifo meu). Mais à frente eles continuam dizendo que através do livro os alunos aprenderão ‘o uso de expressões idiomáticas, [...] que foram coletadas em diferentes contexto de **uso real** da língua’(*ibid.*)(grifo meu). A apresentação termina com a demonstração da preocupação de tratar não só dos aspectos da língua, mas também da cultura brasileira.

O livro (d) *Muito Prazer: fale o Português do Brasil* (Fernandes *et al.*, 2008) apresenta já claramente a intenção de ser um manual didático para o PB em seu subtítulo. As autoras reafirmam essa intenção logo na primeira frase de sua apresentação, ao dizerem que ‘o objetivo do Muito Prazer - Fale o Português do Brasil é capacitar o aluno [...] que deseja aprender o português do Brasil a **comunicar-se com precisão e fluência**.’ (*ibid.*:17)(grifo meu) Elas continuam dizendo que ‘os temas escolhidos são de grande interesse e utilidade para qualquer aluno que queira aprender **a língua portuguesa falada no Brasil** e entrar em contato com os costumes dos brasileiros’(*ibid.*) (grifo meu).

Na apresentação de (e) *Bem-vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação* (Ponce *et al.*, 2008) temos clara a preocupação de no livro se tratar de formas autênticas do PBC, em contextos de comunicação:

Você vai se deparar [...] com as expressões coloquiais mais usadas, dialetos regionais e muito vocabulário útil. [...] Um pouco de História, cultura e sociedade brasileiras fazem parte deste livro elaborado especialmente para suprir a grande necessidade de um material dinâmico e interativo cujo foco central é a **comunicação**. (*ibid.*) (grifo meu)

O manual (f) *Terra Brasil: curso de língua e cultura* (Dell'Isola e Almeida, 2008) traz logo na primeira frase de sua apresentação o propósito do livro: '[...] destina-se a falantes de qualquer idioma que queiram aprender **a variante brasileira da Língua Portuguesa**.' (*ibid.*: 05) (grifo meu). Ao tratar de um dos recursos que o livro oferece as autoras afirmam que 'nele são focalizados formas e usos da Língua, por meio de atividades de compreensão e escrita, para que o aprendiz seja capaz de utilizar a linguagem de acordo com **o padrão da variante brasileira do Português**.' (*ibid.*) (grifo meu). Elas deixam claro o objetivo do volume ao dizerem que 'Terra Brasil é um livro didático concebido com o objetivo de ser suporte eficaz para a aquisição das habilidades de ouvir, falar, ler e escrever em **Língua Portuguesa do Brasil**.' (*ibid.*: :06) (grifo meu). O texto traz ainda a ressalva de que a parte fonética do livro traz materiais autênticos do português falado no Brasil: 'selecionaram-se os principais sons do Português falado no Brasil, e para apresentá-los e contrastá-los, escolheram-se vocábulos ilustrativos inseridos em pequenos textos.' (*ibid.*).

O livro (g) *Português para estrangeiros* (Marchant, 2013) é em especial interessante por se tratar da 30ª edição atualizada do livro que foi originalmente publicado em 1954. Aqui há a oportunidade de ver como os conteúdos são apresentados, quase seis décadas depois da primeira edição. O livro é apresentado em sua contra-capas como 'uma obra com a finalidade de proporcionar a estrangeiros [...] a oportunidade de aprender **Português, como se fala no Brasil**.' (grifo meu). Mais a frente temos ainda que '[o livro] vem se impondo desde 1954 como obra de validade didática, não só por sua metodologia, como também por sua **constante atualização**. (grifo meu). No prefácio da 30ª edição a autora nos traz que:

[...] **reformulei o conteúdo** e atualizei dados sobre o Brasil. Adaptei, também, a **linguagem à época recente**, para acompanhar a dinâmica da comunicação, tanto no que diz respeito a novo vocabulário em virtude de novas técnicas, como forma de expressão linguística. (*ibid.*: 11) (grifos meus)

Pelas próprias palavras da autora, que revisou e *reformulou* o conteúdo é de se esperar que o que virá a ser abordado no livro trate do PBC, em suas formas autênticas de comunicação.

Por fim, em (h) *Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros* (Lima e lunes, 2014), assim como em (b) *Panorama Brasil: ensino de português do mundo dos negócios* (Ponce *et al.*, 2006), as autoras também fazem a escolha de um título que já traz em si a clara intenção de retratar e ensinar o PB. Além disso, as autoras em seu prefácio não abordam especificamente os aspectos linguísticos a serem tratados, mas afirmam que ‘o livro Português Via Brasil tem como objetivo levar o aluno pré-avançado a um alto nível de proficiência linguística, dando-lhe, ao mesmo tempo, visão ampla da cultura brasileira, por meio de textos que enfocam paisagens e usos e costumes regionais.’ (Lima e lunes, 2014: VIII).

Entende-se que esses títulos atendam aos quesitos i., ii. e iii. apresentados como critérios de seleção dos MDs a serem estudados.

3.3 Procedimentos empregados na análise dos dados

Este item abordará a metodologia de pesquisa adotada neste estudo, começando com a abordagem analítica, passando para as ferramentas analíticas usadas para processar os dados, e fechando ao tratar das questões relativas a validade e confiabilidade do trabalho.

3.3.1 Abordagem analítica e métodos

O presente estudo se limita a analisar MDs voltados para o ensino de PBLE, detendo para tanto o foco nos três temas, ou pontos-chave apresentados em 3.1. Pretende-se responder à pergunta de pesquisa por meio do entendimento contrastivo dos temas gramaticais em questão sob a luz de Bagno (2011), Neves

(2011) e Castilho (2012), entendidos como referência do PBC em contraste a Bechara (2005) e Cunha e Cintra (2007), entendidos com representantes da TGB.

Esse estudo traz intrinsecamente artificialidades e limitações de tal forma que não seja possível interpretar o seu resultado como final e definitivo. Entretanto espera-se que ele possa ser representativo. Como acontece com frequência no quadro teórico e nos planos de categorização, a realidade nem sempre se adapta perfeitamente aos modelos. No entanto, esta artificialidade apresentada aqui na metodologia é uma ferramenta útil para analisar criticamente os tópicos em questão através de uma metodologia científica. Busca-se tornar claros os procedimentos e metodologias empregadas, para que o estudo possa ser reavaliado, validado ou contestado futuramente.

Devido à natureza do tema em questão, uma abordagem qualitativa foi adotada, uma vez que é uma posição epistemológica mais adequada a esse tipo de estudo. Isto está de acordo com um fundamento filosófico construtivista, no qual o mundo real é entendido através da manutenção da perspectiva de alguém (Stake 1995; Yin 2003). Daí temos que:

Each data source is one piece of the “puzzle,” with each piece contributing to the researcher’s understanding of the whole phenomenon. This convergence adds strength to the findings as the various strands of data are braided together to promote a greater understanding of the case. (Baxter e Jack, 2008: 554)

Trazendo o entendimento apresentado por Baxter e Jack (*ibid.*), cada um desses MDs, e cada um dos temas analisados apresentará uma peça do quebra-cabeça, que quando colocadas juntas nos darão uma imagem mais precisa do que é apreciado e a forma como é apresentado o PB nos MDs. Pretende-se aqui ver o quanto essa *imagem* se aproxima do que nos é retratado como PBC por Bagno (2011), Neves (2011) e/ou Castilho (2012).

No que se refere à metodologia a respeito de como os três temas gramaticais estudados serão apreendidos dos MDs, atem-se aos seguintes critérios:

- i. o tema deve ser apresentado como tópico no índice geral ou no índice gramatical do MD;
- ii. quando o critério acima não for atendido (i.e., o tema não for elencado em qualquer forma de índice), será qualificado o tema que for apresentado no MD, dentro de suas unidades ou capítulos como um tópico a ser estudado.
- iii. no que se refere às explicações gramaticais formais sobre o tema, caso não haja nenhuma, será levado em conta o exemplo e/ou os exercícios apresentados sobre o tema, para efeito de classificação.

Uma vez que o objetivo do estudo é apreciar a forma como os temas gramaticais em questão são apresentados nos MDs, o que interessa é como eles são abordados ao serem introduzidos como tópicos de estudo, seja um tópico novo, ou o aprofundamento de um tópico que já tenha sido apresentado anteriormente. Dessa forma, se um dos temas for trazido posteriormente, ao longo do MD, e não esteja em foco, mas seja apenas um registro da língua, ele não será apreciado.

Um exemplo hipotético para retratar os critérios em questão seria o de um MD que apresente formalmente um tema A elencado em seu índice gramatical, com referência a uma determinada unidade X. Todas as demais ocorrências deste tema A ao longo do MD não serão formalmente computadas. Isso é, se em um diálogo em uma unidade Y, for utilizado o tema A, essa ocorrência será ignorada para efeito de categorização e classificação sistemática.

Entretanto, embora seja ignorado para efeito de levantamento e computação de dados, seria de grande relevância marcar o caso hipotético onde o tema A é trazido na unidade Y de uma forma contraditória ou distinta ao que tenha sido apresentado sistemática e formalmente na unidade X.

Supondo que o tema A tenha sido apresentado formalmente de acordo com a TGB na unidade X. Supondo ainda que em outras unidades, onde o tema A não é um tema em foco, haja diversas ocorrências, seja em diálogos, ou exercícios, que estejam de acordo com a PBC. Caberá aqui uma nota que indique a necessidade de

uma investigação mais a fundo na busca de entender as causas e implicações dessa discrepância.

Com relação à forma como o tema A seja apresentado, supondo que mesmo que esteja elencado no índice do MD, esse tema não conte com qualquer explicação formal a respeito de suas formas e usos. Então o critério para a sua categorização como de acordo com a TGB ou o PBC se baseará no próprio exemplo, ou em seus exercícios. O tema deve estar no mesmo patamar hierárquico de uso, e/ou ter uma nomenclatura que corresponda ao entendimento do PBC, para que seja classificado como representativo do PBC.

Caso o tema A, representativo do PBC, seja apresentado como uma nota explicativa, ou a critério de exceção, ainda que seja do PBC, não será computado como uma representação válida do PBC. É essencial que o tema tenha o status de regra plena (maiores detalhes sobre o entendimento e classificação dos temas de acordo com o PBC ou a TGB no item 5.4).

3.3.2 Ferramentas analíticas e processamento de dados

Atendidos os pré-requisitos estipulados em 3.2, os MDs escolhidos serão classificados em sua análise, que antecede a avaliação dos 3 temas gramaticais em foco (capítulo 5), tomando por base o nível de proficiência de acordo com o QECRL: A (utilizador elementar) e B (utilizador independente). O nível C (utilizador proficiente) não foi contemplado pelo fato de (1) não terem sido encontrados materiais desse nível e (2) caso houvesse materiais desse nível, uma vez que eles se propõem a ensinar a língua num nível de proficiência equivalente ao de um falante nativo, eles deveriam/poderiam apresentar as regras gramaticais que pertencem ao escopo mais erudito da língua.

Dessa forma, seria de se esperar que um livro de PBLE para o nível C apresentasse as regras de colocação pronominal, os índices de pessoa e o quadro de pronomes possessivos também de acordo com o que é apresentado pela TGB. Isso porque, o aprendente terá alcançado um nível em que lhe é esperado ter domínio dos mais

diversos registros e formas da língua dentre as quais as de pouco (ou nenhum) uso, em contextos formais, escritos e altamente regulados.

A atenção aos níveis de proficiência, é importante porque os livros que se propõem a ensinar o PBC, devem apresentar as formas correspondentes a essa variedade da língua. Ainda assim, se alguma forma restrita aos usos mais regulados em contextos formais escritos for apresentada, será entendido como válido, caso as formas pertencentes ao PBC sejam mostradas como as formas mais amplamente empregadas, e haja ressalvas sobre o contexto restrito de usos das demais formas. Essa ressalva só será entendida como válida para materiais de nível de proficiência B.

Dentro da análise de cada MD, cada um dos três fenômenos estudados aqui será elencado, e a forma como eles são apresentados será categorizada como pertencente às normas do PBC ou às da TGB. Serão entendidos como pertencentes à primeira categoria os MDs que apresentem o conteúdo em questão de acordo com o entendimento de Bagno (2011), Neves (2011) e Castilho (2012), e como pertencentes à segunda os que apresentem o conteúdo em questão de acordo com o entendimento de Bechara (2005) e Cunha e Cintra (2007).

Como uma forma de qualificar os MDs e responder à pergunta de pesquisa: **‘Em que medida o material didático para o ensino da português brasileiro como língua estrangeira é representativo do português brasileiro contemporâneo?’** será proposta uma medida artificial que qualifica os MDs como representativos do PBC ou não.

Para cada um dos critérios avaliados será dada uma nota, variando de (-2) a (2) (imagem 3.1). A nota (2) será dada quando o fenômeno em foco for apresentado de acordo com a gramática do PBC. Caso algum desses temas não esteja presente no MD analisado, será conferida uma nota de (-2). A nota (-1) será dada quando o fenômeno em foco for apresentado de acordo com a TGB. É possível aplicar uma nota (1) caso o fenômeno seja apresentado de forma não coerente, ora de acordo com o entendimento do PBC, ora com o da TGB.

Os fenômenos aqui abordados são tidos como *chaves* no que se refere ao PBC, e por isso mesmo é de se esperar que sejam cobertos em MDs de todos os níveis de proficiência (de A a C). É plausível que haja variação na profundidade e na forma como cada fenômeno venha a ser abordado, de acordo com o relativo nível a que o MD se propõe a ensinar. Entretanto, espera-se que temas tão essenciais estejam presentes e sejam abordados sistematicamente em MDs que se propõem a ensinar o PBC, desde o nível A. Daí a nota (-2)

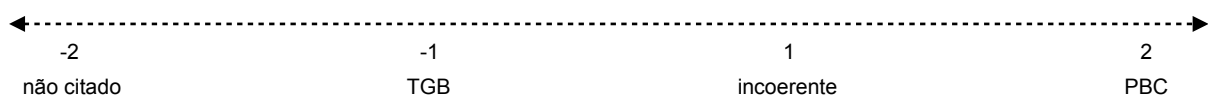


Imagem 3.1: Notas dos MDs, de acordo com os critérios estipulados

Ao final da apresentação de cada um dos temas, dentro de cada um dos MDs, é apresentado um *parecer*, onde os aspectos levados em questão para a sua qualificação são explicados de forma sucinta. O valor entendido dentro da escala de pontuação é então apresentado (Para maiores detalhes sobre as notas, ver item 5.4).

As notas finais resultarão do somatório das notas dadas a cada um dos três fenômenos em questão e poderão variar de (-6) a (6). O entendimento qualitativo dessas quantificações é que quanto mais próximo do limite inferior, menos representativo do PBC é o MD, enquanto que quanto mais próximo do limite superior, mais representativo do PBC é o MD.

3.4 Validade, confiabilidade e transferibilidade

Aspectos como validade, transferibilidade e credibilidade medem a qualidade e o rigor de um trabalho científico, alcançado através de princípios metodológicos. Eles configuram os critérios de avaliação adotados na pesquisa qualitativa (Bryman, 2008). A presente tese pretende assegurar seu valor científico e credibilidade atendendo a esses critérios da seguinte maneira:

- credibilidade: o compromisso de que os dados levantados e os resultados do estudo sejam feitos dentro de um entendimento honesto e ético, e possam ser submetidos ao meio acadêmico para questionamento e escrutínio.
- transferibilidade: fornecimento de uma descrição profunda do material, dos dados e da metodologia utilizada, para que possa eventualmente ser reproduzido posteriormente.
- confiabilidade: apresentação clara da questão de pesquisa, formulação do problema, eleição dos objetos de estudo, e escolhas analíticas, para que outros pesquisadores da área possam estabelecer independentemente o quanto os procedimentos e escolhas originalmente propostos foram seguidos no trabalho.
- confirmabilidade: a partir do entendimento que embora *a priori* uma objetividade plena seja impossível num estudo qualitativo, há a intenção sincera por parte da pesquisadora em agir de boa fé.

4. Considerações sobre o português brasileiro

Esse capítulo tratará de algumas considerações acerca do português brasileiro. Primeiramente é trazida a questão relativa à nomenclatura: *português* ou *brasileiro*, onde serão apresentados os argumentos e o entendimento que leva a denominação da língua hoje falada no Brasil ser o *português brasileiro*. Por fim esse capítulo traça, a partir da obra *Ein Bericht für eine Akademie*, de Kafka, um paralelo entre a figura do macaco (narrador do discurso) e do falante do PBC.

4.1 Brasileiro ou português?

A pergunta pode não ser tão simples, mas também não é tão complexa quanto parece. Questões dessa ordem englobam fatos políticos, históricos, sociais e culturais, além de, é claro, fatos linguísticos.

No que se refere a questões políticas, pode haver razões de ordens mais complexas que as diferenças sintáticas, morfológicas, fonéticas e lexicais em jogo. É o caso das línguas sérvia e croata. Alguns linguistas (Dorren, 2017) declaram abertamente se tratar do mesmo idioma, com suas variações locais. Entretanto, oficialmente esse par se refere a dois idiomas distintos. Tanto que para documentos oficiais entre os dois países, é requisito das autoridades de ambos que haja uma tradução juramentada.⁵

No caso do Brasil, Perini afirma que:

O português e o vernáculo são, é claro, línguas muito parecidas. Mas não são em absoluto idênticas. Ninguém nunca tentou fazer uma avaliação abrangente de suas diferenças; mas eu suspeito que são tão diferentes quanto o português e o espanhol, ou quanto o dinamarquês e o norueguês. Isto é, poderiam ser consideradas línguas distintas, se ambas fossem línguas de civilização e oficialmente reconhecidas. Mas sendo as coisas como são, tendemos a pensar que o vernáculo é simplesmente uma forma errada de falar português. Só que, para que o vernáculo fosse 'errado', teria de existir também uma forma 'certa' de falar; mas no Brasil não se fala, nem se pode falar português. (Perini in Bagno, 2001: 165).

⁵ A língua sérvia pode ser registrada tanto pelo alfabeto latino, quanto pelo cirílico. Mas não é essa a questão aqui, dado que mesmo os documentos escritos com o alfabeto latino devem ser traduzidos por um tradutor juramentado para que possam ser utilizados oficialmente na Croácia.

Aqui temos o claro entendimento de se tratarem o *português* e o *brasileiro* de línguas distintas, e o porquê disso.

O português de Portugal, levado há mais de 500 anos para o Brasil por meio do processo de colonização, sofreu diversas alterações de ordem morfológica, sintática e lexical devido às influências do contato entre os diversos grupos étnicos que ajudaram a compor a nação. São muito *parecidas*, como ressalva Perini, porém distintas.

Mas então, na prática, qual é, ou quais são essas diferenças que fazem com que as línguas deixem de ser uma, e passem a ser duas? Bagno (2001) explora a questão ao tratar da diferença entre *ensinar português* e *estudar brasileiro*:

Ensinar português significa, na prática pedagógica tradicional, inculcar um conjunto quase interminável de prescrições sintáticas consideradas 'corretas', impor uma série de pronúncias artificiais que não correspondem a nenhuma variedade linguística real, cobrar o conhecimento (ou, melhor, a memorização mecânica e estéril, a decoreba inútil) de uma nomenclatura falha e incoerente, junto com definições contraditórias e incompletas. [...] *Ensinar português*, sob essa ótica, é transmitir - consciente ou inconscientemente - uma ideologia linguística que se prega a incompetência da grande maioria dos brasileiros em falar a 'língua de Camões', que acusa todos eles de contribuírem desastrosamente para a 'ruína do idioma'. (Bagno, 2001: 09).

Enquanto que ensinar *português* está associado ao entendimento da GT, com seus mais de 2000 mil anos de tradição (como o próprio nome já diz), *estudar brasileiro* é entender a língua escrita e falada no Brasil, em sintonia com o pensamento científico contemporâneo.

Isso implica que a língua, enquanto estudada, deve ser descrita, e não normalizada e prescrita. Que as categorias e formas que foram utilizadas desde as descrições das primeiras gramáticas em grego antigo não necessariamente (e muitas das vezes não o fazem) são adequadas para o entendimento e estudo de outras línguas, que não o grego, especialmente de forma sincrônica.

As ideias apresentadas por Bagno (*ibid.*) se referem mais diretamente ao ensino de PB como língua materna, e todos os problemas decorrentes do uso do sistema e prescrição do *português*, e das normas exógenas ao *brasileiro*. Trazendo essas considerações para o foco desse estudo, ainda que seu entendimento nesse caso específico não se refira ao ensino de PB como língua estrangeira, por uma questão de lógica não seria coerente esperar que um material didático que se propõe a ensinar o português brasileiro se baseie em outras formas, se não as descritas como pertencentes a essa forma da língua.

Ainda sobre a questão *português e brasileiro*, Ilari afirma que:

[...] a uniformidade das duas principais variedades do português [português europeu e português sul-americano] é até certo ponto real na língua escrita, mas, precisamente por isso, a atenção dada à escrita teve, historicamente, o efeito de mascarar as direções novas que a língua do Brasil ia tomando - isso quando não vinha associada à preocupação de frear essas mesmas mudanças.' (Ilari in Castilho, 2012: 26).

Ainda que haja muitas semelhanças, o que não se pode e nem se deve fazer é omitir, ou pior, mascarar as diferenças. Focando na questão das diferenças entre as línguas de Brasil e Portugal, Kanavillil Rajagopalan, especialista em Política Lingüística da Unicamp, afirma que:

Não tenho dúvida de que falamos brasileiro, e não português [...] as diferenças entre o português e o brasileiro são maiores do que as existentes entre o hindi, um idioma indiano, e o urdu, falado no Paquistão, duas línguas aceitas como distintas. (Burgierman, 2000)

Sobre os que como Bechara (2005) defendem que *português e brasileiro* se tratam da mesma língua, Bagno afirma que:

Boa parte da tradição filológica sempre negou essas diferenças porque se apoiava exclusivamente, para suas análises, em material escrito, sobretudo na produção literária, fazendo comparações entre os romancistas, poetas e dramaturgos dos dois países. Aí, sim, fica fácil achar mais semelhanças do que diferenças. Se partirmos, no entanto, para o estudo das variedades *faladas*, e se levarmos em conta também os problemas de natureza *pragmática*, as diferenças entre

português do Brasil e português de Portugal se acentuarão muito. (Bagno, 2001: 169).

Se no século XIX os defensores da *língua brasileira* (em contraste à *língua portuguesa*) se apoiavam em valores de ideais românticos e nacionalistas, sem base linguística (haja vista que a linguística enquanto ciência ainda não existia), hoje a justificativa para essa diferenciação são bases científicas.

Isso porque não seria possível se propor a estudar o PBC, sem que essa língua e suas peculiaridades tivessem sido devidamente registradas, descritas e sistematizadas, respeitando as suas variações e idiosincrasias. Esse trabalho já conta com um vasto corpus, que se iniciou com o projeto NURC (já mencionado anteriormente), mas também com outros projetos de documentação e análise da língua viva. Dentre os quais podemos destacar: VARLINE (Variação Linguística no Nordeste), VARSUL (Variação Linguística na Região Sul), em Minas Gerais um projeto de estudo da língua falada em Belo Horizonte, e CENSO na cidade do Rio de Janeiro. Esses projetos, ao contrário da NURC investigam não só o falar culto urbano, mas também a língua falada pelas pessoas de baixa escolaridade em meio tanto urbano quanto rural.

No que se refere especificamente ao ensino de PBC como LE, talvez seja ainda mais importante apresentar ao aluno as regras do PBC em detrimento às normas que se restringem praticamente ao registro escrito formal. Isso porque caso o aluno que se proponha a aprender o PBC aprenda normas exógenas à língua, ela(e) venha a aprender um código que não se adequa ao contexto real brasileiro, com um nível de inadequação que, se não tornar a língua incompreensível, vai fazer com que soe artificial, ou pedante.

Nesse estudo optou-se por utilizar como terminologia *português brasileiro* em contraste ao *português europeu*, e ainda mais especificamente, os materiais didáticos analisados se ocupam do *português brasileiro contemporâneo* (PBC), tornando claro a aspecto sincrônico das obras.

4.2 Um relatório para a Academia

Kafka escreveu um conto (do original em alemão *Ein Bericht für eine Akademie*, i.e. *Um relatório para uma academia*) sobre um macaco, capturado da África e aprisionado. Sua única alternativa para saída de sua jaula era a de se transformar num humano; não pelo desejo de liberdade, mas pela necessidade de encontrar uma saída. Ele percebe que para se tornar um dos humanos que vêm vê-lo e por fim poder sair da jaula, ele precisaria imitá-los. O macaco afirma que nunca quis ser humano, mas que se continua agindo como tal, é com o único intuito de não ter que voltar para a jaula:

Repito: não me atraía imitar os homens; eu imitava porque procurava uma saída, por nenhum outro motivo [...] E eu aprendi, senhores. Ah, aprende-se o que é preciso que se aprenda; aprende-se quando se quer uma saída; aprende-se a qualquer custo. (Kafka, 1999: 70)

E conto de Kafka é muito simbólico e traz a ideia que o macaco sofreu uma *formação* para poder se tornar humano, que na verdade é uma *de-formação*. Sobre isso, Gallo afirma:

O processo que narra não é o de uma "formação", em seu usual sentido positivo, de construção de uma identidade, de uma personalidade, mas sim aquilo a que precisou se submeter para poder ter sua saída, para que não ficasse indefinidamente preso numa jaula. [...] Pode ser que ganhemos algo nesse processo (o prêmio, para o macaco de Kafka, foi a saída da jaula), mas certamente perde-se a si mesmo, perde-se de si mesmo para que tal ganho seja possível. (Gallo s.d.)

Trazendo a metáfora de Kafka para o contexto do PBC, seria possível traçar o paralelo entre o que é ensinado nas gramáticas, de acordo com a TGB, e o que ocorre na língua de fato, como ela é, em seu contexto sincrônico. Todas (ou uma significativa parte delas) as maneiras e trejeitos dos PBC são as macaquices que os seus falantes são forçados a abandonar, recusar e esconder, para que possam fazer parte do mundo civilizado e aceitos como humanos.

Regras, como por exemplo as descritas pela TGB no caso das estratégias de pronominalização, castram as formas vernaculares de 200 milhões de falantes

nativos no Brasil. E aqui as palavras do símio têm uma ressonância bem contundente:

O conjunto [a jaula] era baixo demais para que eu me levantasse e estreito demais para que eu me sentasse. Por isso fiquei agachado, com os joelhos dobrados que tremiam sem parar, na verdade voltado para o caixote, uma vez que a princípio eu provavelmente não queria ver ninguém e desejava estar sempre no escuro, enquanto por trás as grades da jaula me penetravam na carne. [...] Em tudo porém apenas um sentimento: nenhuma saída [...] pois bem, por isso deixei de ser macaco. (Kafka, 1999: 72)

Espera-se que, assim como as gramáticas descritivas representativas do PBC, também os MDs possam dar voz e autonomia ao *macaco*, para que ele possa se expressar de forma autêntica, sem que tenha que se *deformar*.

5. Abordando os fenômenos

5.1 Sintagma *a gente*

5.1.1 Sob a luz do PBC

Ao tratar dos pronomes pessoais, Bagno (2011) os denomina como *índices de pessoa* (IP). Frequentemente esses índices são denominados de *pronomes pessoais*.

Em PBC há uma concorrência entre as formas *nós* e *a gente*, com ‘ampla preferência pelo segundo’ (Bagno, 2011: 743). O processo que leva à predileção por *a gente* é visto claramente ao se comparar os dados do NURC com os dados de Omena (2003), que se dedica dentre outros tópicos à pesquisa desses dois IPs. Sua base de dados foi coletada 25 anos depois das coletas do NURC, e já é possível verificar uma predominância categórica do uso de *a gente* entre os falantes mais jovens, como pode ser visto na tabela abaixo (tabela 5.1):

Idade	A gente		Nós	
7 - 14	99	94%	6	6%
15 - 25	211	93%	16	7%
26 - 49	208	83%	43	17%
50+	250	65%	135	35%

Tabela 5.1 Usos dos IPs *a gente* e *nós*
adaptado de Bagno (2011: 744)

Sobre essa e outras mudanças no quadro dos pronomes pessoais do PBC Castilho afirma que:

Estudos recentes têm apontado para sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua. A centralidade desses pronomes no sistema das línguas explica por que a reorganização do quadro dos pronomes repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal, na concordância verbal e na estrutura funcional da sentença. (Castilho, 2012: 477)

Talvez uma consequência dessa reorganização referida por Castilho (2012) seja a denominação do sintagma *a gente* não apenas como um *sintagma nominal* ou um

índice de pessoa, mas de um *pronome pessoal* propriamente dito, como o que é posto por Neves:

Outros **sintagmas nominais** fazem referência genérica, especialmente na linguagem coloquial ou popular, mas seu estatuto não tem identificação com a classe dos **pronomes pessoais** como o sintagma A *GENTE* tem. (Neves, 2011: 470)

A TGB não apresenta grandes controvérsias quanto aos quadros pronominais, apresentando o quadro com as três formas para o singular e as três formas para o plural, incluindo *vós*. Entretanto, dentro da TGB não há a possibilidade do IP *a gente* ser entendido como um pronome pessoal. Quando apresentado, essa tradição o relega a uma subcategoria, taxada como *não pertencente* à norma culta, apresentando-o ora como *fórmula de representação da 1ª pessoa, forma de tratamento, pronome indefinido* ou ainda *recurso para indeterminar o sujeito*. (Lopes in Vieira e Brandão, 2016).

5.1.2 Sob a luz da TGB

O IP *a gente* não é apresentado dentro dessa nomenclatura, ou seja, fora da gramática de Bagno (2011), *a gente* recebe distintas terminologias. A denominação de um termo é indubitavelmente algo importante, entretanto sem atentar propriamente a esse aspecto, o foco aqui é dado em como o sintagma *a gente* é descrito, no que se refere à sua sintaxe e semântica.

Bechara faz referência direta ao termo como uma nota de observação, contida dentro de um apêndice que apresenta as *formas de tratamento*, que por sua vez pertence ao item denominado *pronomes pessoais*. Ao descrever os *pronomes pessoais* Bechara nos traz que:

Pronomes pessoais designam as duas pessoas do discurso e a não-pessoa (não-eu, não-tu), considerada, pela tradição, a 3ª pessoa. [...] O plural *nós* indica *eu* mais outra ou outras pessoas, e não *eu+eu*. As formas *eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas*, que funcionam como sujeito, se dizem retas. (Bechara, 2005: 164)

A classificação de Bechara ainda traz como pertencente ao português sincrônico, i.e., contemporâneo, o pronome *vós*. As formas *you* e *you*s são apreciadas como uma nota de observação, dentro do mesmo apêndice sobre as *formas de tratamento*. Entretanto, as formas *tu*, *vós*, *you* e *you*s não são o foco do estudo que se ocupa de *a gente*. Sobre isso Bechara nos traz que:

O **substantivo** *gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome [de tratamento] e se emprega **fora da linguagem cerimoniosa**. Em ambos os casos o verbo fica na 3ª pessoa do singular. (*ibid.*)(grifos meus)

Cabe aqui ressaltar alguns pontos interessantes: primeiramente o fato de *a gente* não ser entendido como um *sintagma*, mas sim um *substantivo precedido de artigo*. Dentro do entendimento dos linguistas que descrevem o PBC, os dois termos formam um sintagma único, um *índice de pessoa*, que não tem correlação com o substantivo *gente*. Isso fica claro uma vez que sua função sintática, como o próprio Bechara (2005) afirma, passa a ser a de um pronome.

Uma outra questão, relativa à análise do discurso, nos mostra que a apresentação de algo (1) *fora da linguagem cerimoniosa* é semanticamente distinto de se apresentar algo como (2) *de uso amplamente difundido*, ou ainda (3) *concorrente* com a linguagem cerimoniosa. Isso porque enquanto que em (1) está implícita a noção de quando o uso for cerimonioso a forma *a gente* não será usado, em (2) é possível que mesmo em contextos cerimoniosos *a gente* seja utilizado, ou, em (3) alternativamente, que ambas as formas coexistam e estejam concorrendo de tal forma que ainda não seja possível afirmar que uma das duas já seja categórica, ou mais difundida. Em suma, o que Bechara afirma (1) exclui a possibilidade de um professor universitário utilizar a forma *a gente*, em sala de aula, ou em conversa com o reitor da instituição.

Cunha e Cintra (2007) corroboram com o entendimento de Bechara sobre 'o quadro pronominal do português'. Eles entendem que para que algo se enquadre na categoria de pronome pessoal, três requisitos devem ser atendidos, sejam eles:

- i. denotar alguma das três pessoas gramaticais;
- ii. representar, na forma de 3ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa;
- iii. variar na forma de acordo com a sua função na oração, e a acentuação que recebem.

Sobre isso eles comentam que:

Quanto à **função**, as formas do pronome pessoal podem ser *retas* ou *obliquas*. *RETAS* quando funcionam como sujeito da oração; *OBLÍQUAS*, quando nela se empregam fundamentalmente como objeto (direto ou indireto). Quanto à **acentuação**, distinguem-se nos pronomes pessoais as formas TÔNICAS DAS ÁTONAS. (Cunha e Cintra, 2007: 291)

Dessa forma está claro que *a gente* atende aos dois primeiros requisitos, mas por não atender ao terceiro, não pode ser categorizado como um *pronome pessoal*. Corroborando o entendimento de Bechara (2005) *a gente* é categorizado como um *pronome de tratamento*, dentro de uma categoria própria: fórmulas de representação da 1ª pessoa.

Por *pronome de tratamento* são entendidas ‘certas palavras e locuções que valem por **verdadeiros** pronomes pessoais [...]. (*ibid.*: 303) (grifo meu). Por análise do discurso, fica subentendido que esses *pronomes de tratamento* são falsos pronomes pessoais. Dentro do entendimento dos autores, eles não atendem justamente ao terceiro requisito, citado há pouco.

Voltando à forma *a gente*, os autores são um tanto lacônicos, se limitando a afirmar que ‘no colóquio normal, emprega-se *a gente* por *nós*, e também por *eu*. [...] o verbo deve ficar sempre na 3ª pessoa do singular’. (*ibid.*: 310)

A partir daqui é possível concluir que os dois representantes da TGB têm o mesmo entendimento acerca de *a gente*: trata-se de um *pronome de tratamento* que não faz parte do quadro pronominal do português.

5.2 Estratégias de pronominalização

O termo *clítico* vem do grego *klino*, e dentro da linguística é utilizado para ‘designar um vocábulo átono que se apoia em outro antes ou depois dele para, juntos, constituírem um único grupo acentuado.’ (Bagno, 2011: 740)

O *clítico* pode aparecer em diversos lugares, em relação à sua palavra de apoio, e para cada posição que ocupa ele recebe uma terminologia linguística específica, sejam elas apossínclise, díclise, endóclise, monóclise, sínclise, e as três formas mais amplamente conhecidas, próclise, ênclise e mesóclise. Sobre essas três últimas, temos que, no caso dos pronomes, quando esses ocorrem antes do verbo, há *próclise*, quando depois do verbo, há *ênclise*, e se entre o radical e as desinências de modo, tempo e pessoa, há *mesóclise*. Veja:

Próclise: **Me** ajuda aqui!

Ênclise: Ajudo-**o** já. Só um minutinho.

Mesóclise: Ajudar-**te**-ia se pudesse.

5.2.1 Sob a luz do PBC

No PBC há três formas de retomada do objeto direto de 3ª pessoa. Bagno (2011) denomina isso de *estratégias de pronominalização*. Sobre tais estratégias, vejamos as possíveis alternativas do PBC à pergunta: *Você viu a Clara hoje?* (adaptado. *ibid.*: 49):

- (i) Hoje não, eu **a** vi ontem.
- (ii) Hoje não, eu vi **ela** ontem.
- (iii) Hoje não, eu vi (**Ø**) ontem.

A única resposta correta aceita pela TGB é (i), com o uso do *pronome oblíquo* anafórico. Em (ii) temos o uso de um *pronome pessoal do caso reto*. Neves nos traz que ‘a gramática normativa só admite que essas formas ocorram como **complemento** se preposicionadas. Entretanto, especialmente na linguagem falada, mas também na escrita, ocorrem enunciados como [(ii)]’ (Neves, 2011: 457). Dentro da TGB isso é entendido como erro, uma vez que esse pronome só pode ser aceito

em sua função como sujeito, no caso nominativo. A alternativa (iii) não chega a ser abordada pela TGB.

A explicação apresentada por Bagno (*ibid.*) para a escolha da forma (i), é por essa estar de acordo com o quadro de pronomes pessoais existentes em latim, que foi usado como modelo para a formação das classes e regras do português, de acordo com a GT.

Entretanto, a forma (ii), hoje taxada como *errada*, era de amplo uso durante a Renascença, e há diversos registros desse uso. Bueno (1955) colheu alguns exemplos da obra de Fernão Lopes, datadas do século XIV, como: '*El rei, sabendo isto, houve mui grande pezar, e deitou-o logo fora de sua mercê, e degradou **elle** e os filhos a dez leguas de onde que elle fosse.* (Bueno in Bagno, 2009: 103).

A explicação para o uso de um *pronome reto* (sujeito) no lugar de um *pronome oblíquo* (objeto) é dada quando se investiga a história da língua. Em latim clássico não havia as formas pronominais de 3ª pessoa. Ao longo dos séculos, do latim vulgar até as línguas românicas, esses quadros vazios foram preenchidos pelos demonstrativos *ille, illa, illud*. Originalmente essas formas eram *pronomes demonstrativos*, mas deram origem tanto aos *pronomes pessoais de terceira pessoa*, quanto aos *artigos definidos* (que também não existiam em latim). Sobre isso Bagno (2009) nos traz uma análise de Mattoso Camara:

[...] esses pronomes demonstrativos, mesmo depois de incorporados ao quadro dos pronomes pessoais do caso reto, não se entregam completamente em sua classe nova, tendo conservado em boa parte sua função *demonstrativa*, que tinham desde suas origens no latim. É esse caráter demonstrativo dos pronomes *ele, ela, eles, elas* que permite que eles exerçam todas as funções sintáticas, exatamente como os outros demonstrativos da língua. (Camara, 1977: 105)

Neves nos traz que 'também é comum, na conversação, o emprego dos **pronomes tônicos** como **sujeito** do **infinitivo** [...] entretanto, essa construção já aparece em textos literários' (Neves, 2011: 453).

A forma (iii) é uma inovação mais recente. Ela é denominada de *objeto nulo*, que pertence a uma *categoria vazia*. O estudo das formas *não-presentes* explica muito sobre o funcionamento de uma língua. Daí a importância de estudar a ausência, ou algo que *não existe*. Sobre isso, Bagno afirma:

O verbo *ver* [...] é um verbo *transitivo*, por isso o complemento dele deve estar presente de algum modo. E [no exemplo (iii)] ele realmente está - presente na forma de um lugar vazio, que, mesmo vazio, é sempre um lugar, daí o motivo de merecer ser estudado. (Bagno, 2011: 101)

Bagno aponta que essa forma tem sido a de ‘ampla preferência dos falantes cultos [...] como um modo de evitar o ‘certo demais’ e o suposto ‘errado demais’.’ (*ibid.*, 2009: 107).

Sobre o chamado *objeto nulo*, Castilho (2013) mostra uma evolução da frequência de retenção do *objeto direto anafórico*: na primeira metade do século XVIII havia uma frequência de 82%, que chegou até a 96% na segunda metade do mesmo século. Num corpus sincrônico do século XX, essa frequência não chega aos 20% (18%). Isso que dizer que pelas idas de 1760, em quase todas as elocuições seria de se esperar que o *pronome clítico* fosse retomado. Como no caso de (iv):

(iv) **Ele** veio para Oslo para passar o final de semana, então eu fui buscá-**lo**.

Enquanto que hoje, no PBC há uma maior ocorrência de dois tipos de elocuições (Castilho, 2013): (v) onde o pronome *ele* é reapresentado, ou o *objeto nulo* (vi).

(v) Ele veio para Oslo passar o final de semana, então eu fui buscar **ele**.

(vi) Ele veio para Oslo passar o final de semana, então eu fui buscar (**Ø**).

Ainda sobre isso, Castilho nos traz que de acordo com os estudos de Duarte, ‘os falantes do PB de São Paulo [onde o levantamento de dados da pesquisa foi feito] consideram pedante o uso dos clíticos nas situações informais, e estigmatizam o uso do pronome *e/le* nas situações formais, mesmo que o empreguem na norma objetiva’ (Duarte, 1989: 303).

Bagno e Castilho mostram plena concordância sobre esse tópico e Bagno afirma que ‘os pronomes oblíquos de 3ª pessoa estão, se não totalmente mortos, pelo menos moribundos’. (Bagno, 2009: 102) Como prova o autor nos traz que essa forma simplesmente não é registrada na fala de crianças que ainda não frequentaram a escola, nem na de analfabetos. Ou seja: os pronomes não fazem parte da *língua materna* (independente do nível de cultura e educação formal a que essas crianças estejam expostas) e a única forma que os falantes do PBC têm contato com esse tipo de pronome é através da apresentação sistemática da TGB por meio da escola.

Sobre a forma como as estratégias de pronominalização são apresentadas na TGB Bagno afirma que:

Os capítulos das gramáticas dedicados à colocação pronominal precisam urgentemente de crítica e reelaboração: ali tem que aparecer, em primeiríssimo lugar, a regra única, básica do português brasileiro - a próclise ao verbo principal - e, depois, como curiosidade, como elemento de comparação entre o português brasileiro e o europeu, como demonstrações da mudança linguística, todas aquelas intermináveis regras, não para serem seguidas como as únicas ‘certas’, mas simplesmente para se saber que existem (ou existiram um dia...) (Bagno, 2009: 100)

Castilho (2013), assim como Bagno (2009 e 2011), também nos traz que o PE é predominantemente enclítico enquanto que no PB há uma predominância da ocorrência de próclise. Em sintonia com esses autores, Perini afirma que: ‘No PB a regra de posicionamento do pronome oblíquo é muito simples: O pronome oblíquo (sem preposição) se posiciona sempre antes do verbo principal da oração. [posição proclítica]’. (Perini, 2013: 119)

5.2.2 Sob a luz da TGB

Cunha e Cintra (2007) nos trazem que há três formas possíveis para a colocação dos pronomes átonos, sejam elas a *ênclise*, a *próclise* e a *mesóclise*. Porém, afirmam que ‘sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, a sua posição lógica, normal, é ênclise.’ (Cunha e Cintra, 2007: 323) Dito ser a ênclise a *normalidade*, são elencadas um total de 20 regras de colocação pronominal, agrupadas em duas categorias, sejam ela (a) ‘com um verbo só’, e (b) ‘com uma locução verbal’. A seguir são elencadas todas essas regras.

A categoria (a) é composta por seis regras, sejam elas:

- (i) 'quando o verbo está no *futuro do presente* ou no *futuro do pretérito*, dá-se tão somente a *próclise* ou *mesóclise* do pronome [...]
- (ii) 'é, ainda, preferida a *próclise*
 - nas orações que contêm uma palavra negativa [...] quando entre ela e o verbo não há pausa [...]
 - nas orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos [...]
 - nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo [...]
 - nas orações subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjunção esteja oculta [...]
 - com gerúndio regido da preposição *em* [...]
- (iii) 'não se dá a *ênclise* nem a *próclise* com os participios. [...]
- (iv) 'com os *infinitivos* soltos, mesmo quando modificados por negação, é lícita a *próclise* ou a *ênclise*, embora haja acentuada tendência para esta última colocação pronominal. [...]
- (v) 'pode-se dizer que, além dos casos examinados, a língua portuguesa tende à *próclise* pronominal
 - quando o verbo vem antecedido de certos advérbios[...] ou expressões adverbiais e não há pausa que os separe [...];
 - quando a oração, disposta em ordem inversa, se inicia por objeto direto ou predicativo [...];
 - quando o sujeito da oração, anteposto ao verbo, contém o numeral *ambos* ou algum dos pronomes indefinidos [...];
 - nas orações alternativas [...].
- (vi) 'observe-se por fim que, sempre que houver *pausa* entre um elemento capaz de provocar a *próclise* e o verbo, pode ocorrer a *ênclise*'. (*ibid.*: 324 a 327)

A categoria (b) possui duas regras:

- (i) 'nas *locuções verbais* em que o verbo principal está no *infinitivo* ou no *gerúndio*, pode dar-se:
 - *sempre a ênclise* ao infinitivo ou ao gerúndio [...];
 - a *próclise* ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, isto é:
 - quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, e entre elas não há pausa [...];
 - nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos [...];

- nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo [...];
 - nas orações subordinadas desenvolvidas, inclusive quando a conjunção está oculta [...];
 - a *ênclise* ao verbo auxiliar, quando não se verificam essas condições que aconselham a próclise [...]
- (ii) 'quando o verbo principal está no *particípio*, o pronome átono não pode vir depois dele. Virá, então, *proclítico* ou *enclítico* ao verbo auxiliar, de acordo com as normas expostas para os verbos na forma simples. [...]' (*ibid.*: 328 a 330)

Essa extensa lista de regras apresenta as possibilidades para a colocação dos *pronomes clíticos*, através da enunciação de verbos e expressões como, 'é lícita', 'condições que aconselham a...'. Esses termos corroboram a ideia de *magister dixit* mencionada anteriormente por Bechara (2005), ideia essa que o próprio autor diz refutar em sua obra.

Outro ponto que merece destaque é que os exemplos utilizados para ilustrar cada uma das regras de colocação pronominal provêm de obras literárias, de autores como Machado de Assis, J. Lins do Rego, É. Veríssimo e C. Drummond de Andrade. Não há qualquer menção a um corpus que registre o português contemporâneo, ou ainda escritas de periódicos ou artigos contemporâneos à data da produção da gramática. As fontes utilizadas pelos autores são exclusivamente literárias (se não em toda a gramática, pelo menos no que se refere exclusivamente a esse tópico).

Seria possível argumentar que, pelo simples fato de haver tantas regras, com tantos detalhes e pormenores que requerem profundo conhecimento da sintaxe da língua para que possam ser compreendidos, os autores estariam buscando aumentar a complexidade do fenômeno apresentado, aumentando a dificuldade da língua a partir do ponto de vista dos seus usuários. Entretanto, é trabalho de linguistas, especialmente gramáticos, descreverem a língua. E se as mesmas regras fossem usadas, realmente tal como são descritas, não causaria estranheza, ou dificuldade para que seus falantes nativos as utilizassem plenamente, ainda que de forma inconsciente.

Exemplo disso é quando alguém se propõe a aprender alemão de forma sistemática, e não por imersão. Os aprendizes se deparam com inúmeras regras relativas à colocação dos termos nas orações, bem como a forma que determinados termos devem declinar, de acordo com suas funções sintáticas. Uma das alternativas utilizadas para que o aprendiz possa entender as regras, para depois internalizar e por fim utilizá-las, é a apresentação sistemática da sintaxe da língua. Muito frequentemente, um falante nativo não tem conhecimento consciente de que *caso tal palavra* está em tal *frase*.

Assim sendo, o entendimento de que pelo simples fato da descrição do fenômeno ser complexa, que os autores estariam problematizando a questão em excesso, seria no mínimo falacioso. A questão aqui é que, diferentemente do caso ilustrado referente ao alemão, em PB as regras não são utilizadas livre e plenamente pelos falantes da língua. Ao contrário, os falantes são compelidos a aprender as regras apresentadas pela gramática, devendo portanto se adequar a uma norma fictícia, em lugar de ter a sua língua com as suas peculiaridades devidamente descritas por uma gramática.

Porém, após a apresentação de suas 20 regras, Cunha e Cintra (2007) nos trazem um item denominado 'colocação dos pronomes átonos no Brasil'. Nele temos que:

A colocação dos pronomes átonos no Brasil, **principalmente no colóquio normal**, difere da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica. Podem-se considerar como características do português do Brasil, e também, do português falado nas Repúblicas africanas (a) a possibilidade de se iniciarem frases com tais pronomes, especialmente a forma *me* [...]; (b) a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que **exija** ou **aconselhe** tal colocação [...]; (c) a próclise ao verbo principal nas locuções verbais [...]. (*ibid.*, 2007: 331) (grifos meus)

Os autores dão ênfase ao uso da próclise 'principalmente no colóquio normal', sem mencionar o uso de próclise em outros registros escritos e formais, conforme indicado por Bagno (2009). O prescritivismo está aqui marcado através do uso de

termos como ‘exija’ ou ‘aconselhe’, se referindo a um *desvio* no Brasil, do que é de fato a *regra*.

Outro ponto importante é que essa gramática apresenta como proposta retratar a língua portuguesa de uma forma ampla, englobando o PB, o PE, e o português africano, em suas diversas formas. Assim sendo, seria de se esperar que as regras existentes em cada um desses contextos fossem apresentadas de forma que elas fossem postas no mesmo patamar, não havendo prioridade a uma em detrimento às outras. Mas fosse esse o caso, os autores poderiam/deveriam justificar o motivo de terem priorizado essa ou aquela variedade do que entendem como o todo da ‘língua portuguesa’. Fosse por entenderem que a língua tem seu *exponente mais clássico* em Portugal, ou, caso tivessem escolhido dar destaque às formas do PB, pelo fato de ser a variante com maior número de falantes nativos, ou maior produção literária. Isso não foi feito. Ao contrário, o destaque e o status de regras *corretas* foi reconhecidamente dado às formas do PE, cabendo ao PB e ao português africano um item que mostra como os mesmos utilizam a língua fugindo às suas regras, agindo de forma não *aconselhável* ou de maneira distinta da *exigida*.

No caso de Bechara, mesmo antes de entrar nas ‘regras de colocação dos pronomes pessoais átonos e do demonstrativo *o*’, é apresentada uma explicação acerca do tema, no que se refere às regras do Brasil:

Durante muito tempo viu-se o problema [colocação pronominal] apenas pelo aspecto sintático, criando-se a falsa teoria da ‘atração’ vocabular do *não* do *quê*, de certas conjunções e de tantos outros vocábulos. Graças a notáveis pesquisadores, e principalmente a Said Ali, passou-se a considerar o assunto pelo aspecto fonético-sintático. Abriam-se com isso os horizontes, estudou-se a questão dos vocábulos átonos, e **chegou-se à conclusão de que muitas das regras estabelecidas pelos puristas ou estavam erradas, ou se aplicavam em especial atenção ao falar lusitano**. A Gramática, alicerçada na tradição literária, **ainda não se dispôs a fazer concessões a algumas tendências do falar dos brasileiros cultos**, e não leva em conta as possibilidades estilísticas que os escritores conseguem extrair da colocação dos pronomes átonos. **Daremos aqui apenas aquelas normas que, sem exagero, são observadas na linguagem escrita e falada das pessoas cultas**. Não se infringindo os critérios expostos, o problema é questão pessoal de escolha, atendendo-se às exigências da eufonia.

É urgente afastar a ideia de que a colocação brasileira é inferior à que os portugueses observam [...]. (Bechara, 2005: 587)

Diferentemente de Cunha e Cintra (2007), Bechara (2005) abre o tema com a apresentação do seu entendimento sobre a autenticidade das regras do PB, e a sua distinção, com relação às regras do PE. Ele se propõe a apresentar de acordo com as tendências de falar dos brasileiros cultos. Especial destaque cabe ao termo 'sem exageros', e sua interpretação está aberta a distintas margens que só serão melhor compreendidas conforme as regras sejam apresentadas. Por suas palavras, entendemos que ele é um dos gramáticos que se dispôs a fazer tais *concessões*.

Aos apresentar as ditas regras que 'são observadas nas linguagem escrita e falada das pessoas cultas' (*ibid.*), temos aqui também a apresentação das três possibilidades de colocação do *clítico* em relação ao verbo: *próclise*, *ênclise* e *mesóclise*. Assim como Cunha e Cintra (2007), as regras também são agrupadas em duas categorias: (a) em relação a um só verbo, e (b) em relação a uma locução verbal, totalizando 12 regras.

A categoria (a) é composta de 5 regras, sejam elas:

- (i) 'Não se inicia período por um pronome átono [...];
- (ii) 'Não se pospõe, em geral, pronome átono a verbo flexionado em oração subordinada [...]
- (iii) 'Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) pu precedido de palavra de sentido negativo [...]
- (iv) 'Não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Se não forem contrariados os princípios anteriores, ou se coloca o pronome átono proclítico ou mesoclítico ao verbo [...]
- (v) 'Não se pospõe ou intercala pronome átono a verbo flexionado em oração iniciada por palavra interrogativa ou exclamativa [...]' (*ibid.*: 588 e 589)

A categoria (b) possui duas sub-categorias:

- (i) com relação ao auxiliar + infinitivo, ou auxiliar + gerúndio. Sobre eles temos que ‘se os princípios já expostos não forem contrariados, o pronome átono poderá aparecer:
- ‘proclítico ao auxiliar [...]
 - ‘enclítico ao auxiliar (ligado por hífen) [...]
 - ‘enclítico ao verbo principal (ligado por hífen) [...]’ (*ibid.*: 589 e 590)
- (ii) com relação ao auxiliar + participio. ‘Não contrariando os princípios iniciais, o pronome átono poder vir:
- ‘proclítico ao auxiliar [...]
 - ‘enclítico ao auxiliar [...]’ (*ibid.*: 590)

Há ainda uma terceira categoria, denominada ‘posições fixas’, onde segundo Bechara, a tradição fixou a próclise. Essa categoria apresenta duas regras:

- (i) ‘com o gerúndio precedido da preposição *em* [...]
- (ii) ‘nas orações exclamativas e optativas, com o verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo [...]’ (*ibid.*: 591).

Ainda que agrupadas e categorizadas de maneira distinta, de uma forma geral as regras apresentadas por Cunha e Cintra (2007) e Bechara (2005) apresentam uma grande consonância. Bechara (2005) entretanto interpolou às regras inúmeras observações, dentre as quais daremos destaque a algumas que se ocupam do PB. Mas antes, vamos nos atentar justamente ao modo como o conteúdo foi exposto pelo autor.

A forma como todas essas regras são apresentadas também poderia gerar a falsa impressão de um prescritivismo, haja vista os inúmeros: ‘não se faz *tal coisa*’. Porém, o simples fato de afirmar que algo não existe, ou não se faz na língua não caracteriza *per se* um prescritivismo. Vejamos por exemplo, se determinada regra hipotética afirmar: ‘não se pospõe o artigo definido ao substantivo ao qual ele se refere’, temos aqui um fato gramatical. Em nenhuma variante da língua até então registrada, em nenhuma de suas modalidades, ou distintos níveis de linguagem encontraremos a possibilidade de se construir uma oração como: ‘Menino o foi para escola a.’. Essa regra hipotética seria um fato da língua. Entretanto, qual seria o

propósito de enunciá-la? Uma vez que o objetivo é descrever a língua, seria natural e esperado que a gramática se ocupasse do que a língua é, e não do que ela não é.

Um paralelo para ilustrar a questão pode ser feito com etiquetas de distintos produtos. Faria sentido escrever numa etiqueta de uma roupa que a mesma não é um para-quedas? ou uma bóia? ou ainda uma tenda de acampamento? O senso crítico diz que não. Daí temos que a informação, para mostrar algo que o produto *não é* deve ter uma motivação e relevância. Por isso, em alguns itens, é importante notificar o consumidor sobre alguma possível má interpretação sobre o uso, como é o caso de uma tesoura de costura, afiada. Ali é plausível que se escreva ‘essa tesoura não é um brinquedo, e não deve ser usada por crianças’. Assim evita-se que uma criança se machuque. Mas não é plausível escrever ‘essa tesoura não pode ser utilizada como um veículo automotivo’.

No que se refere à gramática, especulemos o porquê da descrição de uma língua dever se ocupar do que ela não é, ou do que não deve ser feito. Pode-se supor que (i) o uso considerado *indevido* cause ambiguidade, e há uma solução gramatical para resolver essa ambiguidade; (ii) determinada forma ocorra frequentemente, mas seja considerada *imprópria*, por não estar de acordo com o *ideal* da língua.

Se o uso de enunciados como ‘não se faz tal coisa’ se referir a (i), então pode ser justificado e até mesmo esperado que eles constem numa gramática que se propõe a ser descritiva. Caso o dito enunciado se refira a (ii), temos aqui um indício claro de prescritivismo, uma vez que está presente a preocupação de apresentar a língua como ela *deve ser*, e não como de *fato ela é*.

Vejamos se no caso da colocação dos *clíticos* apresentada por Bechara (2005) temos a hipótese (i) por justificativa. Observemos as frases abaixo:

- (a) Me dá o livro.
- (b) Dá-me o livro.

Não há aqui qualquer possibilidade de ambiguidade, podendo portanto a hipótese (i) ser descartada. Mas, para que não caiamos num maniqueísmo, haveria ainda talvez uma terceira possibilidade, (iii), se o enunciado aparentemente prescritivo incluísse como vínculo para tal *norma* o nível de linguagem. Aqui seria plausível apresentar a regra, colocando como nota as exceções e o seu contexto de uso. No caso do exemplo apresentado, dentro do entendimento de que a gramática é descritiva, caberia descrever o seu uso, em contexto amplo, geral e não marcado que em PBC temos (a) como regra. Mas cabe, sim, uma nota que afirme existir a possibilidade de se escrever (b), especialmente em contextos formais, mais regulados e escritos.

De volta à gramática de Bechara (2005), ao afirmar que ‘não se inicia período por pronome átono’ (*ibid.*: 588), temos a seguinte nota: ‘Ainda que não **vitoriosa na língua exemplar**, mormente na sua modalidade escrita, este princípio é, **em nosso falar espontâneo, desrespeitado** [...]’ (*ibid.*) (grifos meus). Aqui fica mais uma vez claro que o autor se ocupa do que considera uma língua exemplar, e que no falar espontâneo nós fugimos e *desrespeitamos* tal regra. É no mínimo paradoxal que um autor que se propõe a descrever a língua (como ficou claro em 2.3.1), evitando o *magister dixit*, afirme estar tal forma marcada no *nosso falar espontâneo* desrespeitando a regra.

Mais à frente, numa segunda observação sobre o tema, Bechara (2005) chega a afirmar que Rui Barbosa tem por errônea a colocação do pronome. Dentro desse entendimento, mesmo os autores que fazem parte do corpus literário, adotado como padrão para a entendida descrição da língua, fogem à regra tida com certa.

Ainda mais à frente, ao apresentar observações relativas à colocação pronominal, com relação a uma locução verbal, no caso de verbo auxiliar com infinitivo ou gerúndio, temos o seguinte:

Com mais frequência ocorre entre brasileiros, **na linguagem falada ou escrita**, o pronome átono proclítico ao verbo principal, sem hífen. [...] A Gramática clássica, **com certo exagero, ainda não aceitou tal maneira de colocar o pronome átono**, salvo se o infinitivo está precedido de preposição. (*ibid.*: 590) (grifos meus)

Aqui temos a continuação do paradoxo, uma vez que o próprio autor afirma que tal colocação pronominal ocorre com frequência no PB, e que é *exagero* da gramática não aceitar essa regra. Se ele próprio entende isso como um exagero, e escreve uma obra que se propõe a ser descritiva, então talvez o paradoxo esteja resolvido, ao entendermos que a proposição entendida pelo autor não é de fato atendida por ele mesmo.

Reforçando o que foi dito até aqui, temos um item denominado 'explicação da colocação dos pronomes átonos no Brasil', onde Bechara escreve:

Nos princípios anteriormente comentados vimos certa **tendências brasileiras** que nem sempre a Gramática agasalha como dignas de imitação, presa que está a um critério de autoridade que **a linguística moderna pede seja revisto**. (*ibid.*: 591)
(grifos meus)

Por fim, fica aqui ainda mais evidente o porquê de Bechara estar enquadrado nesse estudo dentro da TGB, com viés prescritivista. Ele está ciente de que a norma do PB não é representada nas regras gramaticais elencadas em sua obra, tanto quanto está ciente que a *linguística moderna* não está de acordo com a forma prescritiva através da qual as *tendências brasileiras* são excluídas, está no papel de redator de uma gramática que se propõe a descrever a língua, tem a possibilidade de descrever o PB, e ainda assim, apresenta suas regras como *desrespeitando* a norma padrão, da qual ele ainda não conseguiu se desvencilhar.

5.3 Sintagma *dele*

5.3.1 Sob a luz do PBC

Ao tratarmos de *pronomes* temos os *possessivos*, que ocupam prioritariamente a função de sujeito, pertencendo ao caso nominativo. Temos também os *possessivos*, e sobre isso Castilho nos traz que 'possessivo é a classe que estabelece uma relação entre um possuidor e uma coisa possuída' (Castilho, 2013: 501). Dentro do entendimento de Neves '[...] quando se usa um **possessivo** como **determinante** do **nome**, há sempre uma 3ª pessoa (representada por um **nome**, ou **substantivo**) posta em relação com outra pessoa, que pode ser a 1ª, a 2ª, ou a 3ª, sendo essa diferenciação marcada pela própria forma do **possessivo**' (Neves, 2008: 471). Bagno os denomina de *indicadores de posse* (Bagno, 2011).

Em PBC há uma peculiaridade com relação aos *indicadores de posse*, e isso se deve ao rearranjo dos *índices de pessoa*. A forma *você* traz como possessivo *seu* (e suas flexões). Mas seu uso se mescla com o de *tu* e seu possessivo *teu* (na forma singular). De acordo com Bagno (2011: 769) '[...] assim como ocorre com os oblíquos, os possessivos referentes a *tu* e *você* são usados indiferentemente na correlação com esses índices pessoais'. Isso pode ser visto nos exemplos abaixo:

- (i) **Você** trouxe os **teus** livros pra aula?
- (ii) Vê se **tu** não vai esquecer das **suas** chaves!

Para a flexão plural de *você*, aparece uma forma analítica, forma essa que afirma Bagno (2011) ser categórica no plural: *de vocês*.

- (iii) A responsabilidade de manter o quarto arrumado é **de vocês**.

Sobre isso Neves afirma que 'todas as relações de sentido que um **determinante possessivo** pode indicar também podem ser indicadas por meio de **preposição de+substantivo** ou **pronome pessoal/pronome** de tratamento.' (Neves, 2011: 476)

O rearranjo dos pronomes pessoais em PBC e o uso de *você* e seus *indicadores de posse* traz ainda outras implicações: a forma *seu* (e suas flexões) se torna ambígua, podendo se referir tanto à segunda pessoa, quanto à terceira pessoa do singular. Bagno (2011: 801) representa as diversas situações teóricas através dos exemplos:

- (iv) sing: sing Ana trouxe **seu** filho pra gente conhecer.
- (v) sing: plur Ana trouxe **seus** filhos pra gente conhecer.
- (vi) plur: sing Ana e Oto trouxeram **seu** filho pra gente conhecer.
- (vii) plur:plur Ana e Oto trouxeram **seus** filhos pra gente conhecer.
- (viii) sing: sing Você trouxe **seu** filho pra gente conhecer?
- (ix) sing: plur Você trouxe **seus** filhos pra gente conhecer?
- (x) plur: sing Vocês trouxeram **seu** filho pra gente conhecer?
- (xi) plur: plur Vocês trouxeram **seus** filhos pra gente conhecer?

Daí surge a solução para essa ambiguidade a partir da criação de uma nova forma: *dele* (e suas flexões). Sobre isso Castilho afirma que:

Deslocando-se *seu* para a segunda pessoa, abre-se nova casa vazia, a da terceira pessoa, que passou a ser ocupada por *dele*, *deles*. Moraes Castilho [...] explica a inclusão de *dele* no quadro dos possessivos como o resultado do redobramento sintático do *seu*. (Castilho, 2013: 502)

Neves afirma que ‘muitas vezes o emprego de **de+substantivo ou** pronome, no lugar de um **possessivo**, evita dupla interpretação, pela possibilidade de deixar expressos: a) a **pessoa** do possuidor, b) o **gênero** do possuidor.’ (Neves, 2018: 474). Observemos ainda outro exemplo de como as ambiguidades supracitadas foram resolvidas em PBC (adaptado de Castilho (2013)):

(xii) Ô João, você sabia que **seu** filho Antônio perdeu **seu** carro?

(xiii) Ô João, você sabia que **teu** filho Antônio perdeu o carro **dele**?

Essa solução é utilizada categoricamente em PBC falado, e com altos índices em PBC escrito (Bagno, 2011; Castilho, 2013).

5.3.2 Sob a luz da TGB

Ao apresentar os diferentes tipos de pronomes, Bechara (2005) começa por definir o que se entende pelo termo, em suas diversas acepções, bem como o que vem a ser *as pessoas do discurso*:

Pronome é a classe de palavras categoremáticas [...] que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto. De um modo geral esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada no discurso. *Pessoas do discurso* são as pessoas determinadas do discurso: 1ª *eu* (a pessoa correspondente ao falante), 2ª *tu* (correspondente ao ouvinte). A 3ª pessoa, indeterminada, aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação comunicativa. (*ibid.*: 162)

De acordo com essa definição, estariam englobadas aqui tanto as formas tradicionais dos *pronomes pessoais*, quanto o que Bagno (2011) denomina por *indicadores de posse*, i.e., as formas *dele* e suas flexões. Isso porque as formas *dele* e suas flexões são formas de número limitado, que se referem a outras palavras do contexto, juntamente a uma determinada pessoa do discurso.

Dando sequência ao tema, após apresentar a definição geral de pronomes, Bechara (2005) elenca as suas categorias e a forma como eles são empregados. No que se refere à sua classificação, temos: *pronomes pessoais*, *pronomes possessivos*, *pronomes demonstrativos*, *pronomes indefinidos*, *pronomes interrogativos* e *pronomes relativos*.

No que se refere especificamente aos *pronomes possessivos*, Bechara os define como '[...] os que indicam a posse em referência às três pessoas do discurso [1^a, 2^a e 3^a]' (*ibid.*: 166).

O entendimento de Cunha e Cintra (2007) de maneira geral vai de acordo com o de Bechara (2005), embora descrito em seus próprios termos, no que se refere à definição geral do termo *pronome*. Ao tratar de pronomes possessivos propriamente ditos, temos a seguinte definição:

Os *pronomes possessivos* apresentam **três séries de formas**, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas **variam de acordo com o gênero e o número da coisa possuída** e com o número de pessoas representadas no possuidor. (Cunha e Cintra, 2007: 333)(grifos meus)

Essa classificação já exclui as formas *dele* e suas variantes, uma vez que as mesmas não se flexionam de acordo com o gênero e o número da coisa possuída. Observe:

- (i) **A eloquência dela** sempre se fez presente, mesmo quando em silêncio.
- (ii) Gosto muito dessa autora, e de todas **as obras dela**.
- (iii) Ele nunca sai de casa sem levar **o cachorro dela**.
- (iv) Todos sabemos que **esses méritos** não são dela.

Entretanto, mais à frente os autores nos trazem que:

Os *pronomes possessivos* acrescentam à noção de pessoa gramatical uma ideia de posse. São, de regra, pronomes adjetivos, equivalentes a um adjunto adnominal antecedido da preposição *de* (*de mim, de ti, de nós, de vós, de si*), mas podem empregar-se como pronomes substantivos. (Cunha e Cintra, 2007: 333)

Interessante notar que ao se referir à questão semântica dos *pronomes possessivos* os autores apresentam diversas formas equivalentes, formadas a partir da preposição *de* somada a algum outro pronome, inclusive um pronome pessoal. Entretanto a forma *dele* e suas flexões não foi mencionada aqui. Eles apresentam um quadro síntese com o que entendem ser as formas possíveis dos *pronomes possessivos*:

		Um possuidor		Vários possuidores	
		Um objeto	Vários objetos	Um objeto	Vários objetos
1 ^a . pessoa	masculino	meu	meus	nosso	nossos
	feminino	minha	minhas	nossa	nossas
2 ^a . pessoa	masculino	teu	teus	vosso	vossos
	feminino	tua	tuas	vossa	vossas
3 ^a . pessoa	masculino	seu	seus	seu	seus
	feminino	sua	suas	sua	suas

Tabela 5.2 - Pronomes possessivos (adaptado de Cunha e Cintra, 2007: 333)

Ao tratar da forma como os *pronomes possessivos* são empregados, Bechara (2005) afirma que:

Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu, sua, seus, suas*, pelas formas *dele, dela, deles, delas, de você, do senhor*, etc., conforme convier. (*ibid.*: 181).

Embora o autor discorra ainda sobre diversos aspectos e usos dos pronomes pessoais, não há outras referências ao longo da obra sobre as formas *dele* e suas flexões, como também não é cunhado um termo próprio para esse tipo de sintagma.

Exceção cabe a quando são mostradas as formas possíveis de contração da preposição *de*, quando juntas aos *pronomes pessoais*. Mas aqui o autor não se ocupa de explicar sua utilização.

Cunha e Cintra (2007) apresentam como um sub-item dentro de *valores e empregos dos possessivos* uma seção denominada *emprego ambíguo do possessivo da 3ª. pessoa*. Os autores, assim como Bechara (2005), Bagno (2009), Castilho (2013) e Neves (2008) apontam para o problema da ambiguidade dos termos *seu* e suas flexões. Sobre isso temos que:

Para evitar qualquer ambiguidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu(s)*, *sua (s)*, pelas formas *dele(s)*, *dela(s)*, *de você(s)*, *do(s) senhor(es)*, *da senhor(s)* e outras expressões de tratamento. (Cunha e Cintra, 2007: 335).

Daqui temos que, ainda que os dois representantes da TGB tratem das formas *dele* e suas flexões, elas não são elencadas como pertencentes à categoria de *pronomes possessivos*. Dentre as explicações dadas por ambos sobre as peculiaridades e os usos dos *pronomes possessivos*, cabem às formas *dele* e suas flexões uma nota onde é mostrado o seu uso como solução do problema da ambiguidade que surge a partir do uso do pronome *seu* e suas flexões.

Conforme afirmado anteriormente, a questão de nomenclatura não é o ponto chave no que se refere à descrição do fenômeno. Entretanto, a forma como ele é tratado é de grande relevância. Novamente os representantes da TGB colocaram um fenômeno categórico do PBC como uma nota, em lugar de conferir o status de regra.

5.4 Parâmetros adotados

Apresentados os entendimentos acerca dos fenômenos abordados nesse estudo cabe agora apresentar um quadro síntese com os parâmetros que serão adotados para a análise dos MDs, categorizando-os dentro da escala de (-2) a (2), de acordo com o que foi descrito no item 3.3. Nos quadros abaixo (tabela 5.3) temos o que se entende como representativo do PBC, e da TGB, e os valores que serão conferidos

posteriormente para o cálculo do coeficiente de representatividade do PBC nos MDs (tabela 5.4).

Fenômeno	PBC	TGB
1. Sintagma <i>a gente</i>	<i>A gente</i> tem o mesmo status dos <i>pronomes pessoais</i> , concorrendo com a forma <i>nós</i>	<i>A gente</i> é entendido como de uso restrito a contextos orais informais, sem ter o mesmo status de <i>pronome pessoal</i>
2. Estratégias de pronominalização	Próclise é a norma padrão. Objeto nulo. Retomada anafórica do pronome <i>ele</i> .	Ênclise é a norma padrão e as exceções obedecem às normas elencadas em 5.2.2
3. Sintagma <i>dele</i>	O sintagma <i>dele</i> e suas flexões têm o mesmo status dos demais <i>pronomes possessivos</i>	A norma padrão obedece o quadro pronominal apresentado em 5.3.2, e a forma <i>dele</i> e suas flexões são entendidas como uma alternativa adotada em caso de ambiguidade

5.3 Quadro síntese dos parâmetros adotados para a análise dos MDs

Valor	<i>A gente</i>	Pronominalização	<i>Dele</i>
2	Mesmo status dos <i>pronomes pessoais</i>	<i>Próclise, objeto nulo</i> ou retomada anafórica de <i>ele</i> como regra	Mesmo status dos <i>pronomes possessivos</i>
1	Apresentação não coerente, ora dentro do entendimento da TGB, ora do PBC	Apresentação não coerente, ora dentro do entendimento da TGB, ora do PBC	Apresentação não coerente, ora dentro do entendimento da TGB, ora do PBC
-1	<i>A gente</i> utilizado em contextos não formais	ênclise como regra	<i>Dele</i> como alternativa em caso de ambiguidade
-2	<i>a gente</i> não é citado	<i>Próclise, objeto nulo</i> ou retomada anafórica de <i>ele</i> não são citados	<i>dele</i> não é citado

5.4 Quadro síntese dos valores adotados para a análise dos MDs

6. Análise dos materiais didáticos de português brasileiro

Aqui serão analisados um a um os materiais didáticos elencados em 3.2, onde serão estudados os 3 temas trazidos em 5: (1) sintagma *a gente*, (2) estratégias de pronominalização e (3) sintagma *dele*. Os critérios utilizados para sua avaliação estão de acordo com o que foi apresentado em 3.3.1 (abordagem analítica e métodos) e o resultado da pontuação é apresentado no quadro síntese (tabela 6.1), ao final desse capítulo, de acordo com os valores de referência trazidos em 3.3.2 (ferramentas analíticas e processamento de dados) também apresentados sinteticamente no quadro 5.4.

6.1 Os fenômenos como são abordados nos materiais didáticos

Uma vez que o objetivo desse estudo é analisar os MDs, e responder à pergunta **‘Em que medida o material didático para o ensino da português brasileiro como língua estrangeira é representativo do português brasileiro contemporâneo?’**, a organização dos dados se deu através da avaliação de cada um dos 3 temas dentro de cada um dos materiais didáticos. O objetivo dessa escolha é a avaliação de cada MD, entendido como um elemento. Caso a apresentação dos dados fosse organizada tomando por base cada um dos temas, o enfoque seria dado nos mesmos, em detrimento do MD.

6.1.1 *Passagens: português do Brasil para estrangeiros*

Apesar de não haver uma indicação direta do nível do material didático, seu conteúdo o enquadra dentro do nível A, de acordo com o QECRL. A estrutura do livro apresenta cada página como uma unidade, de tal forma que há 216 unidades, e um *apêndice gramatical* ao final da obra. Cada uma dessas unidades tem um tema e um ponto gramatical a ser trabalhado. Esses pontos são retomados posteriormente em outras unidades, de acordo com o entendimento apresentado pela autora em sua apresentação ‘Essas revisões sempre se remetem às lições já estudadas no conjunto do livro, não necessariamente àquelas que estão imediatamente antes delas. Isso contribui para que o aluno esteja sempre revendo o que já viu, mesmo que já tenha estudado determinada lição há mais tempo.’ (Celli, 2002: apresentação).

Dentre os diversos quadros apresentados ao longo das unidades, há um denominado *focalização* cujo objetivo é apresentar a sistematização do tópico gramatical trabalhado na unidade. Esse quadro não apresenta explicação qualquer, mas mostra as formas entendidas como possíveis ou corretas. O quadro *focalização* está também de acordo com o entendimento da autora, descrito na apresentação da obra: '[...] isso não impede, entretanto, que os aspectos gramaticais sejam apresentados de forma a garantir a elegância e a correção da linguagem. A Gramática deve ser apresentada de forma simples e gradativa, não como um “fim”, segundo afirma Domingos Paschoal Cegalla, na *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, senão como um meio posto a nosso alcance **para disciplinar a linguagem e atingir a forma ideal de expressão oral e escrita**'. (*ibid.*)(grifo meu).

O conteúdo trabalhado em cada uma das unidades é apresentado ao final do livro, sob o nome de *resumo das unidades*, organizado como um índice. Lá o conteúdo é apresentado de acordo com o *texto, a gramática e escrevendo/falando*.

O *apêndice gramatical* traz os tópicos gramaticais também sem quaisquer explicações sobre seu uso, apenas como uma forma de síntese onde são elencadas as formas possíveis ou entendidas como corretas.

6.1.1.1 Sintagma *a gente*

No resumo das unidades os pronomes pessoais aparecem indiretamente toda vez que é elencado um tempo e modo verbal. Dessa forma, temos 147 unidades tratando de distintos tempos e modos verbais e uma unidade que aborda diretamente *a gente*.

Embora não haja uma referência direta aos *pronomes pessoais*, eles são mostrados sistematicamente ao longo da obra, no item chamado *focalização*, onde são listados os sujeitos dos verbos, e o foco está na flexão dos mesmos, de acordo com o tempo e modo verbal trabalhado na unidade. Esse item aparece 50 vezes⁶, sempre apresentado da mesma forma (Anexo I, imagem 1.1.1).

⁶ nas unidades 19, 26, 37, 38, 47, 54, 62, 69, 71, 74, 78, 79, 82, 83, 87 (2 vezes), 93, 100 (3 vezes), 104, 107, 109, 113, 116, 125, 137, 145 (3 vezes), 148, 152, 171, 172, 174, 175, 181, 200 (2 vezes), 202, 205, 207, 213, Apêndice 5 (2 vezes), apêndice 221 (5 vezes).

A *gente* é apresentado somente no capítulo 95, depois de o paradigma dos pronomes pessoais ter sido apresentado 17 vezes sem que a forma *a gente* tenha sido mencionada uma vez sequer. O tema da unidade é 'Vai chover ou fazer sol' e *a gente* é introduzido no livro pela primeira vez no diálogo inicial da unidade, no trecho: '- Aonde é que vocês vão? / A gente vai ao banco.' (*ibid.*: 95). *A gente* é apresentado como uma 'expressão que corresponde a **nós**' (*ibid.*: 95). E é indicada a forma como o verbo deve ser flexionado. (Anexo I, imagem 1.1.2).

Mesmo depois de ter sido apresentado, *a gente* continua ausente nos quadros de *focalização* seguintes, sendo apresentados apenas os pronomes *eu, ele, ela, você, nós, eles, elas, vocês*. Após ter sido apresentado como uma 'expressão correspondente a nós', a partir de então *a gente* aparece em alguns exercícios focalizando a flexão verbal. O primeiro desses na unidade 98, intitulada 'Mas que abacaxi!', cujo tema trabalhado são 'expressões e gírias'. *A gente* foi enquadrado como uma expressão. (Anexo I - imagem 1.1.3). Os demais exercícios apresentados ao longo do livro, cujo foco é a flexão verbal, não trazem *a gente*. (Anexo I - imagem 1.1.4). A única vez que *a gente* aparece novamente, ao longo de todo o livro e suas 222 unidades é num exercício cujo foco está nos pronomes reflexivos. O objetivo do exercício é 'transformar', do sujeito apresentado *nós* para *a gente*. (Anexo I - imagem 1.1.5)

Parecer: *A gente* não é apresentado sistematicamente junto aos *pronomes pessoais* e é tido como uma *expressão*. (valor: -1)

6.1.1.2 Estratégias de pronominalização

No resumo das unidades os pronomes clíticos são abordados em 8 unidades, sob a forma de *pronomes pessoais* (unidade 35), *exercícios com pronomes* (unidade 37), *uso do pronome me no início da frase ou depois do verbo* (unidade 97), *pronomes pessoais* (unidade 139 e 167), *uso dos pronomes pessoais* (unidade 177 e 179) e *exercícios* (unidade 182).

Na unidade 37 é trazido um exercício onde o objetivo é a alternância entre os pronomes *lhe* e *te*, apresentados somente em dois exemplos. (Anexo I - imagem 1.2.1).

Na unidade 97, dentro do quadro *observe* é apresentada a possibilidade da *próclise* para o pronome *me*, com a explicação que ‘aceita-se o pronome ‘me’ no início da frase em português coloquial’ (*ibid.*: 97). (Anexo I - imagem 1.2.2).

Na unidade 139 os pronomes *me*, *nos*, *lhe*, e *lhes* são apresentados dentro do quadro *recordando*, e um exercício é proposto com o objetivo de substituir sintagmas como *para você* por *lhe*. Todos aqui estão em posição proclítica. (Anexo I - imagem 1.2.3)

A unidade 167, intitulada *Posso ajudá-la* tem como tema gramatical em foco os pronomes pessoais *lo(s)* e *la(s)*, trazidos tanto no texto de abertura, no diálogo entre duas amigas, onde Alice pergunta ‘posso **ajudá-la?** Você quer um palpite’ (*ibid.*: 167) (Anexo I - imagem 1.2.4), e ainda em exercícios no quadro *focalização* (Anexo I - imagem 1.2.5). Aqui, assim como nas demais unidades do livro, não há explicações sobre as formas e os usos. Todos os exercícios permitem apenas a colocação dos pronomes em posição enclítica.

O mesmo pode ser visto na unidade 169, intitulada *Apontem-no, por favor* (Anexo I - imagem 1.2.6), onde são apresentados os pronomes *no*, *na*, *nos*, *nas* no quadro *focalização*, e há um exercício cujo objetivo é substituir um sintagma por um desses clíticos. Novamente a única posição possível é a enclítica.

Naturalmente que as formas *lo* e *no* e suas flexões só existem na posição enclítica. Entretanto a questão aqui é o silenciamento na obra a respeito da posição proclítica, seus usos e ocorrências, ou ainda das demais formas pertencentes ao PBC.

Na unidade 177, intitulada *Deixe-o na mesa*, estão em foco os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, também apresentados no quadro *focalização*, e com exercícios no quadro

praticando. Aqui há a possibilidade de colocação dos pronomes em posição enclítica e proclítica, de acordo com as regras da TGB. (Anexo I - imagem 1.2.7).

Por fim, na unidade 179 intitulada *Deixe seu recado* há um exercício proposto no quadro *praticando*, do mesmo molde do exercício da unidade 167, e aqui é apresentada como única possibilidade a colocação do pronome em posição enclítica. (Anexo I - imagem 1.2.8). O mesmo tipo de exercício pode ser visto na unidade 183, (Anexo I - imagem 1.2.9).

Na página 2 do *apêndice*, são apresentados dois quadros com os pronomes pessoais em posição de *objeto direto* e *objeto indireto*. Embora não haja também aqui nenhuma explicação acerca dos seus usos, as formas apresentadas se enquadram dentro das regras da TGB. (Anexo I - imagem 1.2.10).

Parecer: Não foi encontrada em nenhuma das unidades ao longo de toda a obra a menção ao *objeto nulo*, ou retomada anafórica de *ele*. (valor -2)

6.1.1.3 Sintagma *dele*

No resumo das unidades o tema dos *possessivos* é apresentado em 3 unidades em *preposições de + pronomes* (unidade 39), *pronomes possessivos* (unidade 56) e *completar exercícios* (unidade 61).

A primeira vez o tema aparece na obra é na unidade 39 *Fora do comum*, cujo tema aborda *cavernas*. Lá *dele* e suas variações são apresentados dentro do item *Observe*. Novamente não há qualquer explicação, mas somente uma apresentação das formas *dele* e suas variações, sob o nome de *possessivos* (Anexo I - imagem 1.3.1)

Já na unidade 56, os *pronomes possessivos* são apresentados dentro do quadro *Focalização*, de acordo com o quadro da TGB. Na sequência a forma *dele* e suas variações são apresentadas dentro do quadro *Observe*. Há dois exercícios distintos para fixação dos *pronomes possessivos* de acordo com o que é apresentado em *Focalização* e em *Observe*. (Anexo I - imagem 1.3.2)

A última vez que *dele* é apresentado é no item *Praticando*, na unidade 61, onde deve ser feita a substituição de sintagmas como *de Maria* por *dela*. Assim como em todo o restante da obra, não há maiores explicações sobre o tema. (Anexo I - imagem 1.3.3)

Parecer: *Dele* é apresentado sob o mesmo status dos *pronomes possessivos*. (valor: 2)

6.1.2 Panorama Brasil: o ensino de português do mundo dos negócios

Como o próprio título já informa, e como também é trazido na apresentação das autoras do livro, esse é 'um material voltado ao ensino do Português do Mundo dos Negócios' (Ponce *et al.*, 2006: 09). Os temas, e em especial o vocabulário trabalhados aqui têm a ligação clara com o mundo dos negócios.

Talvez por ter esse viés empreendedor, o material seja voltado para alunos que já têm um conhecimento prévio da língua portuguesa, e que têm por intenção se aperfeiçoar, por questões de interesse comercial. Dessa forma, embora não seja apontado claramente pelas autoras qual seja o nível do material didático, o mesmo foi enquadrado no nível B.

Um fator relevante na obra em questão é que o seu índice apresenta as unidades de 01 a 10, trazendo apenas o tema a ser abordado, sem entrar em detalhes relativos ao conteúdo gramatical trabalhado em cada uma dessas unidades. Dentro de cada uma delas, os temas gramaticais são apresentados sob o nome de *Gramática*, e foram esses os pontos utilizados para a análise da obra. Além disso, há um apêndice intitulado *Explicações gramaticais*, de autoria do professor Inaldo Soares. Ao apresentar o conteúdo trabalhado em cada um dos pontos *Gramática*, há uma referência direta à página em que a explicação gramatical é trazida no apêndice. Dessa forma, sempre que um tema gramatical for analisado aqui, será levado em conta tanto o conteúdo dentro da própria unidade, quanto o complemento apresentado nesse apêndice.

Nenhum dos três temas em questão foi abordado de forma direta nas unidades (embora os pronomes oblíquos tratem indiretamente da questão de colocação dos clíticos. Vide 6.1.2.2), que ao abordarem os tópicos gramaticais dão um maior foco às formas verbais (08 de 19 unidades). Abaixo são elencados todos os tópicos gramaticais trazidos na obra, agrupados em suas respectivas unidades:

- Unidade 01 - Agronegócios: grau do adjetivo; pretérito do indicativo;
- Unidade 02 - Tecnologia: imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito; pronomes relativos; futuro do presente; pronomes oblíquos; plural dos substantivos;
- Unidade 03 - Arte e cultura: separação silábica; acentuação gráfica;
- Unidade 04 - Saúde: pretérito mais-que-perfeito composto;
- Unidade 05 - Estilo de vida: voz verbal e passiva; imperativo;
- Unidade 06 - Turismo: outros tempos verbais compostos; futuro do subjuntivo; pronomes reflexivos e pronome apassivador 'se';
- Unidade 07 - Esportes: derivação;
- Unidade 08 - Meio Ambiente: crase; uso de hífen com prefixos; superlativo absoluto;
- Unidade 09 - Terceiro setor: [não há nenhum item de 'gramática' nessa unidade];
- Unidade 10 - Emigração: [não há nenhum item de 'gramática' nessa unidade].

O apêndice gramatical apresenta os mesmos temas abordados ao longo das unidades, em maior profundidade. Mas não há qualquer tema gramatical tratado no apêndice que não tenha sido trazido ao longo do livro, salvo o último item, denominado *Particularidades da língua culta*. Esse tópico trata de palavras e expressões que causam dúvida ao falante que deseja escrever, e portanto apresenta *dicas* de como deve ser escrito.

6.1.2.1 Sintagma *a gente*

Conforme trazido até aqui, a obra não se ocupa do tema dos *pronomes pessoais*, nem ao longo das unidades, nem no apêndice gramatical. Sejam eles de acordo com a TGB, ou com o PBC. Entretanto, ao se verificar o contraste entre a ocorrência do pronome *nós* e *a gente*, pode ser observado o uso exclusivo da forma *nós* na referência à 1ª pessoa do plural. Seja explicitamente, através do pronome pessoal

do caso reto, seja através de pronomes oblíquos, ou de desinências número-pessoais dos verbos. Em nenhum dos 94 excertos apresentados ao longo das 10 unidades (em sua maioria jornalísticos), nem nos demais textos produzidos pelas autoras foi encontrada a forma *a gente*.

Parecer: *A gente* não foi citado. (valor: -2)

6.1.2.2 Estratégias de pronominalização

A primeira vez que o conteúdo é apresentado é sob o título de *pronomes oblíquos*, na Unidade 02 - Tecnologia. Aqui esses pronomes são apresentados como ‘complementos verbais, exercendo a função de objetos diretos ou indiretos, e podem ser átonos ou tônicos.’ (*ibid.*: 27). O exercício proposto na sequência pede que se ache o termo o qual os pronomes estão substituindo, no texto que fora trabalhado anteriormente (Anexo I - imagem 2.2.1).

No apêndice gramatical as explicações se ocupam mais de questões relativas à função sintática desses pronomes (átonos ou tônicos), que à colocação pronominal propriamente dita (Anexo I - imagem 2.2.2). Entretanto os exemplos propostos apresentam tanto a forma proclítica, quando enclítica, como em ‘[...] para que os associados **a** utilizem no dia-a-dia’, e ‘[...] propiciando-**lhes** uma melhor qualidade de vida’ (*ibid.*: 117) (Anexo I - imagem 2.2.3).

Ao longo da obra são trazidos um grande número de textos de natureza jornalística, naturalmente relacionados aos temas das unidades e ao mundo dos negócios. Aqui há um percentual mais expressivo do uso dos pronomes clíticos de acordo com a TGB, com predominância de ênclise, e com pouca (ou nenhuma, até onde foi possível averiguar) ocorrência do *objeto nulo*. Entretanto, permeados a esses textos são encontrados exemplos de reprodução do discurso oral, como é o caso da fala do arquiteto Oscar Niemeyer, trazida na unidade 05 - Estilo de vida: ‘Não queria, como a maioria dos meus colegas, **me** adaptar a essa arquitetura comercial [...] Era um favor que eles **me** faziam.’ (*ibid.*: 57) (Anexo I - imagem 2.2.4). Aqui é interessante notar o uso das próclises.⁷

⁷ Vide regras apresentadas em 5.2.2 de Bechara (2005) a-ii e Cunha e Cintra (2007): a-iv.

A próclise é vista ao longo dos textos apresentados ao longo das unidades, não somente quando relativos à reprodução do discurso oral, como também em textos jornalísticos, como é o caso do texto de abertura da Unidade 07, sobre a atleta 'Magic Paula'. Aqui temos num mesmo texto, um ao lado do outro um exemplo de ênclise e próclise: 'Aos 18 anos, transferiu-**se** para Piracicaba [...] Em 1989, foi jogar no Tintoretto de Madri (Espanha), onde **se** sagrou campeã.' (*ibid.*: 73) (Anexo I - imagem 2.2.5).

Parecer: A questão da colocação pronominal, do *objeto nulo* ou da retomada anafórica de *e/le* não é abordada ao longo da obra, embora haja, conforme mostrado aqui, explicações acerca das funções sintáticas dos pronomes clíticos em sua função oblíqua. (valor: -2)

6.1.2.3 Sintagma *dele*

Não foram encontrados ao longo de todo o livro nenhuma unidade, nenhum item, e nenhum tópico das *explicações gramaticais* com referência direta aos *possessivos*, seja aos pronomes apresentados comumente pela TGB, ou à forma *dele* e suas variações. Nem tampouco foram encontrados exercícios relacionados ao tema, ou a ocorrência dessas formas nos excertos apresentados ao longo de todo o livro.

Parecer: *Dele* não foi citado. (valor: -2)

6.1.3 Fala Brasil: português para estrangeiros

Esse livro está organizado em 15 unidades, organizadas em duas categorias: *situações* e *textos*. Além disso há 4 apêndices (*vocabulário para consulta, fonética, músicas e resumos*) e um índice gramatical, onde são elencados os temas gramaticais trabalhados ao longo das unidades. O índice não é um apêndice, com explicações mais aprofundadas a respeito dos temas gramaticais, como visto em outras obras, mas um elemento para facilitar a localização de temas gramaticais ao longo de toda a obra.

Apesar de não afirmar explicitamente, esse material é destinado a aprendente de nível A, devido tanto aos conteúdos apresentados, quanto à profundidade de sua explanação.

Sobre a estrutura do livro, os autores afirmam que 'Embora lineares, as unidades não são compartimentos estanques: as estruturas e as situações são retomadas proporcionando um crescimento consistente e homogêneo na aprendizagem do aluno' (Coudry e Fontão, 2007: apresentação).

Ao longo das unidades são apresentados diversos itens, a partir dos quais os temas culturais e gramaticais são desenvolvidos. Há *Situação*, *Expansão*, *Sistematização*, *Diálogos dirigidos*. Esses itens são permeados por outros dois: *Expansão* e *Exercícios*. A parte que se refere às explicações de ordem gramatical é abordada em *Sistematização*.

6.1.3.1 Sintagma *a gente*

Logo no início da obra são apresentados os *pronomes pessoais*, elencados no índice gramatical como *Pronomes pessoais sujeito*, e referidos dentro da unidade I, no item *Sistematização* como *Pronomes*. Aqui são apresentadas as formas *eu, tu/você, ele/ela, nós, vocês, eles/elas*. Além do quadro, há uma nota, intitulada *observação*, onde consta que '**tu** é usado apenas algumas regiões do país. **Você** pode ser usado em todo o Brasil' (*ibid.*: 04) (Anexo I - imagem 3.1.1)

Não há qualquer menção ao sintagma *a gente*, e em todas as demais ocorrências ao longo do livro do quadro com os pronomes pessoais (geralmente associadas à introdução de novas formas e tempos verbais), nem uma vez é apresentada a forma *a gente*.

Entretanto, entremeado na unidades do livro há inúmeras músicas do repertório de canções populares brasileiras, e lá é recorrente a presença do sintagma *a gente*, como em 'Chuva, suor e cerveja', de Caetano Veloso, nos trechos: 'acho que a chuva ajuda **a gente** a se ver [...], **a gente** se embala [...], **a gente** se olha.' (*ibid.*, 104)(grifos meus). Mais a frente, na música 'Canção da América', de Milton

Nascimento e Fernando Brandt, no trecho '[...] qualquer dia amigo **a gente** vai se encontrar' (*ibid.*: 225) (grifo meu).

A *gente* também está presente em três textos. No primeiro, 'Um pouco de Brasil II', temos: 'É, andando por essas ruas, parecia que **a gente** tinha voltado no tempo.' (*ibid.*: 148)(grifo meu). A forma *a gente* é usada com alternância à forma *nós* entretanto nenhuma explicação, nota ou comentário é feito a esse respeito.

Mas à frente temos o texto: 'O homem nu', de Fernando Sabino: '[...] quando ele vier **a gente** fica aqui dentro [...]' (*ibid.*: 161) (grifo meu). O texto é trabalhado nessa unidade com relação ao seu conteúdo, e nenhum outro aspecto é abordado.

Por fim, aparece no texto 'No restaurante', de Carlos Drummond de Andrade: '**A gente** pede uma fritada bem bacana de camarão, tá?' [...] Depois do camarão **a gente** traça uma lasanha. [...] Sábado que vem **a gente** repete.' (*ibid.*: 213)(grifos meus); Essa forma, assim como no texto 'Um pouco de Brasil', aparece com alternância com a forma *nós*, aqui marcada pela desinência número-pessoal do verbo.

Parecer: Em nenhum dos excertos foi vista qualquer menção a *a gente*, dentro de uma abordagem sintática formal, ou mesmo como uma nota explicativa. Dessa forma, no que se refere à forma sistemática de apresentação do tema, o sintagma não foi abordado. Quando há a sua ocorrência, está sempre vinculado ao nível informal da língua, representado pelos textos e canções aqui destacados. E também aqui não houve qualquer menção, explicação ou exploração do tema. (valor: -2)

6.1.3.2 Estratégias de pronominalização

Esse tema está referenciado no índice gramatical, como *Pronomes oblíquos e Colocação de pronomes*. Primeiramente temos como parte III da *Sistematização* a apresentação dos clíticos e seu uso. O foco não é dado à colocação pronominal, mas repare na nota: 'Os pronomes *o, a, os, as* são usados para substituir um nome já referido anteriormente. Quando a referência está clara no contexto, **nós podemos omitir o pronome**' (*ibid.*: 112)(grifo meu)(Anexo I - imagem 3.2.1).

Aqui é apresentado o conceito de *objeto nulo*, ainda que não tenha recebido essa nomenclatura. A forma como o conteúdo foi apresentado também confere um caráter de equivalência às demais normas descritas na obra.

O tema é apresentado por meio de um texto de João Ribeiro, intitulado ‘Colocação de Pronomes’. Dado o seu valor para o entendimento do assunto por parte dos autores, o mesmo é reproduzido aqui na íntegra:

A nossa gramática não pode ser inteiramente a mesma dos portugueses. As diferenciações regionais reclamam estilo e método diversos.

A verdade é que, corrigindo-nos, estamos de fato a mutilar idéias e sentimentos que nos são pessoais.

Já não é a língua que apuramos, é o nosso espírito que sujeitamos a servilismo inexplicável.

Falar diferentemente não é falar errado. A fisionomia dos filhos não é a aberração teratológica da fisionomia paterna.

Na linguagem, como na natureza, não há igualdades absolutas; não há pois, expressões diferentes que não correspondam também a idéias ou a sentimentos diferentes.

Trocar um vocábulo, uma inflexão nossa, por outra de Coimbra, é alterar o valor de ambos a preço de uniformidades artificiosas e enganadoras.

O fato mais característico (por ser o mais estudado e conhecido) é o da chamada colocação dos pronomes.

Fora daí, há uma multidão de outros pequeninos fatos que nos atarantam a paciência e dão largas ensanchas aos profissionais do ‘que se deve dizer’

- Uma casa mobiliada.
- Não, senhor; diga uma casa ‘mobilada’ que é como se diz em Lisboa.
- O trem ‘descarilhou’...
- Alto lá! Diga ‘descarrilou’, que é o certo. E ‘trem’ não é palavra de bom cunho. ‘Comboio’ é que é.

Eis o que é intolerável.

Ora pois. Somos um povo; vamos festejar um século de Independência e não temos mais que uma Gazeta de Holanda cheia de calúnias e mentiras lingüísticas. A primeira lição elementar de todas as ciências é que objetivamente não pode haver um fenômeno bom e outro mau ou ruim.

Todos os fenômenos são essencialmente legítimos. Todos os fatos da linguagem, cá ou lá, têm igual excelência, como fenômenos.

- Não quero me alongar...
- Perdão! Não ‘me’ quero alongar, ou então, não quero alongar-‘me’.

Não há dúvida; mas eu digo por um terceiro modo, e, quem sabe se não estou a criar uma utilidade nova e um delicado matiz que a língua europeia não possui! Expressões diferentes envolvem ou traduzem estados d'alma diversos. (*A Língua Nacional*, Ed. da Revista do Brasil, Monteiro Lobato & Cia., São Paulo, sem data, : 08-10 in (Coudry e Fontão, 2007: 223).

Antes mesmo de apresentar o tema de uma forma sistemática, há ainda um comentário que afirma:

'João Ribeiro (1860-1934) é autor de uma famosa gramática da língua portuguesa em que revela uma visão muito ampla para a época. Já naquele tempo, a colocação de pronomes átonos era uma questão polêmica. Assim, vamos apresentar uma orientação bem geral ao final deste comentário.' (*ibid.*: 224)

Mais abaixo é apresentado no item *Sistematização a Colocação dos pronomes átonos*. As inúmeras regras da TGB não são elencadas, e a simplificação resulta em duas regras e uma ressalva, sejam elas:

- (i) o pronome átono *não deve vir depois*: do particípio e dos futuros (do presente e do pretérito) (*ibid.*: 224);
- (ii) alguns advérbios como *não, nunca, talvez*, atraem o pronome para junto de si. (*ibid.*: 224);

A ressalva feita é que 'na linguagem formal escrita evitamos iniciar sentenças com os pronomes átonos' (*ibid.*: 224) (Anexo I - imagem 3.2.2).

Parecer: Há clara intenção de dar autenticidade às formas proclíticas do PBC, e o *objeto nulo* é apresentado como uma alternativa. (valor: 2)

6.1.3.3 Sintagma *dele*

Assim como os demais pontos gramaticais, também aqui temos os *pronomes possessivos* elencados no índice gramatical, referenciados por esse mesmo nome. O tema é abordado logo na Unidade 01, e é primeiramente apresentado através de um diálogo da *Expansão da Situação 03*. Na sequência a teoria gramatical é apresentada sistematicamente, no item V) *Pronomes Possessivos*. Lá são colocados

lado a lado, e com o mesmo nível hierárquico as formas tradicionais dos *pronomes possessivos*, bem como os *possessivos de não-pessoa* e suas variações. (Anexo I - imagem 3.3.1). Não há explicações a respeito de como as formas devem ser empregadas, mas sim diversos exemplos onde os *pronomes de não-pessoa* são apresentados se flexionando de acordo com o gênero e o número do possuído e do possuidor.

Mais a frente há uma única nota, marcando a diferença no nível de linguagem oral e escrita. (Anexo I - imagem 3.3.2).

Parecer: Os *pronomes pessoais* e *dele* são apresentados sob o mesmo status, dentro de uma mesma categoria. A nota com a ressalva da diferença entre forma oral e escrita não é entendida como suficiente para categorizar a forma como o tema é apresentado como pertencente à TGB, já que não é mencionada aqui a questão da ambiguidade. Dessa forma, o tema foi entendido como representativo do PBC. (valor: 2)

6.1.4 Muito prazer: fale o português do Brasil

Esta obra está organizada em 20 Unidades, cada qual composta por 3 lições (A, B, e C). As lições são sistematicamente divididas em três partes: *Panorama*, *Gramática* e *Ampliação do vocabulário*. Ao final de cada unidade há ainda as sessões que se referem às 3 lições, denominadas *Leitura e redação* e *Consolidação lexical*.

As 20 unidades foram agrupadas ainda em 5 partes, cada uma composta por 4 unidades. Ao final de cada parte, há duas sessões: *Pronúncia do português* e *Revisão das unidades*. O livro conta ainda com 3 apêndices, apresentados ao final da obra, sejam eles: *Apêndice 01 - Mapa do Brasil*, *Apêndice 02 - Apêndice lexical*, e *Apêndice 03 - Apêndice gramatical*. As três últimas sessões do livro são intituladas *Respostas dos exercícios*, *Textos de áudio* e *Sobre as autoras*.

Em sua apresentação as autoras afirmam este ser '[...] um curso para alunos iniciantes e intermediários [...]' (Fernandes *et al.*, 2008: 17). Dessa forma, dentro dos

critérios apresentados pelo QECRL entende-se que a primeira as três partes se ocupam do nível A, enquanto que as duas últimas, do nível B.

Para efeito de avaliação desse MD foram utilizados os critérios apresentados em 3.3, dessa forma foram analisados os elementos apresentados nas partes *Gramática* dentro das lições das unidades. Foi também de relevância o conteúdo apresentado no *Apêndice 02*.

6.1.4.1 Sintagma *a gente*

Os *pronomes pessoais* são apresentados sistematicamente logo na primeira lição da primeira unidade, no tópico *Gramática* (Anexo I - imagem 4.1.2).

Aqui não está presente a forma *a gente*, nem tampouco as formas *tu* ou *vós*. Não há qualquer nota explicativa nem no que se refere ao uso regional de *tu*, ou ao anacronismo de *vós*, nem tampouco a uso de *a gente* no PBC. As explicações relativas ao uso das formas *tu* e *vós* vêm mais à frente, na sessão *Gramática* da lição B da mesma unidade, onde são elencado os *pronomes pessoais e verbo ser*. Ainda aqui não há qualquer menção a *a gente*. (Anexo I - imagem 4.1.2)

A partir de aqui, o mesmo quadro com os pronomes pessoais é reproduzido todas as vezes que alguma nova forma de tempo e modo verbal é apresentada. Curiosamente, ainda que não apresentado no primeiro quadro que elenca os *pronomes pessoais*, o sintagma *a gente* está presente em todas as demais vezes que o quadro é apresentado. Isso pode ser visto ao tratar do verbo *precisar* no *presente do indicativo* (Anexo I - imagem 4.1.3)

Por fim, há uma nota explicativa acerca de *a gente* no Apêndice gramatical 04., no item *Pronomes*, sub-item 4.1: *Pronomes pessoais do caso reto*. Lá temos *a gente* elencado ao lado dos demais pronomes pessoais do caso reto, com uma observação afirmando tratar-se de um pronomes de tratamento, como *você*, e não um pronomes pessoal. A nota continua enquadrando *a gente* como restrito ao uso oral. (Anexo I - imagem 4.1.4).

Parecer: Uma vez que a *gente* foi apresentado sistematicamente como pertencente somente ao uso oral (entendido como contexto não formal), ainda que esteja presente nos quadros pronominais ao longo da obra, o entendimento aqui é que essa restrição ele não o coloca no mesmo patamar dos *pronomes pessoais*. (valor: -1)

6.1.4.2 Estratégias de pronominalização

Não foi encontrada a menção dos pronomes clíticos em nenhuma das unidades do livro que se referem ao nível A, de acordo com o QECRL. A primeira vez que o tema é abordado de forma sistemática é na sessão gramática, na Lição A da Unidade 14 (portanto já dentro do que foi enquadrado como nível B), no quadro onde são apresentados os *Pronomes pessoais oblíquos (objeto direto)*. No quadro há 3 itens, tratando o primeiro de exemplificar o que vem a ser um *pronome pessoal oblíquo*, através do diálogo: 'Pedro - Eu vi o Paulo ontem. / Clara: Verdade? Eu **o** vi na semana passada (o = Paulo)' (*ibid.*: 256). Os itens 2 e 3 tratam de como alterar esses mesmos pronomes, de acordo com a terminação do verbo, para as formas *lo(s)*, *la(s)*, ou *no(s)*, *na(s)* (Anexo I - imagem 4.2.1).

Não há aqui qualquer referência à colocação pronominal no que diz respeito à posição do pronome *me* relação ao verbo (posição enclítica, proclítica ou mesoclítica), nem tampouco à possibilidade do *objeto nulo*. Dentro ainda da mesma lição, na sessão *Construção do conteúdo* há três exercícios, cujo foco está nos *pronomes*. Haveria aqui a possibilidade de abordar essas questões, ou retomá-las, caso já tivessem sido apresentadas de forma sistemática, de acordo com a proposição e organização da obra.

Exemplo disso pode ser visto no exercício A, onde temos o comando 'No bilhete abaixo, substitua as palavras grifadas por pronomes pessoais (sujeito, objeto direto)' (*ibid.*: 257). (Anexo I - imagem 4.2.2)) Aqui encontramos possibilidades como:

'Peguei o fax com manual. Eu li o manual rapidinho e os técnicos já instalaram o fax.' (*ibid.*).

Na resposta dos exercícios, a solução apresentada foi:

‘Eu o li rapidinho e os técnicos já instalaram o fax’. (*ibid.*: 440)

Aqui, de acordo com as regras do PBC, haveria tanto a possibilidade. de explorar duas formas:

(i) Eu li (**Ø**) rapidinho e os técnicos já instalaram o fax.

(ii) Eu li **ele** rapidinho e os técnicos já instalaram o fax.

Entretanto, não há qualquer menção a essas duas formas, seja nas explicações gramaticais, nos exercícios, ou na correção dos exercícios.

No item *Gramática* da lição C da unidade seguinte (Unidade 15) são por fim apresentadas as regras de colocação pronominal, com distinção entre *linguagem oral* e *linguagem escrita* (Anexo I - imagem 4.2.3).

Quando recorremos ao Apêndice 03, o que se refere aos tópicos gramaticais, temos no item 4.1 *Pronomes pessoais do caso oblíquo* uma listagem dos *pronomes pessoais do caso oblíquo*. Também aqui não há explicações acerca de seu uso. Vale a ressalva que em nenhum dos demais itens apresentados nesse apêndice há explicações, mas somente as formas são apresentadas (Anexo I - imagem 4.2.4).

Não há menção sobre a tendência proclítica do PBC, nem tampouco sobre a possibilidade de objeto nulo, ou o uso de pronome *ele/ela* para retomada anafórica.

Parecer: Silêncio sobre a posição proclítica em PBC, e sobre o *objeto nulo*, ou a retomada anafórica de *ele*. (nota: -2).

6.1.4.3 Sintagma *dele*

O tema dos pronomes possessivos é apresentado logo na primeira unidade do livro, na sessão de *Gramática* da lição B, no quadro intitulado ‘Artigo definido e pronome

adjetivo possessivo; pronome pessoal' (*ibid.*: 26). O objetivo desse primeiro quadro é apresentar a posição do *artigo definido* com relação ao *pronome possessivo* (Anexo I - imagem 4.3.1)

Na página seguinte há um novo quadro, onde são apresentados os *pronomes pessoais* e os seus respectivos *pronomes possessivos*. Assim como no quadro dos *pronomes pessoais* apresentado em 6.1.4.1, aqui também há apenas uma nota relativa ao uso dos pronomes *tu* e *vós* (Anexo I - imagem 4.3.2).

O tema dos *possessivos* é abordado novamente, na sessão *Gramática* da lição A da unidade 03, sob o nome de *pronomes possessivos*. Aqui as formas e usos de *dele* são apresentadas sob formas de exemplo, sob a denominação de *pronomes possessivos*. Assim como no restante dos itens avaliados nessa obra, não há maiores explicações gramaticais sobre o tema (Anexo I - imagem 4.3.3).

Por fim, o tema é apresentado no apêndice gramatical, no item 4.3, *pronomes possessivos* (*ibid.*: 418). Aqui entretanto, não são elencadas as formas *dele* e suas variações (Anexo I - imagem 4.3.4).

Parecer: O MD não é coerente com relação à forma como *dele* é apresentado, sendo por vezes colocado no mesmo patamar dos *pronomes possessivos*, por vezes não mencionado. (valor: 1)

6.1.5 Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação

Este livro está organizado em 20 unidades, organizadas em 5 grupos, cada um de 4 unidades. Estas por sua vez são organizadas em diversas sessões, sejam elas *Aprenda...*, *Estudo de...*, *Enfoque*, *Psiu!*, *Gramática* (somente nos Grupos 01 e 02), *História* (somente no Grupo 03), *Amplie seu vocabulário* (somente nos Grupos 04 e 05) e *Curiosidades e Gente e cultura brasileira* (ambos somente no Grupo 05). Ao final do livro há ainda três apêndices: *Apêndice I: o Alfabeto*, *Apêndice II: Gramática*, e *Apêndice III: Vocabulário*.

Ainda que não seja mencionado em qualquer lugar da obra, a mesma foi entendida como pertencente ao nível A, de acordo com o QECRL, devido ao seu conteúdo.

De acordo com os critérios apresentados em 3.3, os pontos analisados foram listados no índice, e estão primordialmente nas sessões *Estudo de...*, *Enfoque* e *Gramática*. Também nessa obra, em geral, não há explicações gramaticais acerca dos itens apresentados.

O padrão é a apresentação de um tema em um texto, seguido um quadro no qual há uma listagem das formas gramaticais em questão, e por fim um ou mais exercícios sobre o mesmo tema. Quando ocorrem, as explicações gramaticais acerca das formas e usos são sucintas.

6.1.5.1 Sintagma *a gente*

O tema é apresentado e logo na primeira unidade do livro, na sessão *Enfoque*, sob o nome de *Pronomes Pessoais*. Aqui há um quadro com um texto, onde os pronomes *eu, você, ela, ele, nós, vocês, elas* e *eles* aparecem destacados. Não aparece *a gente* nesse texto. (Ponce *et al.*, 2006: 03) (Anexo I - imagem 5.1.1).

Um quadro apresentando os *pronomes pessoais* aparece pela primeira vez na sessão *Gramática*, da mesma unidade, e é utilizado na flexão dos verbos no *presente do indicativo*. Aqui são listados os mesmos pronomes que aparecem na página 03, e há duas ressalvas com relação ao uso dos pronomes *tu* e *vós*. Não há qualquer menção a *a gente*. Todas as vezes que algum novo tempo e modo verbal é apresentado, a mesma relação de pronomes é utilizada (Anexo I - imagem 5.1.2).

A única nota explicativa em toda a obra que diz respeito a *a gente* está no *Apêndice II - Gramática*, sob o título de *Pronomes pessoais e formas de tratamento*. Logo abaixo do quadro há uma nota explicativa: '**você** e **a gente** não são pronomes pessoais, mas formas correntes de tratamento no Português do Brasil (PB)' (*ibid.*,: 204) (Anexo I - imagem 5.1.3).

A forma *a gente* aparece ainda por duas vezes nesse apêndice, com relação à flexão dos verbos *ser* e *estar* no *presente do indicativo* (Anexo I - imagem 5.1.4), e no quadro dos pronomes reflexivos (*ibid.*: 206) (Anexo I - imagem 5.1.5).

No *Apêndice II - Gramática*, é apresentado sob o título de *Pronomes pessoais retos* um quadro com os pronomes já listados anteriormente (Anexo I - imagem 5.1.6). As formas *você* e *a gente* não são mencionadas.

Parecer: O MD silencia muitas vezes sobre *a gente*, que quando mencionado não é apresentado com o mesmo *status* dos *pronomes pessoais*; são categorizados como *formas de tratamento* e sua apresentação nos quadros dos *pronomes pessoais* não é constante. (valor: -1)

6.1.5.2 Estratégias de pronominalização

A primeira vez que o tópico é abordado no livro é por meio de um exercício, sem que tenha tido qualquer explicação, ou exemplo explícito anterior. No exercício é pedido que as lacunas sejam preenchidas com um dos pronomes: *comigo, me, lo, eu, o, los, nos, conosco, e lhe* (Anexo I - imagem 5.2.1)

Na sequência há um exercício complementar, relativo ainda ao mesmo texto que continha as lacunas, cujo objetivo é responder às perguntas com o uso dos *pronomes pessoais* em suas formas retas ou oblíquas (Anexo I - imagem 5.2.2).

Ainda na mesma página há mais um exercício sobre o mesmo tema. Ao término dessa unidade, a sessão *Gramática* se ocupa da flexão verbal nos tempos *presente* e *futuro do subjuntivo*, e o tema da colocação pronominal, ou dos *pronomes oblíquos* não é explorada.

O tópico só aparece sistematicamente mais uma vez em toda a obra: no *Apêndice II - Gramática*, sob o título de *Pronomes pessoais/oblíquos*. Aqui é dada uma explicação:

O **Pronome Oblíquo** é facultativo e pode vir antes, depois e no meio do verbo. Há regras para sua colocação, que, na linguagem escrita, devem ser seguidas de

acordo com a norma padrão. De um modo geral, especialmente na linguagem falada, no Português do Brasil são usados antes do verbo [...] (*ibid.*, : 207)

Interessante a nota que o pronome é *facultativo*, ou seja, há aqui a menção do *objeto* nulo como pertencente ao PBC, e à tendência proclítica da língua.

Na sequência são apresentadas inúmeras regras que se referem ao uso de *pronomes oblíquos átonos ou tônicos*, e são apresentados diversos exemplos. Todos com o pronome em posição enclítica (Anexo I - imagem 5.2.3).

A última nota relativa a esses pronomes se ocupa de questões relativas às alterações que eles sofrem, quando precedidos de consoantes 'z', 's', 'r' e sons nasais (Anexo I - imagem 5.2.4).

Parecer: A regra apresentada para como padrão é a *ênclise*. O *objeto nulo* é apreciado, entretanto é relegado à fala informal. A *próclise* é relegada à linguagem falada, e há um silenciamento quanto à retomada anafórica de *ele* no PBC. Entende-se uma apresentação não coerente, ora dentro da TGB, ora de acordo com o PBC. (valor: 1)

6.1.5.3 Sintagma *dele*

O tema é abordado logo no início do livro, na Unidade 02, na sessão *Estudo de...* sob o título de *Possessivos Adjetivos/Pronomes*. Aqui são apresentadas as formas *meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, nossa e dele, dela* num mesmo patamar. A explicação relativa aos usos se dá com a restrição de *seu(s)/sua(s)* para as 2^{as} pessoas, enquanto que as formas *dele(s)/dela(s)* para as 3^{as} pessoas (Anexo I - imagem 5.3.1).

Ao final dessa unidade, a sessão *Gramática*, assim como anteriormente, se ocupa da flexão verbal. O tópico não é mais abordado explicitamente em nenhuma unidade do livro.

Sistematicamente a questão é apresentada no *Apêndice II - Gramática*, sob o título de *Pronomes possessivos e pronomes adjetivos*, onde é apresentado um quadro

síntese com as formas possíveis para os *possessivos*. As formas do *possessivo de não-pessoa* são apresentadas lado a lado às formas pronominais, sem distinção de hierarquia (Anexo I - imagem 5.3.2).

Parecer: *Dele* é apresentado dentro do mesmo patamar dos pronomes possessivos . (valor: 2).

6.1.6 Terra Brasil: curso de língua e cultura

Esse material, conforme apresentado pelas próprias autoras, ‘destina-se a alunos iniciantes e também àqueles que já tenham algum conhecimento do idioma’ (Dell’Isola e Almeida, 2008: apresentação). Dessa forma foi enquadrado no nível de proficiência A, de acordo com o QECRL.

Essa obra é organizada 12 unidades, e conta com três apêndices. Cada unidade é organizada de forma temática, e traz as sessões: *Diálogo, Na ponta da língua, Guarde bem, Bate-papo, Sistematizar é preciso, Leio, logo entendo, Ouça bem, Sons da terra, Desafio: tarefa comunicativa e Almanaque Brasil*.

Dentre essas sessões, a que se destina diretamente à apresentação das questões de ordem gramatical é a *Sistematizar é preciso*. Sobre ela as autoras afirmam ser esse ‘[...] o tópico em que se abre espaço para a organização formal das estruturas linguísticas priorizadas em cada unidade. Apresentada de maneira clara e sucinta, a explicitação das regras gramaticais é um dos recursos oferecidos nesse livro [...] além da sistematização gramatical, incluímos propostas de atividades de natureza estrutural.’ (*ibid.*).

No que se refere aos apêndices, temos *Consultório gramatical, Fala, fonética!* e a transcrição dos textos da sessão *Ouça bem*. As questões gramaticais ficam a cargo do *Consultório gramatical* que ‘[...] trata mais detalhadamente da sistematização gramatical’ (*ibid.*).

As autoras mostram a preocupação de que o livro tenha sido concebido ‘com o objetivo de ser suporte eficaz para a aquisição das habilidades de ouvir, falar, ler e

escrever em **Língua Portuguesa do Brasil**' (*ibid.*)(grifo meu). Sem que haja uma referência mais direta, fica clara a intenção de representar a língua em sua forma real de uso, em detrimento a padrões irrealis da língua, como fica claro no trecho: 'sem ignorar a existência dos vários níveis de linguagem, buscou-se priorizar a Língua Portuguesa em seu aspecto mais formal, menos coloquial. Optou-se pela norma padrão do Português, a que é usada pelos veículos 'globais' de comunicação jornalística nacional [...]'. (*ibid.*)

O conteúdo trabalhado em cada uma das unidades é apresentado ao final do livro, organizado como um índice. Atendendo ao critério i. apresentado no item 3.3, daqui serão retiradas as referências que a obra faz aos temas gramaticais abordados nesse estudo.

6.1.6.1 Sintagma *a gente*

O tópico relativo aos *pronomes pessoais* é apresentado logo na primeira unidade, e trata-se do primeiro *Sistematizar é preciso* do livro, aqui sob o nome de *Pronomes pessoais e formas de tratamento*. O sintagma *a gente* é apresentado no mesmo quadro dos *pronomes pessoais do caso reto*, com a classificação de *informal* (Anexo I - imagem 6.1.1). Aqui é interessante notar ainda as ressalvas feitas as formas *tu* e *vós*. Para a primeira temos o comentário 'é usado em Portugal e em algumas poucas regiões do Brasil' (*ibid.*: 15), enquanto que para a segunda temos 'no Português moderno do Brasil, usado somente na escrita formal'. (*ibid.*: 15)

Ao longo de toda a obra, toda vez que é apresentado um novo tempo e modo verbal, os verbos são flexionados de acordo com esse quadro dos *pronomes pessoais*. (Anexo I - imagem 6.1.2)

Parecer: A *gente* é apresentado como pertencente ao nível informal, entretanto aparece com o mesmo status dos pronomes nas tabelas dos *pronomes pessoais*. Essa apresentação é entendida como não coerente. (valor: 1).

6.1.6.2 Estratégias de pronominalização

Esse tópico não é apresentado de forma explícita nem no índice das unidades, nem no Anexo 02, *Consultório gramatical*. Ao longo da obra como um todo tampouco há destaque à essa questão. O aparecimento e ocorrência dos pronomes clíticos se torna entretanto mais frequente nas simulações de oralidade, apresentadas nas transcrições dos diálogos (disponíveis como áudio no site do livro), apresentados no Anexo 03, *Ouçá bem! Textos para compreensão auditiva*.

Aqui temos 23 ocorrências, nos diálogos da unidade 01, em ‘Eu me chamo Beatriz, mas você pode **me** chamar de Bia’ (*ibid.*: 299). Na unidade 02, no diálogo ‘O engano’, em ‘Não sei. **Me** dá uma pista?’ (*ibid.*: 300), e ainda na mesma unidade, no diálogo ‘Na polícia federal’, em ‘Sim, eu pretendo permanecer no país, vou **me** casar com uma brasileira.’ (*ibid.*: 301). Na unidade 05, no texto ‘Recado na secretária eletrônica’, no trecho ‘Então, nós vamos **nos** ver em breve’ (*ibid.*: 303). Na unidade 06, no texto ‘Em uma loja de tecidos e armarinho’, no trecho ‘Na hora de entregar a correspondência, ele chega perto de mim, pega na minha mão e então **me** diz coisas bonitas.’ (*ibid.*: 303). Na unidade 08, no texto ‘Regras de futebol’, na ‘Regra 3’, temos o trecho: ‘Para substituir-**se** um jogador por um substituto [...]’ (*ibid.*: 306). Na unidade 09, no texto ‘Filosofia de estrada’, na frase ‘Não **me** inveje, trabalhe’. Na unidade 11 há 4 ocorrências, no texto ‘Briga de família’, nos trechos: ‘Você não **me** vê, mas... andou pela casa da mamãe, né?’, ‘Você não **se** manca, né?’, ‘Mas ele **me** dava lindos presentes, entre eles esse vestido!’, ‘Viviane, não sei porque vocês **se** separaram...’ (*ibid.*: 308).

Na unidade 12 temos no texto ‘João Jiru’ 12 ocorrências: ‘Ô, João Jiru, não **me** mate, não, João Jiru.’, ‘Ah! Eu **o** mato.’, ‘Ô, João Jiru, **me** despene bem despenadinho, João Jiru!’, ‘Ô, João Jiru, **me** pique bem picadinho, João Jiru!’, ‘Ô, João Jiru, **me** tempere bem temperadinho, João Jiru!’, ‘Ô, João Jiru, **me** coma bem comidinho, João Jiru!’, ‘A boca tem dente, **me** machuca, João Jiru.’, ‘Aí, ele **se** deitou [...], Ele **se** deitou debaixo de uma árvore’, ‘Eu **lhe** avisei, João Jiru, que não **me** matasse, João Jiru, você **me** matou, João Jiru!’.

Dentre todas essas 23 ocorrências, presentes em textos que simulam a oralidade, temos próclise em 20, e ênclise em 3. É interessante notar que nos casos de próclise, que de acordo com o PBC é a regra padrão, temos que das 20 ocorrências, 15 se dão com o pronome *me*. Essa pode ser uma indicação de essa forma já tenha se consolidado no PBC.

Parecer: Há um silêncio a respeito das regras de colocação pronominal, tanto no que se refere à GTB quanto ao PBC. Entretanto, ao longo da obra são apresentados inúmeras simulações da oralidade, em sua maioria com ocorrências proclíticas. Não há menção de *objeto nulo* ou retomada anafórica de *ele*. (valor: -2)

6.1.6.3 Sintagma *dele*

As formas *dele* e suas variações são apresentadas na unidade 03 em um quadro síntese do tópico *Sistematizar é preciso*, juntamente aos *pronomes possessivos*, sob o título de *Formas dos possessivos* (Anexo I - imagem 6.3.1). No que se refere propriamente à forma *dele* é trazida a explicação “**Dele/ dela, deles/delas** concorda com o possuidor, não com o item possuído. (*ibid.*: 58). A essas formas é conferido o mesmo status dos *pronomes possessivos* (Anexo I - imagem 6.3.2).

A questão é ainda abordada no *Anexo 02*, sob o título *Pronomes Possessivos*, onde não são mostrados *dele* e suas flexões. (Anexo I - imagem 6.3.3).

Parecer: *dele* é colocado no mesmo patamar dos *pronomes possessivos*. *Dele* não aparece sob o nome de *pronome possessivo*, mas é entendido como equivalente. (valor: 2).

6.1.7 Português para estrangeiros

Esta obra está organizada em seis Unidades. A sistematização apresentada no índice se dedica a questões de conteúdo, i.e., quais temas são abordados nos textos e exercícios das unidades. Dessa forma não há correlação direta entre os temas gramaticais e a sua localização nos capítulos. Entretanto na primeira página de cada unidade são apresentados além dos *Conteúdos* e *Leituras*, também *Gramática*, onde são listados os tópicos gramaticais trabalhados na unidade.

O livro conta ainda com um *Índice Gramatical*, que remete aos pontos gramaticais ao longo de toda a obra. Dessa forma, a primeira página de cada unidade, bem como o índice gramatical remissivo foram utilizados para atender ao critério apresentado em 3.3.

Há aqui também um *Apêndice*. Mas diferentemente dos outros MDs, esse apêndice tem um escopo reduzido, abordando 5 temas: *Fonética sintática*, *Regência verbal*, *Conjugação dos verbos regulares e irregulares*, *Verbo*, e *Abreviaturas e siglas*. Aqui não foi encontrada qualquer referência aos 3 tópicos analisados nesse estudo.

6.1.7.1 Sintagma *a gente*

Na terceira unidade da obra são apresentados pela primeira vez de uma forma sistemática os *Pronomes pessoais e de tratamento*, dispostos em um quadro síntese (Anexo I - imagem 7.1.1).

Não foi encontrada ao longo de todas as unidades, nem tampouco no *Apêndice* qualquer referência sistemática a *a gente*. Contudo seu uso pode ser observado em textos ao longo da obra, como *Diálogos do cotidiano*, que simula o registro oral, em: '[...] Ainda que o dia esteja bonito, o calor está insuportável pra gente andar por aí.' (Marchant, 2013: 136).

Parecer: *A gente* não foi citado. (valor: -2)

6.1.7.2 Estratégias de pronominalização

Não foi encontrada qualquer referência aos *pronomes clíticos*, *colocação pronominal*, *objeto nulo* ou retomada anafórica de *ele* que atendam aos critérios apresentados em 3.3.

Entretanto, no quadro que se refere aos *Pronomes pessoais e de tratamento*, apresentado no item anterior (Anexo I - imagem 7.1.1), temos também os *pronomes objetivos*. Logo abaixo do quadro, são apresentadas algumas regras (Anexo I - imagem 7.2.1). Não há aqui referência direta às formas de *próclise*, *ênclise* ou

mesóclise. Porém o exemplo: ‘Maria escreve-me’ (*ibid.*: 63) reitera a TGB, e não condiz com as formas do PBC.

Ao longo da obra são encontrados diversos exemplos, alguns retirados de publicações de jornais, outros como exercícios do próprio livro, com uma simulação do registro falado. Não foi encontrada nenhuma ocorrência do pronome em posição proclítica, que não atendesse às normas da TGB, e tampouco do *objeto nulo* ou da retomada anafórica de *ele*. Seguem abaixo alguns desses extratos:

Em sentenças criados pela autora para ilustrar o tema denominado ‘indefinidos’: ‘Ela contou-me a história com certo medo.’ e ‘Encontrei-me com diferentes pessoas ontem.’ (*ibid.*: 116). Em um texto que simula o registro oral em um salão de cabeleireiro: ‘Eu não disse? Deixe-me mostrar atrás’ (*ibid.*: 118). Em um texto do jornal Zero Hora, de Moacir Scliar, escrito em 1990: ‘Tudo pode ser dito. Mas a poesia di-lo melhor.’ (*ibid.*: 134). Ainda em outro texto do mesmo jornal e do mesmo ano, de autoria de Paulo Sant’ana: ‘Mas porque não os procuro com assiduidade pejo-me de lhes dizer o quanto gosto deles.’ (*ibid.*: 146). Por fim, um texto informativo sobre o Pré-sal de autoria de Merchant: ‘Chama-se pré-sal porque essas rochas foram depositadas antes da camada de sal [...]’ (*ibid.*: 151)

Parecer: *Próclise, objeto nulo* ou retomada anafórica de *ele* não foram citados. (valor: -2)

6.1.7.3 Sintagma *dele*

Esse tópico é abordado na quarta unidade, sob o título de *Possessivo*. Primeiramente são apresentadas diversas imagens, cujas legendas apresentam diversas formas de *pronomes possessivos* e *dele* (Anexo I - imagem 7.3.1).

Na sequência são apresentados sem distinção hierárquicas as formas dos *pronomes possessivos* e *dele* e suas variações (Anexo I - imagem 7.3.2). A única explicação apresentada ficou a cargo da frase: ‘Contração da preposição *de* com *ele(a)* para indicar posse’ (*ibid.*: 100).

Parecer: *dele* é apresentado no mesmo patamar dos *pronomes possessivos*. (valor: 2)

6.1.8 Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros

Esse material, conforme apresentado em 3.2, é voltado para o aluno *pré-avançado*, se enquadrando no nível de proficiência B, de acordo com o QECRL.

Aqui os temas gramaticais a serem abordados são apresentados no índice sob a categoria *Gramática Nova* ou *Gramática em revisão*. Há ainda o interessante par *Linguagem Coloquial* e *Linguagem Formal* onde são trazidos textos entendidos como representativos das duas formas de linguagem, os primeiros mais fortemente vinculados a produções de periódicos (como Revista BR), e os segundos de natureza literária (como Euclides da Cunha). Em grande parte são colocadas em foco aqui as competências relativas à interpretação de texto. O enfoque de aspectos gramaticais propriamente ditos fica a cargo dos tópicos de *Gramática*.

Nessa obra grande parte dos temas é abordada através de exercícios, vinculados a textos literários, de jornais e revistas ou letras de músicas. As explicações dos temas gramaticais em foco, quando apresentadas, são trazidas de modo significativamente sintético dentro do entendimento de como a língua deve se comportar de acordo com as regras gramaticais da TGB, algumas vezes contrastando o uso formal do coloquial.

6.1.8.1 Sintagma *a gente*

Na obra não é apresentado de maneira direta o uso do sintagma *a gente*. Apenas em um caso é abordado o tema dos *pronomes pessoais do caso reto*. A única observação relativa ao quadro pronominal está nas diferenças entre *tu* e *você*, no que se refere ao pronome na função sintática de *objeto direto*, *objeto indireto*, *pronome possessivo* e *pronome reflexivo*. Não há menção a *a gente*.

Ainda que a obra não apresente *a gente* de forma que atenda aos critérios estipulados em 3.3. esse IP pode ser visto em textos ao longo do livro, em casos como o do exercício A, na sessão *Linguagem Coloquial* (*ibid.*: 166-167) o objetivo é

passar os textos apresentados da linguagem coloquial para a linguagem formal. (Anexo I - imagem 8.1.1. e 8.1.2).

A natureza do enunciado do exercício traz intrinsecamente o entendimento que o uso de formas como *você*, *a gente*, além da ocorrência de *próclises*, (tratadas mais a fundo no item seguinte) como pertencentes exclusivamente a enunciados de linguagem coloquial.

Parecer: *A gente* não é apresentado dentro dos critérios estipulados em 3.3. Quando aparece ao longo da obra é colocado como pertencente somente à linguagem coloquial. (valor: -2)

6.1.8.2 Estratégias de pronominalização

O tema aparece citado como tópico de estudo em quatro momentos: *Pronomes pessoais* (*ibid.*: 6), *Colocação pronominal* (*ibid.*: 23), *Repetição enfática* (*ibid.*: 77) e *Verbos pronominais* (*ibid.*: 146). Não há um aprofundamento nas explicações de natureza gramatical, sendo muito dos tópicos trazidos unicamente sob a forma de exercícios.

No exercício de *pronomes pessoais* (Anexo I - imagem 8.2.1), há um direcionamento para o uso das formas pronominais que sofrem alteração morfológica por questões fonéticas, devido aos verbos flexionados terminarem em *-l* ou *-r*. Ainda que não haja qualquer explicação, o texto apresentado antes do exercício torna clara a indicação do uso dos pronomes majoritariamente em posição enclítica, de acordo com o entendimento da TGB. Esse é o caso por exemplo de: 8. 'Estou com pressa, por isso não posso **esperá-lo**'.

Aqui haveria a oportunidade para a introdução do tema da retomada anafórica dos pronomes (i.e. 'Estou com pressa, por isso não posso esperar **ele**'), ou o *objeto nulo* (i.e. 'Estou com pressa, por isso não posso esperar'). Algo semelhante pode ser observado no exercício de *Colocação pronominal* (Anexo I - Imagem 8.2.2).

No que se refere à *Repetição enfática* temos o exemplo 'o dinheiro, ninguém o viu' (Anexo I - Imagem 8.2.3). Naturalmente o foco do exercício é a possibilidade de dar ênfase a um determinado elemento por meio da repetição anafórica do clítico. Entretanto não foi feita nenhuma ressalva quanto o uso restrito desse recurso em PBC. Assim como nos exemplos anteriores, haveria ainda a possibilidade tanto da retomada anafórica através do uso de *ele* (i.e. 'o dinheiro, ninguém viu **ele**'), ou do *objeto nulo*, o que se espera ter maior ocorrência (i.e. 'o dinheiro, ninguém viu **Ø**').

Por fim, nos *Verbos pronominais* (Anexo I - imagem 8.2.4) o foco está na natureza reflexiva dos verbos exemplificados. Aqui, assim como nos casos anteriores o livro está de acordo com a TGB, como em 'eu levantei-me'. Entretanto temos um exemplo claro do que é a norma do PBC, apresentada aqui com uma justificativa de uma elipse pronominal, representada pelo pronome *eu* apresentado entre parêntesis: '(Eu) me virei.'

Parecer: Quando há oportunidades de apresentação das regras do PBC, há um silêncio. Quando a *próclise* é apresentada, é justificada pela elipse do pronome pessoal (eu). Não há referência ao uso restrito de *ênclises*. *Próclise, objeto nulo* ou retomada anafórica de *ele* não foram citados. (valor: -2)

6.1.8.3 Sintagma *dele*

Marcadamente não há a referência ao tema dos pronomes possessivos no índice, salvo no caso do item *Pronomes oblíquos com valor possessivo* (Anexo I - imagem 8.3.1).

Parecer: A forma *dele* não aparece formalmente. (valor: -2)

6.2 Classificação dos materiais didáticos e análise dos dados

Aqui serão apresentados os resultados da análise dos MDs de acordo com os parâmetros apresentados em 5.4. Os materiais serão elencados de acordo com as notas recebidas, qualificados como menos ou mais representativos do PBC. Serão também analisadas as questões relativas à representatividade de cada um dos

tópicos em análise, dentro dos 8 MDs estudados. A forma como eles são apresentados dentre os diversos MDs, e suas implicações.

Questões relativas à artificialidade dessa qualificação, suas limitações e questionamentos a respeito dos critérios de avaliação serão abordados no capítulo 7, nas considerações finais.

6.2.1 Classificação dos materiais didáticos

Os materiais didáticos foram analisados de acordo com os parâmetros apresentados em 3.3, e 5.4 e a cada um dos tópicos apreciados foi dada uma nota variando de (-2) a (2). A maior nota possível sendo (6), e a menor, (-6), onde a primeira é entendida como um material didático mais representativo do PBC, e a última menos representativo.

Os MDs estão aqui elencados de acordo com as notas recebidas. Quando dois ou mais MDs apresentarem a mesma nota final, os critérios para elenca-los são: (i) a quantidade de notas (- 2), (- 1), (1) e (2) i.e., quanto mais altas as notas individuais em cada um dos quesitos, mais representativo do PBC é o MD. Caso esse critério não seja atendido, vale (ii) ordem alfabética do título do MD. A tabela 6.1 apresenta o somatório dos valores dados a cada item de cada MD:

	PAS	PAN	FBR	MPR	BVN	TBR	PPE	PVB
A gente	-1	-2	-2	-1	-1	1	-2	-2
Pronom.	-2	-2	2	-2	1	-2	-2	-2
Dele	2	-2	2	1	2	2	2	-2
TOTAL	-1	-6	2	-2	2	1	-2	-6

Tabela 6. 1 Quadro síntese de qualificação dos materiais didáticos (onde temos PAS por *Passagens: português do Brasil para estrangeiros*, PAN por *Panorama Brasil: o ensino de português do mundo dos negócios*, FBR por *Fala Brasil: português para estrangeiros*, MPR por *Muito Prazer: fale o português do Brasil*, BVN por *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*, TBR por *Terra Brasil: curso de língua e cultura*, PPE por *Português para estrangeiros*, e PVB por *Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros*).

Segue abaixo a classificação dos MDs, da nota mais baixa, i.e., do menos representativo do PBC, à nota mais alta, por conseguinte, o mais representativo do PBC. :

- *Panorama Brasil: o ensino de português do mundo dos negócios* (- 6);
- *Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros* (- 6);
- *Português para Estrangeiros* (- 2);
- *Muito Prazer: fale o português do Brasil* (-2);
- *Passagens: português do Brasil para estrangeiros* (-1);
- *Terra Brasil: curso de língua e cultura* (1)
- *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação* (2)
- *Fala Brasil: português para estrangeiros* (2)

Dentre os 8 MDs analisados, nenhum deles atingiu a nota máxima (6), e dois atingiram a nota (- 6). Cinco dos oito MDs apreciados tiveram resultado negativo, entre (- 6) e (- 1). Um teve a nota (1) e dois tiveram a nota (2).

Panorama Brasil: o ensino de português do mundo dos negócios, e *Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros* receberam a nota mais baixa (-6), o que quer dizer que em nenhum dos tópicos analisados esse material é entendido como representativo do PBC. Essa nota é dada não apenas pelo material não utilizar as normas do PBC, nem mesmo por utilizar as normas da TGB, mas por silenciar, i.e., nem mesmo mencionar a existência ou o uso dessas formas.

Português para Estrangeiros recebeu a nota (- 2), por também ter silenciado sobre o uso de dois pontos: *a gente* (- 2), e as estratégias de pronominalização (- 2). O sintagma *dele* foi apresentado de acordo com o entendimento do PBC (2).

Muito Prazer: fale o português do Brasil também recebeu a nota (- 2). Esse MD silencia a respeito das estratégias de pronominalização (- 2), apresenta o sintagma *dele* ora de acordo com o PBC, ora com a TGB (1), e *a gente* dentro do entendimento da TGB (-1).

Passagens: português do Brasil para estrangeiros recebeu a nota (-1). Houve um silenciamento a respeito das estratégias de pronominalização (- 2), *a gente* foi

apresentado de acordo com o entendimento da TGB (-1), e *dele* de acordo com o PBC (2).

Terra Brasil: curso de língua e cultura recebeu a nota (1). Houve um silenciamento a respeito das estratégias de pronominalização (-2), *a gente* foi apresentado de forma não coerente, ora de acordo com a TGB, ora de acordo com o PBC (1), e *dele* foi apresentado de acordo com o PBC (2).

Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação recebeu a nota (2). *A gente* foi apresentado de acordo com a TGB (-1), enquanto que as *estratégias de pronominalização* foram apresentadas de forma não coerente, ora de acordo com a TGB, ora de acordo com o PBC (1). Já *dele* foi apresentado de acordo com o PBC (2).

Por fim, *Fala Brasil: português para estrangeiros* também recebeu a nota (2) por silenciar a respeito de *a gente* (-2), e apresentar o outros dois tópicos de acordo com o PBC (2). Esse material entretanto foi apresentado como o mais representativo do PBC, dentre os demais, por atender ao critério (ii) de desempate, i.e., a quantidade de notas individuais mais altas.

6.2.2 Apresentação dos tópicos nos materiais didáticos

Os três tópicos apreciados serão também aqui classificados transversalmente ao longo dos 8 MDs analisados. Embora não seja o foco dessa tese, é entendido como relevante comentar e pensar a respeito da representatividade desses itens, a partir das quantificações obtidas de acordo com os parâmetros apresentados em 3.3 e em 5.4.

Adotando como medida padrão a nota final como o somatório de cada nota individual dos MDs em cada um dos quesitos, temos:

- *A gente* (-10): silenciado por 4 vezes, apresentado por 3 vezes de acordo com a TGB, e uma vez de forma não coerente;

- Estratégias de pronominalização (-9): silenciadas 6 vezes, apresentadas uma vez de forma não coerente e apenas uma vez de acordo com o PBC;
- Sintagma *dele* (7): silenciado por duas vezes, apresentado de forma não coerente uma vez, e por 5 vezes apresentado de acordo com o PBC.

Esse números parecem indicar que pelo menos no que se refere à sistematização e divulgação, o sintagma *dele* é menos foco de divergência, que os outros tópicos apresentados. A *gente* parece ainda ter uma tendência a ser representado de acordo com a TGB, ou simplesmente silenciado nos MDs. Já as estratégias de pronominalização indicam uma maior tendência para o silenciamento.

7. Considerações finais

7.1 Proposta da tese e resultados

Essa tese teve como objetivo responder à pergunta de pesquisa: **Em que medida o material didático para o ensino da português brasileiro como língua estrangeira é representativo do português brasileiro contemporâneo?**

Para tanto foram escolhidos três tópicos entendidos como representativos do PBC, aqui referidos como *chaves*. Sejam elas:

- (i) sintagma *a gente*
- (ii) estratégias de pronominalização
- (iii) sintagma *dele*

A escolha dessa *chaves* se deu pelo fato desses tópicos fazerem parte do sistema linguístico, pragmático e sociolinguístico do PBC, conforme decorrido em 3.1. Cada um dos tópicos foi apreciado dentro do entendimento do PBC, e da TGB. Como parâmetros para cada um desses entendimentos foram escolhidas gramáticas entendidas como representativas de cada vertente.

Para o PBC, elas assim o foram entendidas por abrangerem através dos *corpora* utilizados na língua com distribuição por todo o território nacional brasileiro, em suas modalidades oral e escrita, em contextos formais e informais, realizada por falantes nativos, de diversas faixas etárias e gêneros. As obras elegidas foram:

- Gramática Pedagógica do Português Brasileiro (Bagno, 2011)
- Gramáticas de usos do Português Brasileiro (Neves, 2011)
- Nova Gramática do Português Brasileiro (Castilho, 2012)

Para a TGB foram entendidas como representativas, por se tratarem de obras de autoria de linguistas com um vasto trabalho de pesquisa da língua portuguesa, além da quantidade de reimpressões e edições, as obras:

- Moderna Gramática Portuguesa (Bechara, 2005)

- Nova Gramática do Português Contemporâneo (Cunha e Cintra, 2007)

Os três tópicos foram apreciados em diversos MDs de PBLE. Foram escolhidos 8 MDs, que atendessem a três fatores, conforme apresentado em 3.2:

- (i) a obra se enquadrar como material didático (e não para-didático)
- (ii) a descrição da obra apresentada pelos autores (ou editora) vincular o conteúdo do livro diretamente ao ensino de PBLE
- (iii) o título ter sido publicado nos últimos 15 anos

Foram criados parâmetros de avaliação dos MDs, e sua qualificação de acordo com a maior ou menor representatividade do PBC (vide 3.3 e 5.4). Esses valores poderiam variar de (-2) a (2) para cada um dos tópicos apreciados, e a nota total dada a cada MD poderia variar de (-6) a (6). Quanto mais baixa a nota, menos representativa do PBC é entendido o MD.

Primeiramente cada MD foi avaliado com relação aos três tópicos em questão, e na sequência o resultado final da somatória dos pontos obtidos gerou a classificação dos mesmos como menos ou mais representativos do PBC.

Nenhum dos MDs avaliados atingiu a nota máxima (6), ou seja, nenhum material foi entendido como plenamente representativo do PBC no que se refere aos quesitos apreciados. A nota mais alta obtida foi (2) e a nota mínima (-6).

No que se refere aos tópicos analisados, tampouco nenhum foi apresentados pelos oito MDs apreciados como unanimemente do PBC. O que mais vezes foi apresentado de acordo com o PBC foi o sintagma *dele*.

7.2 Considerações acerca dos resultados

É interessante notar que todos os MDs escolhidos para análise se propõem a representar o PB. Entretanto, apesar de sua proposição, nenhum deles apresentou todos os tópicos apreciados dentro do entendimento do PBC.

Algumas obras, como *Panorama Brasil: o ensino de português no mundo dos negócios* (Ponce *et al.*, 2006) se silenciou a respeito as regras do PBC nos três tópicos estudados. Um único MD, *Bem-vindo! a língua portuguesa no mundo da comunicação* (Ponce *et al.*, 2008), não silenciou a respeito de nenhum dos tópicos tratados, mas apresentou um entre os três dentro do entendimento da TGB, e um entendimento não coerente (ora de acordo com a TGB or de acordo com o PBC). Mesmo o MD com a nota mais alta (2) apresentou um silenciamento sobre as normas do PBC (no que se refere a *a gente*).

Esse resultado incita a reflexão a respeito dos motivos dessa baixa representatividade do PBC, dentro de MDs que se propõe a representa-lo. Como possíveis especulações temos:

- (i) as regras apresentadas pelo PBC não refletem a realidade;
- (ii) o não conhecimento das regras do PBC por parte dos autores dos MDs;
- (iii) a escolha consciente das regras da TGB em detrimento às do PBC por parte dos autores;

Com relação a (i), quaisquer dúvidas a esse respeito podem ser respondidas por base nos *corpora* utilizado no trabalho de descrição do PBC nas três obras que o representam nessa tese.

Com relação a (ii), é de se esperar que um autor (ou autores) que se proponham a escrever um MD de PBLE estejam a par da língua que pretendem representar, e que portanto tenham se inteirado das regras pertencentes a ela. Dessa forma descarta-se essa também como uma possível justificativa plausível.

Em (iii) parece residir o motivo para a baixa representatividade do PBC nesses MDs. Cabe entretanto a reflexão do porquê de assim o ser. Especula-se aqui que isso em muito tenha a ver com a pressão linguística que se sofre para o emprego e ensino da língua de acordo com as regras exógenas e anacrônicas da TGB.

Esse entendimento está de acordo com o macaco de Kafka (comentado em 4.2), que para que possa ser aceito como um ser humano, tem que se livrar de sua macaquite, tão desprezada pelos mesmos humanos. E ao fazer, não por vontade própria, mas por sentir a necessidade de encontrar uma saída, o símio acaba por ignorar sua natureza e perde a si mesmo. Em última análise, assim como o entendimento de que o macaco não teve uma *formação*, mas sim uma *de-formação*, a língua apresentada nesses MDs também é *deformada*.

7.3 Artificialidades e limitações

Ao se propor a analisar e classificar os MDs foi necessário lançar mão de recursos que tornassem possível quantificar os dados para a sua análise qualitativa. Dessa forma surgiram as medidas artificiais que avaliam os MDs de acordo com a sua maior ou menor representatividade do PBC.

Um *parecer* foi dado ao final de cada um dos temas, em cada um dos MDs, com o valor entendido dentro dos critérios expostos em 3.3 e 5.4. A intenção foi tornar claro o entendimento da avaliação. Entretanto, ele não é de forma alguma absoluto e pode ser questionado, especialmente em alguns tópicos onde o que é de fato apresentado pelos MDs não representa plenamente as artificialidades das notas estipuladas.

Essa escala de notas não é a ideal para classificar um tema como as *estratégias de pronominalização*. Há três pontos importantes nesse tema: a retomada anafórica de *ele*, o *objeto nulo* e o uso de próclise como regra. Uma possível melhora seria através do refinamento das notas desse quesito. Entretanto, dentro do escopo dessa tese, optou-se por ser coerente com as notas dadas a esse e aos demais temas, utilizando-se os mesmos critérios.

As notas variando de (-2) a (2) buscam o melhor possível refletir a representatividade dos MDs. Entretanto, conforme explicado em 3.3 a artificialidade intrínseca dessa escala torna impossível interpretar o resultado como final e definitivo. Pode-se contudo afirmar que, no que se refere aos critérios apresentados, dentro dos MDs escolhidos, e à luz das teorias das gramáticas representantes do

PBC e da TGB, que esse materiais não podem ser entendidos como representativos do PBC.

Uma avaliação mais plena e profunda dos MDs como um todo, poderia levar em conta outros tópicos, também entendidos como pontos-chave do PBC, conforme apresentados em 3.1.1 (como o *modo imperativo* e as *orações ergativas*).

Outro ponto relevante, debatido no capítulo 3, é que para que uma língua possa ser praticada com proficiência é necessário ter acesso mais que somente às *chaves gramaticais*; é essencial a compreensão do contexto pragmático e social em que a gramática é utilizada. Nesse sentido, é possível que um MD que tenha tido uma nota baixa e tenha portanto sido aqui entendido como não representativo do PBC, tenha uma alta representatividade no que se refere a outros aspectos, como a apreciação da cultura brasileira, ou ainda outros aspectos não abordados nessa tese.

Cabe a ressalva que a língua, em especial seus aspectos chave, são elementos base de representação da cultura de uma nação. Portanto seria de se esperar que um MD fosse coerente e que seus autores estivessem atentos aos diversos pontos que se referem à representatividade do PBC. Ainda assim, o entendimento dos resultados apresentados nessa tese como definitivos e unilaterais seriam falaciosos.

A limitação dessa tese se deve também ao fato do escopo do estudo não poder abranger diversos outros aspectos como a pragmática e a representatividade cultural dos MDs. E mesmo no que se refere às questões de ordem gramatical, da análise ser limitada a apenas três tópicos dentre tantos outros de relevância para o PBC.

7.4 Sugestões para o aprofundamento do estudo

Conforme citado acima, questões de ordem cultural e pragmática também podem ser de grande relevância para a avaliação da representatividade de um MD com relação ao PBC. Dessa forma, algumas sugestões para pesquisa podem ajudar a avaliar de uma forma mais completa a representatividade dos oito MDs apreciados nessa tese:

- (i) representatividade cultural dos temas das unidades e capítulos dos MDs;
- (ii) entrevistas qualitativas com os autores dos MDs para explanação de seu entendimento sobre a organização de suas obras e a escolha das perspectivas epistemológicas;
- (iii) inclusão de outros tópicos gramaticais de relevância para o PBC na análise dos MDs
- (iv) inclusão de mais gramáticas como referência para o PBC e a TGB
- (v) discussão acerca da representatividade do PBC em MDs editados fora do Brasil
- (vi) proposição de elaboração de MD de acordo com as regras do PBC

8. Referências bibliográficas

- Almeida, P. M. (2007) *A elaboração da opinião desfavorável em português do Brasil e sua inserção nos estudos de Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Bagno, M. (2001) *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial.
- _____ (2009) *Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola editorial.
- _____ (2011) *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Batista, M. dos R. (2010) A abordagem (inter)cultural no ensino-aprendizagem de português brasileiro língua estrangeira - análise de uma unidade didática. *Revista Saberes Letras: Linguística, Literatura, Ensino*. Vol 8, n.1
- Baxter, P, e Jack, S. (2008) Qualitative Case Study Methodology: Study Design and Implementation for Novice Researchers. *The Qualitative Report* 13(4), 544-59
- Bechara, E (2005) *Moderna gramática portuguesa. 38ª Edição*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Brocco, A. de S. (2009) *A gramática em contexto teletandem e em livros didáticos de português como língua estrangeira*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo.
- Bueno, F. da S. (1955) *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- Burgierman D. R. (2000) *Falamos a língua de Cabral?* disponível em Superinteressante <https://super.abril.com.br/historia/falamos-a-lingua-de-cabral/> (acessado em 06/09/19)
- Camara, J. M. (1977) *Para o estudo da fonêmica portuguesa. 2ª Edição*. Rio de Janeiro: Padrão.
- Castilho, A. T. de. (2012) *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- Castilho, A. T. e Elias, M. V. (2012) *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.

- Central Intelligence Agency (2016) *File listing: population*. Disponível em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2119.html> (acessado em 03/10/2016).
- Celli, R. (2002). *Passagens: Português do Brasil para Estrangeiros*. Campinas: Editora Pontes.
- Conselho da Europa (2001) *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas - aprendizagem, ensino, avaliação*. Disponível em http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf (acessado em 04/10/2017).
- Coudry, P. e Fontão, E. (2007) *Fala Brasil: português para estrangeiros*. 16ª Edição. Campinas: Pontes Editores.
- Cunha, C. e Cintra, L. (2007) *Nova gramática do português contemporâneo*. 4ª edição Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital.
- Dell'Isola, R. L. e Almeida, M. J. (2008) *Terra Brasil: curso de língua e cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Dorren, G. (2017) *Lingo*. Oslo: Pax
- Duarte, M. E. (1989) Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português brasileiro in: Tarallo, F. (org.) *Fotografias Sociolinguísticas*. Campinas: Editora da Unicamp. pág. 19-34.
- EPU. *Catálogo de publicações de materiais didáticos de Português do Brasil para Estrangeiros*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/275885200/Portugues-Do-Brasil-Na-EPU> (acessado em 23/08/2019).
- Faraco, C. A. (2008) *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Fernandes, G. R., Ferreira, T. de L. e Ramos, V. L. (2008) *Muito Prazer: fale o português do Brasil*. Barueri: DISAL.
- Fundo Monetário Internacional (2017) *World economic outlook* Disponível em: <https://www.imf.org/en/Data> (acessado em 04/09/2017).
- Gallo, S. *O macaco de Kafka e os sentidos de uma educação filosófica*. Disponível em: http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/0032_01.html (acessado em 19/09/2019).
- INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2018) *Celpe-Bras* Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/acoes-internacionais/celpe-bras/perguntas-frequentes> (acessado em 12/01/2018)

- Kafka, F. (1994) Um relatório para uma academia, in _____ *Um Médico Rural*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kramsch, C. (2009) *The multilingual subject*. Oxford: Oxford University Press.
- Lima, E. O., Iunes, S. A., e Leite, M. R. (2003) *Dialogo Brasil - Livro Texto - Curso Intensivo De Português Para Estrangeiros*. São Paulo: EPU.
- Lima, E. O. et al.. (2008) *Novo Avenida Brasil 1 - Curso Básico de Português para Estrangeiros*. São Paulo: EPU.
- Lima, E. O., Iunes, S. A. (2014) *Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros*. Edição atual e ampliada. São Paulo: EPU.
- Marchant, M (2013) *Português para estrangeiros*. 30ª edição Porto Alegre: AGE.
- Neves, M. H. (2011) *Gramáticas de usos do português*. 2ª edição. São Paulo: Editora UNESP.
- Omena, N. P. (2003) A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? in Paiva, M. C. e Duarte, M. L. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ.
- Pacheco, D. G. (2006) *Português para estrangeiros e os materiais didáticos: um olhar discursivo*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Perini, M. A. (1997) *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática
- _____ (2013) *Gramática do português brasileiro*. 1ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial.
- Ponce, H., Burim, S., e Florissi, S. (2006) *Panorama Brasil: ensino do português do mundo dos negócios*. São Paulo: Editora Galpão.
- _____ (2008) *Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação*. 7ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: SBS Livraria, 2008.
- Ramos, J., e Coelho, S. M. (2013) *Português brasileiro dialetal: temas gramaticais*. Campinas: Mercado das Letras.
- Scherre, M. M. (2007) *Aspectos Sincrônicos e Diacrônicos do Imperativo Gramatical no Português do Brasil*. São Paulo: Alfa, 51 (1): pág. 189-222.
- Stake, R. E. (1995) *The art of case study research*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017) *Projeto NURC-RJ*. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/> (acessado em 11/09/17)

- Vieira, S. R., e Brandão, S. F. (2016) *Ensino de gramática - descrição e uso*. São Paulo: Contexto.
- YIN, R.K. (2003) *Case Study Research: Design and Methods*. Thousand Oaks: SAGE Publications.

Lista de leituras (não referenciadas)

- Faraco, C. A. (2016) *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Ilari, R. (2015) *Palavras de classe fechada: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Ilari, R., e Basso, R. (2006) *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto.
- Norton, B. (2013) *Identity and Language Learning: Extending the conversation*. 2ª edição. Bristol: Multilingual Matters.
- Pereira, A. L. e Gottheim, L. (2013) *Materiais didáticos para o ensino de língua estrangeira: processos de criação e contextos de uso*. Campinas: Mercado de Letras.
- Scheyerl, D., e Siqueira, S. (2012) *Materiais didáticos: para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições*. Salvador: EDUFBA.
- Seara, I. C., e Lazzarotto-Volcão, C. (2015) *Para conhecer fonética e fonologia o português brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- Selbach, S. (2010) *Língua estrangeira e didática*. Petrópoles: Vozes.
- Stemfeld, L. (1996) *Aprender português-língua estrangeira em ambiente de estudos sobre o Brasil: a produção de um material*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas.
- Urbano, H. (2011) *A frase na boca do povo*. São Paulo: Contexto.
- Zilles, A. M. e Faraco, C. A. (2015) *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial.

Lista de abreviaturas

GD	Gramática Descritiva
GP	Gramática Prescritiva
GT	Gramática Tradicional
IP	Índice de Pessoa
LE	Língua Estrangeira
LM	Língua Materna
LP	Língua Portuguesa
MDs	Materiais Didáticos
NURC	Norma Urbana Culta (projeto)
PB	Português Brasileiro
PBC	Português Brasileiro Contemporâneo
PBLE	Português Brasileiro como Língua Estrangeira
PBLM	Português Brasileiro como Língua Materna
PEUL	Projeto de Estado de Usos Linguísticos
PLE	Português como Língua Estrangeira
QECRL	Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas
TGB	Tradição Gramatical Brasileira
VARLINE	Varição Linguística no Nordeste
VARLUL	Projeto Variação do Português do Sul

Anexo I - Imagens

1. Passagens: português do Brasil para estrangeiros.....	121
1.1 Sintagma a gente.....	121
Imagem 1.1.1 Quadro dos pronomes pessoais: Focalização (Celli, 2002: 19)	121
Imagem 1.1.2 Focalização (ibid.: 95).....	121
Imagem 1.1.3 Expressões e gírias (ibid.: 98)	121
Imagem 1.1.4 Exemplo de exercício: Complete (ibid.: 146).....	122
Imagem 1.1.5 Exemplo de exercício: Transforme usando o presente do indicativo (ibid.: 205)	122
1.2 Estratégias de pronominalização	122
Imagem 1.2.1 Praticando (ibid.: 37).....	122
Imagem 1.2.2 Observe (ibid.: 97)	123
Imagem 1.2.3 Recordando e Praticando (ibid.: 139).....	123
Imagem 1.2.4 Posso ajuda-la (ibid.: 167)	123
Imagem 1.2.5 Focalização (ibid.: 167).....	123
Imagem 1.2.6 Apontem-no, por favor e Focalização (ibid.: 169)	124
Imagem 1.2.7 Deixe-o na mesa (ibid.:177).....	124
Imagem 1.2.8 Praticando (ibid.: 179).....	125
Imagem 1.2.9 Revisão (ibid.: 183).....	125
Imagem 1.2.10 Pronomes pessoais (ibid.: apêndice 02).....	126
1.3 Sintagma dele	126
Imagem 1.3.1 Possessivos (ibid.: 39).....	126
Imagem 1.3.2 Focalização (ibid.: 56).....	127
Imagem 1.3.3 Praticando (ibid.: 61).....	127
2. Panorama Brasil: o ensino de português do mundo dos negócios.....	128
2.1 Sintagma a gente.....	128
2.2 Estratégias de pronominalização	128
Imagem 2.2.1 Pronomes oblíquos (Ponce et al., 2006: 27)	128
Imagem 2.2.2 Pronomes pessoais oblíquos (ibid.: 116).....	128
Imagem 2.2.3 Principais empregos dos pronomes pessoais oblíquos (ibid.: 117).....	128
Imagem 2.2.4 Oscar Niemeyer: um ícone da arquitetura brasileira (ibid.: 57)	129
Imagem 2.2.5 Magic Paula (ibid.: 73).....	129
2.3 Sintagma dele	129
3. Fala Brasil: português para estrangeiros.....	130
3.1 Sintagma a gente.....	130
Imagem 3.1.1 Sistematização (Coudri & Fontão, 2007: 04).....	130
3.2 Estratégias de pronominalização	130
Imagem 3.2.1 Pronomes (ibid.: 112).....	130

Imagem 3.2.2 Sistematização (ibid.: 224)	130
3.3 Sintagma dele	131
Imagem 3.3.1 Pronomes possessivos (ibid.: 10 e 11)	131
Imagem 3.3.2 Nota (ibid.: 11)	131
4. Muito prazer: fale o português do Brasil	132
4.1 Sintagma a gente	132
Imagem 4.1.1 Gramática (Fernandes et al., 2008: 22)	132
Imagem 4.1.2 Gramática (ibid.: 27)	132
Imagem 4.1.3 Gramática (ibid.: 40)	132
Imagem 4.1.4 Apêndice gramatical (ibid.: 417)	133
4.2 Estratégias de pronominalização	133
Imagem 4.2.1 Gramática - Pronomes pessoais I (ibid.: 256)	133
Imagem 4.2.2 Construção do conteúdo (ibid.: 257)	133
Imagem 4.2.3 Gramática - Posição dos pronomes que atuam como objetos (ibid.: 284) ..	134
Imagem 4.2.4 Pronomes pessoais do caso oblíquo (ibid.: 417)	134
4.3 Sintagma dele	134
Imagem 4.3.1 Gramática - Artigo definido e pronome adjetivo possessivo (ibid.: 26)	134
Imagem 4.3.2 Pronome pessoal/Pronome possessivo (ibid.: 27)	135
Imagem 4.3.3 Gramática - Pronomes possessivos e verbo ter (ibid.: 48)	135
Imagem 4.3.4 Pronomes possessivos (ibid.: 418)	135
5. Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação	136
5.1 Sintagma a gente	136
Imagem 5.1.1 Pronomes pessoais (Ponce et al., 2008: 03)	136
Imagem 5.1.2 Presente do indicativo (ibid.: 10)	136
Imagem 5.1.3 Pronomes pessoais e formas de tratamento (ibid.: 204)	136
Imagem 5.1.5 Pronomes pessoais e pronomes reflexivos (ibid.: 206)	137
Imagem 5.1.6 Pronomes pessoais retos e oblíquos (ibid.: 207)	137
5.2 Estratégias de pronominalização	137
Imagem 5.2.1 Exercícios de preencher as lacunas (ibid.: 49)	137
Imagem 5.2.2 Exercício de substituição por pronomes (ibid.: 49)	138
Imagem 5.2.3 Pronomes oblíquos (ibid.: 207)	138
Imagem 5.2.4 Formas dos pronomes (ibid.: 208)	138
5.3 Sintagma dele	139
Imagem 5.3.1 Possessivos (ibid.: 12)	139
Imagem 5.3.2 Pronomes possessivos e pronomes adjetivos (ibid.: 205)	139
6. Terra Brasil: curso de língua e cultura	140
6.1 Sintagma a gente	140
Imagem 6.1.1 Pronomes pessoais e formas de tratamento (Dell'Isola e Almeida, 2008: 15)	140
Imagem 6.1.2 Quadro pronominal (ibid.: 15)	140

6.2 Estratégias de pronominalização	141
6.3 Sintagma dele	141
Imagem 6.3.1 Sistematizar é preciso - Formas dos possessivos (ibid.: 57).....	141
Imagem 6.3.2 Pronomes possessivos e dele (ibid.: 58)	141
Imagem 6.3.3 Pronomes possessivos (ibid.: 293)	142
7. Português para estrangeiros.....	143
7.1 Sintagma a gente.....	143
Imagem 7.1.1 (Marchant, 2013: 63)	143
7.2 Estratégias de pronominalização	143
Imagem 7.2.1 (ibid.: 63)	143
7.3 Sintagma dele	144
Imagem 7.3.1 (ibid.: 98)	144
Imagem 7.3.2 (ibid.: 100).....	144
8. Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros.....	145
8.1 Sintagma a gente	145
Imagem 8.1.1 Linguagem coloquial (Lima & lunes, 2014: 166)	145
Imagem 8.1.2 Exercício - Da linguagem coloquial para a linguagem formal (ibid.: 167)...	145
8.2 Estratégias de pronominalização	146
Imagem 8.2.1 Pronomes pessoais (ibid.: 6)	146
Imagem 8.2.2 Colocação pronominal (ibid.: 23).....	146
Imagem 8.2.3 Repetição enfática (ibid.: 77)	146
Imagem 8.2.4 Gramática nova - Verbos pronominais (ibid.: 146)	147
8.3 Sintagma dele	147
Imagem 8.3.1 Pronomes oblíquos com valor possessivo (ibid.: 53)	147

1. Passagens: português do Brasil para estrangeiros

1.1 Sintagma *a gente*

Imagem 1.1.1 Quadro dos pronomes pessoais: Focalização (Celli, 2002: 19)

FOCALIZAÇÃO		falar	
verbos regulares em -ar		falar	
Modo indicativo			
	presente	pretérito	pretérito
		perfeito	imperfecto
eu	falo	falei	falava
ele - ela - você	fala	falou	falava
nós	falamos	falamos	falávamos
eles - elas - vocês	falam	falaram	falavam
imperativo: fale			

Imagem 1.1.2 Focalização (ibid.: 95)

FOCALIZAÇÃO *a gente*

A GENTE: é uma expressão que corresponde a **nós**. O verbo deve ser usado na 3ª pessoa do singular.

Observe

– Onde a gente está?
– Acho que a gente está perto da rodoviária.

Complete:
perto de casa
A gente está perto de casa.

longe de casa
A gente _____

com pressa
A gente _____

Imagem 1.1.3 Expressões e gírias (ibid.: 98)

Estou trabalhando cinco horas a fio.

EXPRESSÕES / GÍRIAS **ABACAXI!**

(expressão)
A fio:
sem interrupção

(expressão)
A gente:
nós
(Observe o verbo usado no singular)

– Aonde você e sua esposa foram ontem?
– **A gente** foi ao cinema.

Complete com **a gente**:

Ontem _____ trabalhou muito.
Na próxima semana _____ vai viajar.
Neste momento _____ está almoçando.

(gíria)

Imagem 1.1.4 Exemplo de exercício: Complete (*ibid.*: 146)

Complete:

Eu traria os livros. Eles _____ . Elas _____ .
 Nós faríamos o trabalho. Eu _____ . Vocês _____ .
 Eu diria a verdade. Nós _____ . Elas _____ .

Imagem 1.1.5 Exemplo de exercício: Transforme usando o presente do indicativo (*ibid.*: 205)

Transforme usando o presente do indicativo:	<i>Nós não nos odiamos.</i>	A gente não se odeia.
	1. Nós nos cumprimentamos na festa.	_____
	2. Nós não nos gostamos muito.	_____
	3. Nós nos conhecemos na discoteca.	_____
	4. Nós nos abraçamos na festa.	_____
	5. Nós não nos agredimos.	_____

1.2 Estratégias de pronominalização

Imagem 1.2.1 Praticando (*ibid.*: 37)

PRATICANDO

Siga o modelo:

Vou lhe mostrar = Vou te mostrar.

1. Vou lhe telefonar = _____

2. Vou lhe emprestar = _____

Dá - Não dá

Você tem:

R\$ 5,00 - Dá para comprar um rádio?

R\$ 100,00 - Dá para comprar uma televisão?

R\$ 100.000,00 - Dá para comprar um apartamento?

Imagem 1.2.2 Observe (*ibid.*: 97)

Fazendo uma vaquinha

- Quanto é que custa o bolo?
- O de nozes, R\$ 40,00 e o de chocolate R\$ 30,00.
- Então, vamos fazer uma vaquinha. Cada um dá R\$ 5,00 e compramos o de nozes.
- Combinado. Boa idéia.
- Acho que Silvana vai gostar da surpresa.
- Eu também acho.

Observe

Deixe-me ligar. **Ou:** Me deixe ligar.

Deixe-me olhar as fotos. **Ou:** _____

Deixe-me ficar. **Ou:** _____

Aceita-se o pronome “me” no início da frase no português coloquial.

Responda:

Em que circunstâncias podemos “fazer uma vaquinha”? _____

Quais são as vantagens? _____

Imagem 1.2.3 Recordando e Praticando (*ibid.*: 139)

RECORDANDO

pronomes pessoais

me - para mim

nos - para nós

lhe - para você/ele/ela

lhes - para vocês/eles/elas

PRATICANDO

(para mim) Ele me mandou as fotografias.

(para nós) Eles _____ chamaram a atenção.

((para ela) Ana _____ telefonou.

(para mim) Carlos _____ deu carona.

(para eles) Celso _____ deu o dinheiro.

(para você) Maria _____ telefonou.

(para você) Vera _____ deu o presente.

(para eles) Mário _____ escreveu o telegrama.

(para elas) Rose _____ preparou a bebida.

Imagem 1.2.4 Posso ajuda-la (*ibid.*: 167)

167

PREPARANDO-SE PARA O CARNAVAL

Alice e Márcia saem para comprar máscaras para o carnaval.

Alice: Veja aquelas máscaras. São lindíssimas.

Márcia: Estou na dúvida. Qual delas devo comprar?

Alice: Posso **ajudá-la?** Você quer um palpite?

Márcia: Claro!

Alice: Acho que esta aqui, com flores, combina mais com seu rosto e seu cabelo.

Márcia: Obrigada pela ajuda. Acho que você tem razão.

POSSO AJUDÁ-LA?

Imagem 1.2.5 Focalização (*ibid.*: 167)

FOCALIZAÇÃO

pronomes pessoais

masculino	feminino
lo - los	la - las

Complete o diálogo usando lo - la - los - las:

Luís: Hoje vou comprar minha fantasia para o carnaval.

Ana: Onde você vai comprá- _____?

Luís: Nas Lojas Americanas. E você?

Ana: Eu não vou comprar fantasia. Eu vou alugá-____.

Luís: E os sapatos?

Ana: Vou comprá-____ na Loja O Rei dos Calçados.

Luís: Boa idéia. Ouvi dizer que essa loja está fazendo liquidação.

Ana: É verdade. Os calçados estão muito baratos.

Luís: Acho que vou com você até lá. Estou precisando comprar sapatos, também.

Imagem 1.2.6 Apontem-no, por favor e Focalização (ibid.: 169)

169

FOCALIZAÇÃO
pronomes pessoais
NO - NA - NOS - NAS

APONTEM-NO, POR FAVOR

Desliguem a *copiadora* porque ela pifou.
Desliguem-*na*.

Arrumem a *mesa*.

Tirem *as canetas* do estojo.

Carimbem *as cartas*.

Comprem *o apontador, o grampeador e os clips*.

a copiadora

a mesa e as cadeiras

as canetas

o estojo

os clips

o carimbo

o grampeador

o apontador

Imagem 1.2.7 Deixe-o na mesa (ibid.:177)

177

ETIQUETA - TIRANDO DÚVIDAS

GUARDANAPO DE PAPEL
Devo colocar o guardanapo de papel no colo, durante as refeições? E onde devo deixá-lo ao acabar de comer?

Ele deve ser colocado no colo mantendo uma dobra para não escorregar facilmente. Quando terminar a refeição, **coloque-o** ao lado do prato.

COMO SERVIR CAFÉ
Trabalho numa empresa de médio porte e tenho uma dúvida: na hora de servir o café, posso deixar a bandeja em cima da mesa para cada um pegar a sua xícara?

Deixe-o na mesa numa bandeja para que cada um se sirva.
Fonte: Revista Cláudia, nº 3, ano 35.

FOCALIZAÇÃO
pronomes pessoais
o a
os as

DEIXE-O NA MESA

PRATICANDO
Comprei os sapatos.
Comprei-os.

1. Chamei o médico. _____
2. Descasquei as batatas. _____
3. Comprei um geladinho. _____

Observe como fica quando a frase começa com pronomes:

Eu comprei os sapatos.
Eu os comprei.

1. Eu comprei os sapatos. _____
2. Ele consertou o rádio. _____
3. Eu chamei o médico. _____
4. Eu li o livro. _____

Imagem 1.2.8 Praticando (*ibid.*: 179)

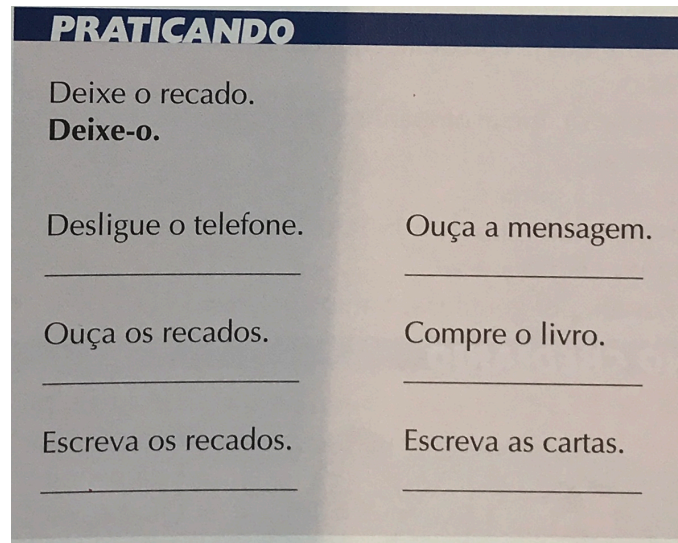


Imagem 1.2.9 Revisão (*ibid.*: 183)

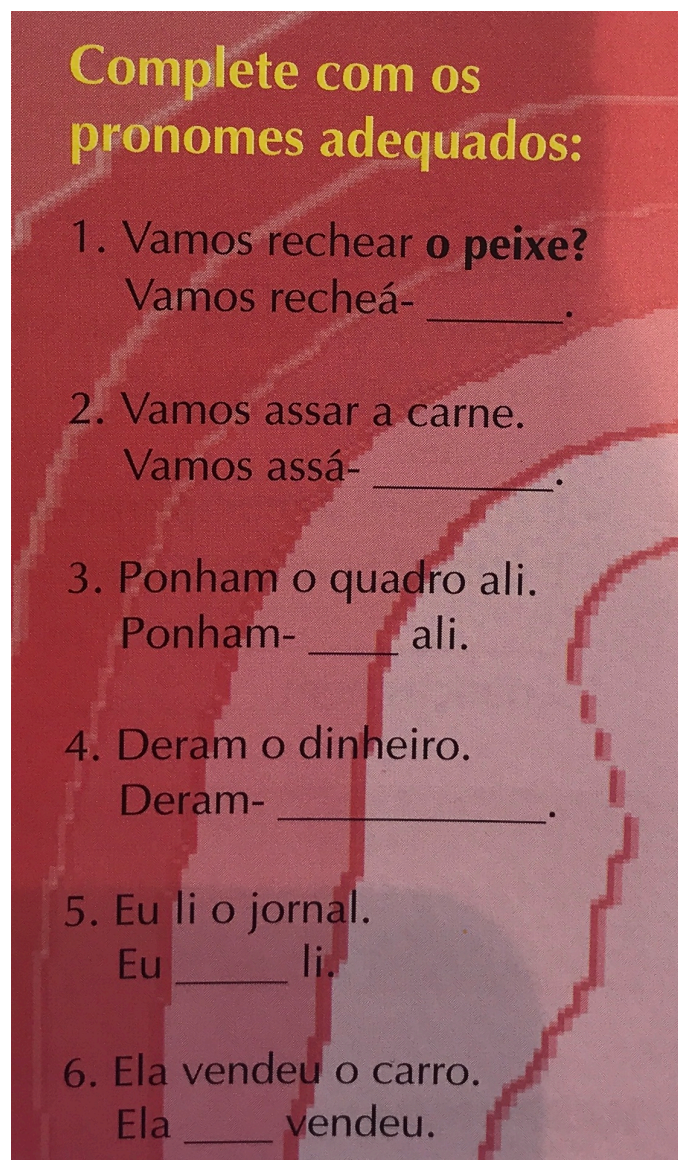


Imagem 1.2.10 Pronomes pessoais (*ibid.*: apêndice 02)

PRONOMES PESSOAIS		PRONOMES DE TRATAMENTO	
eu		Singular	Plural
você / ele / ela		você	vocês
nós		o senhor	os senhores
vocês / eles / elas		a senhora	as senhoras
OBJETO DIRETO			
me	<i>Ele me convidou.</i>	na	<i>Compem-na. (a bicicleta)</i>
o	<i>Eu o comprei. (o carro)</i>	nos	<i>Ele nos convidou.</i>
a	<i>Eu a comprei. (a bicicleta)</i>	os	<i>Eu os comprei.</i>
lo	<i>Vamos comprá-lo. (o carro)</i>	as	<i>Eu as comprei.</i>
la	<i>Vamos comprá-la. (a bicicleta)</i>	los	<i>Vamos comprá-los.</i>
no	<i>Compem-no. (o carro)</i>	las	<i>Vamos comprá-las.</i>
		nos	<i>Compem-nos.</i>
OBJETO INDIRETO			
me, mim, comigo	<i>Ele me telefonou. Ele telefonou para mim. Ele jantou comigo.</i>		
lhe (você/ele/ela)	<i>Eu telefonei para Carlos. Eu lhe telefonei.</i>		
nos, conosco	<i>Carlos nos escreveu o bilhete. Ele jantou conosco.</i>		
lhes (vocês/eles/elas)	<i>Eu telefonei para Carlos e Pedro.</i>		
REFLEXIVOS			
me	<i>Eu me cortei.</i>	nos	<i>Nós nos cortamos.</i>
se (você/ele/ela)	<i>Ele se cortou.</i>	se (vocês/eles/elas)	<i>Eles se cortaram.</i>

1.3 Sintagma *dele*

Imagem 1.3.1 Possessivos (*ibid.*: 39)

Possessivos:	dele - deles	dela - delas
 Viagem de Pedro.	Viagem de Sandra.	Viagem de Pedro e Sandra.
Viagem dele.	Viagem dela.	Viagem deles.

Imagem 1.3.2 Focalização (ibid.: 56)

Ana: Não, obrigada

Complete com os pronomes possessivos:

1. Onde está a _____ mala?
2. Quem pegou as _____ canetas?
3. Onde você estacionou o _____ carro?
4. Esta é _____ esposa?
5. Estes são os _____ filhos?
6. Nós deixamos o _____ filho na escola.
7. Nós emprestamos a _____ casa da praia para Alice.
8. A _____ perna dói muito.

Complete com dele, deles, dela ou delas:

1. Não emprestei o carro de Maria.
Não _____
2. As crianças de Pedro e Ana são felizes.
As _____

FOCALIZAÇÃO	
pronomes possessivos	
masculino	masculino
singular	plural
meu	meus
seu	seus
nosso	nossos
seu	seus
feminino	feminino
singular	plural
minha	minhas
sua	suas
nossa	nossas
sua	suas

dele/s dela/s *Observe*

Carro de João.
Gosto do carro **dele**.
O **seu** carro é bonito.

Imagem 1.3.3 Praticando (ibid.: 61)

PRATICANDO

de Maria -	dela	_____
de João -		_____
de Júlio e Pedro -		_____
de Maria e Ana -		_____
E de Paulo e de Ana?	deles	

2. Panorama Brasil: o ensino de português do mundo dos negócios


2.1 Sintagma *a gente*

2.2 Estratégias de pronominalização

Imagem 2.2.1 Pronomes oblíquos (Ponce *et al.*, 2006: 27)

PRONOMES OBLÍQUOS

São complementos verbais, exercendo a função de Objetos Diretos ou Indiretos, e podem ser átonos ou tônicos.
>> saiba mais: p. 116




14. De acordo com o texto acima, substitua os Pronomes Oblíquos em **negrito** pelos termos que substituem.

a. achá-los _____
 b. cruzá-los _____
 c. as atualiza _____

Imagem 2.2.2 Pronomes pessoais oblíquos (*ibid.*: 116)

PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS

São complementos verbais, exercendo a função de objetos DIRETOS ou INDIRETOS, e podem ser ÁTONOS ou TÔNICOS.



ÁTONOS (sem preposição)		TÔNICOS (com preposição)	
Singular	me o, a, lhe, se	mim si, ele, ela	
	te	ti	
Plural	os, as, lhes, se	nós si, eles, elas	

Imagem 2.2.3 Principais empregos dos pronomes pessoais oblíquos (*ibid.*: 117)

PRINCIPAIS EMPREGOS DOS PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS

ÁTONOS

a) Os pronomes pessoais oblíquos átonos **O, A, OS, AS**, enquanto complementos verbais, funcionam exclusivamente como objetos diretos, em substituição a nomes que exerçam tal função sintática.
Exemplo: As entidades representativas dessas categorias começaram a adequar a tecnologia às atividades para que os associados **A** utilizem no dia-a-dia.

b) O pronome pessoal oblíquo átono **LHE**, enquanto complemento verbal, funciona exclusivamente como objeto indireto, em substituição a nomes que exerçam tal função.
Exemplo: Com isso, as empresas proporcionarão boas condições de trabalho a seus funcionários, propiciando-**LHES** uma melhor qualidade de vida.

ATENÇÃO

O pronome LHE, enquanto objeto indireto, só pode ser usado para referir-se a pessoas e seres vivos.

Imagem 2.2.4 Oscar Niemeyer: um ícone da arquitetura brasileira (*ibid.*: 57)

10. Leia o texto abaixo e siga as instruções que o acompanham.

Oscar Niemeyer: Um Ícone da Arquitetura Brasileira


Oscar Niemeyer, conhecido por importantes obras arquitetônicas do Brasil, nasceu em 1907, no Rio de Janeiro. Inicia sua vida profissional no escritório de Lúcio Costa e Carlos Leão, onde participa da equipe do projeto do prédio do Ministério da Educação e Saúde. "Não queria, como a maioria dos meus colegas, me adaptar a essa arquitetura comercial que vemos aí. E apesar das minhas dificuldades financeiras, preferi trabalhar, gratuitamente, no escritório do Lúcio Costa e Carlos Leão, onde esperava encontrar as respostas para minhas dúvidas de estudante de arquitetura. Era um favor que eles me faziam", comentou ele na ocasião.

Fonte: Fundação Oscar Niemeyer, site www.niemeyer.org.br, fevereiro/2006

Imagem 2.2.5 Magic Paula (*ibid.*: 73)

Magic Paula
A Magia Feminina no Esporte

Maria Paula Gonçalves da Silva nasceu no dia 11 de março de 1962, em Osvaldo Cruz, cidade paulista de 30 mil habitantes. Em 1976 já era convocada para a Seleção Brasileira de Basquete. Aos 18 anos, transferiu-se para Piracicaba (SP), para defender a Unimep local. Em 1989, foi jogar no Tintoretto, de Madri (Espanha), onde se sagrou vice-campeã. Retornou ao Brasil em 1990 para defender o BCN de Piracicaba. No ano seguinte, recebeu de Fidel Castro a medalha de ouro dos Jogos Pan-Americanos de Havana, em Cuba. Em 1994, ganhou a medalha de ouro no Mundial da Austrália, e nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, ficou com a de prata. Após 28 anos de trabalho, a atleta encerrou uma das carreiras mais brilhantes do basquete mundial. Em 2005, dirige o Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa da Prefeitura da Cidade de São Paulo.



Fonte: adaptado de entrevista dada à revista da empresa Kalunga, nº 170, março/2005

2.3 Sintagma *dele*

3. Fala Brasil: português para estrangeiros

3.1 Sintagma *a gente*

Imagem 3.1.1 Sistematização (Coudri & Fontão, 2007: 04)

Sistematização

Português	Inglês	Francês
EU	I	JE
TU/VOCÊ	YOU	TU
ELE/ELA	HE/SHE	IL/ELLE
NÓS	WE	NOUS
VOCÊS	YOU	VOUS
ELES/ELAS	THEY	ILS/ELLES

Observação: Tu é usado apenas em algumas regiões do país. Você pode ser usado em todo o Brasil.

Tu is used only in some regions of the country. You can be used all over Brazil.

Tu n'est employé que dans quelques régions du pays. Vous peut être employé dans tout le Brésil.

3.2 Estratégias de pronominalização

Imagem 3.2.1 Pronomes (*ibid.*: 112)

III) PRONOMES

Exemplo: O carro cor-de-rosa
 Meu irmão comprou um carro novo, mas a mulher dele não gostou da cor. Então, ele *o* vendeu (vendeu *o carro*) para seu vizinho. O vizinho *o* deu (deu *o carro*) para seu filho que *o* pintou (pintou *o carro*) de outra cor.

Os pronomes *o, a, os, as* são usados para substituir um nome já referido anteriormente. Quando a referência está clara no contexto, nós podemos omitir o pronome:

- Você já pagou a conta?
- Já. Eu (a) paguei ontem de manhã.
- Sua blusa é demais!
- Você gostou? Eu (a) comprei no Shopping.
- Carro novo, hein?
- É, é novinho em folha. Eu (o) ganhei do meu pai na semana passada.

Imagem 3.2.2 Sistematização (*ibid.*: 224)

Sistematização

I) Colocação dos pronomes átonos

O pronome átono *não deve vir depois*: do PARTICÍPIO e dos FUTUROS (do Presente e do Pretérito):

Ele tinha me dito. Eu me queixarei.
 Eu o teria visto. Dir-lhe-ia.

Alguns advérbios como *não, nunca, talvez*, atraem o pronome para junto de si: Não o vi.
 Na linguagem formal escrita evitamos iniciar sentenças com os pronomes átonos: Disseram-me (linguagem coloquial: Me disseram).

3.3 Sintagma *dele*

Imagem 3.3.1 Pronomes possessivos (*ibid.*: 10 e 11)

V) PRONOMES POSSESSIVOS

eu — meu(s) minha(s)
 (tu) — teu(s) tua(s)
 você — seu(s) sua(s)
 ele — dele [seu(s) sua(s)]
 ela — dela [seu(s) sua(s)]
 nós — nosso(s) nossa(s)
 vocês — seu(s) sua(s) de vocês
 eles — deles [seu(s) sua(s)]
 elas — delas [seu(s) sua(s)]









	COLUNA 1	COLUNA 2	COLUNA 3
	eu eu eu eu	o sapato os tênis a camisa as calças	(o) MEU sapato (os) MEUS tênis (a) MINHA camisa (as) MINHAS calças
	você você você você	o relógio os sapatos a meia as blusas	(o) SEU relógio (os) SEUS sapatos (a) SUA meia (as) SUAS blusas
	ele ele ele ele	o relógio os sapatos a camisa as calças	o relógio DELE os sapatos DELE a camisa DELE as calças DELE
	ela ela ela ela	o vestido os cintos a saia as sandálias	o vestido DELA os cintos DELA a saia DELA as sandálias DELA
	nós nós nós nós	o carro os filhos a filha as bolsas	(o) NOSSO carro (os) NOSSOS filhos (a) NOSSA filha (as) NOSSAS bolsas
PRONOMES POSSESSIVOS (continuação)			
	vocês vocês vocês vocês	o filho os pais a filha as malas	(o) SEU filho (o filho de vocês) (os) SEUS pais (a) SUA filha (a filha de vocês) (as) SUAS malas
	eles eles eles eles	o cachorro os maiôs a casa as meias	o cachorro DELES os maiôs DELES a casa DELES as meias DELES
	elas elas elas elas	o carro os filhos a casa as malas	o carro DELAS os filhos DELAS a casa DELAS as malas DELAS

Imagem 3.3.2 Nota (*ibid.*: 11)

NOTA: Linguagem oral: Mário e o filho *dele*.
 Linguagem escrita: Mário e o *seu* filho.

4. Muito prazer: fale o português do Brasil

4.1 Sintagma *a gente*

Imagem 4.1.1 Gramática (Fernandes *et al.*, 2008: 22)

Pronome Pessoal singular / plural	Pronome Adjetivo Possessivo	
	masculino singular / plural	feminino singular / plural
Eu	meu (s)	minha (s)
Tu	teu (s)	tua (s)
Você (Ele/ Ela)	seu (s)	sua(s)
Nós	nosso(s)	nossa (s)
Vós	vosso (s)	vossas (s)
Vocês (Eles/ Elas)	seu (s)	sua (s)

.....

“Tu” é usado em algumas regiões do Brasil e “Vós” não é usado na conversação. “Teu (s)” e “tua (s)” são usados na conversação. “Vosso (s)” e “vossa (s)” não são usados na conversação.

Imagem 4.1.2 Gramática (*ibid.*: 27)

Pronomes pessoais e verbo ser

Eu sou	a Marta.	singular
Você é	o Yuri?	
Ele é	o João.	
Ela é	a Maria	
Nós somos	a Marta e o Yuri.	plural
Eles são	o João e a Maria.	
Elas são	a Clara e a Sônia.	
Vocês são	o Jorge e a Carla?	

Imagem 4.1.3 Gramática (*ibid.*: 40)

Modo Indicativo - Presente

PRECISAR

Eu	preciso
Você	
Ele	precisa
Ela	
A gente	
Nós	precisamos
Vocês	
Eles	precisam
Elas	

Imagem 4.1.4 Apêndice gramatical (*ibid.*: 417)

4. PRONOMES
4.1. Pronomes pessoais do caso reto

Singular	Plural
Eu	Nós
Tu	Vós
Ele, ela, a gente*	Eles, elas

* 'a gente' não é um pronome pessoal, mas sim um pronome de tratamento como 'você'. No entanto, na língua oral usamos o 'a gente' como se fosse 'nós'.

4.2 Estratégias de pronominalização

Imagem 4.2.1 Gramática - Pronomes pessoais I (*ibid.*: 256)

LIÇÃO A GRAMÁTICA
Pronomes pessoais I

Você a vê ainda hoje? (a = Carla)

Pronomes pessoais retos (sujeito)	Pronomes pessoais oblíquos (objeto direto)	
Eu	me	1. Os pronomes 'o(s)' e 'a(s)' funcionam como objeto direto. Pedro: - Eu vi o Paulo ontem. Clara: - Verdade? Eu o vi na semana passada (o = Paulo)
Você		
Ele	o, a (lo, la, no, na)	2. Quando o verbo terminar em 'z', 's', ou 'r' os pronomes 'o(s)', 'a(s)' mudam para 'lo(s)' ou 'la(s)'. Exemplo: verbo terminado em z: fiz + a = fi-la Eu fiz a lição = Eu fi-la. (Não é usado na linguagem oral)
Ela		
A gente		
Nós	nos	
Vocês		
Eles	os, as (los, las, nos, nas)	
Elas		

Imagem 4.2.2 Construção do conteúdo (*ibid.*: 257)

LIÇÃO A CONSTRUÇÃO DO CONTEÚDO

A. No bilhete abaixo, substitua as palavras grifadas por pronomes pessoais (sujeito, objeto direto).

Lenira,
 Ontem finalmente consegui comprar o computador. O computador tem uma configuração fantástica. Vou enviar a configuração por e-mail, assim você pode avaliar a qualidade. Os preços estavam ótimos. Vou enviar os preços também. Peguei o fax com manual. Eu li o manual rapidinho e os técnicos já instalaram o fax. Colocaram o fax ao lado da foto copiadora. Depois eu ligo para combinarmos a instalação dos programas. Eu aviso você quando o técnico marcar a visita.
 Um abraço,
 Joana M.

Imagem 4.2.3 Gramática - Posição dos pronomes que atuam como objetos (*ibid.*: 284)

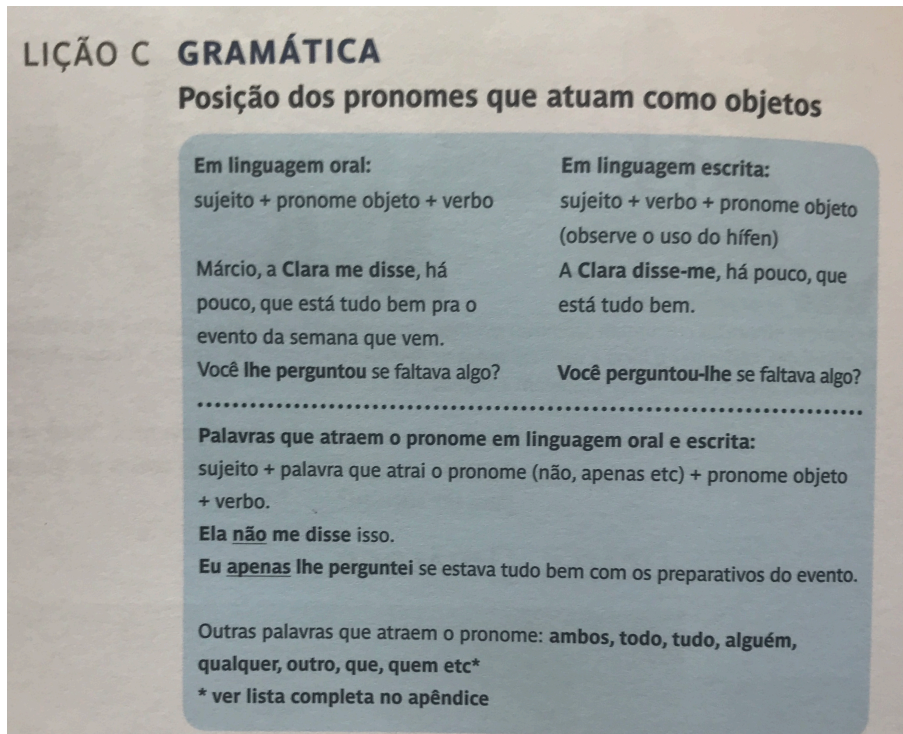


Imagem 4.2.4 Pronomes pessoais do caso oblíquo (*ibid.*: 417)

4.1.1. Pronomes pessoais do caso oblíquo

Singular	Plural
Me	Nos
Te	Vos
O, a, se, lhe	Os, as, se, lhes

4.3 Sintagma *dele*

Imagem 4.3.1 Gramática - Artigo definido e pronome adjetivo possessivo (*ibid.*: 26)

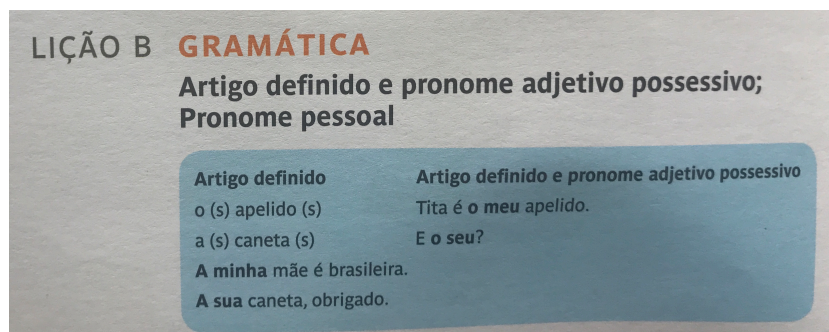


Imagem 4.3.2 Pronome pessoal/Pronome possessivo (*ibid.*: 27)

	Pronome Pessoal		Pronome Adjetivo Possessivo	
	masculino	feminino	masculino	feminino
	singular / plural		singular / plural	
Eu	meu (s)	minha (s)		
Tu	teu (s)	tua (s)		
Você (Ele/ Ela)	seu (s)	sua(s)		
Nós	nosso(s)	nossa (s)		
Vós	vosso (s)	vossas (s)		
Vocês (Eles/ Elas)	seu (s)	sua (s)		

.....

“Tu” é usado em algumas regiões do Brasil e “Vós” não é usado na conversação.
 “Teu (s)” e “tua (s)” são usados na conversação. “Vosso (s)” e “vossa (s)” não são usados na conversação.

Imagem 4.3.3 Gramática - Pronomes possessivos e verbo ter (*ibid.*: 48)

LIÇÃO A GRAMÁTICA
Pronomes possessivos e verbo ter

Modo Indicativo - Presente		Pronome possessivo			
TER		masculino		feminino	
		singular /	plural	singular /	plural
Eu	tenho	dele	deles	dela	delas
Você					
Ele	tem				
Ela					
A gente					
Nós	temos				
Vocês					
Eles	têm				
Elas					

Essa aqui é a namorada dele.
 Esse aqui é o namorado dela.
 Aquela é a mãe deles.
 Aquele é o pai delas.

O “dele(s)”/“dela(s)” = “seu(s)”/“sua(s)”.

Por exemplo: A: Quem é ele? B: É o meu filho.
 A: E ela? B: É a sua namorada.

O verbo “ter” é irregular e é da 2ª conjugação. A 2ª conjugação tem os verbos com final “-er”.

Imagem 4.3.4 Pronomes possessivos (*ibid.*: 418)

4.3. Pronomes possessivos					
Primeira pessoa do singular	Primeira pessoa do plural	Segunda pessoa do singular	Segunda pessoa do plural	Terceira pessoa do singular	Terceira pessoa do plural
Meu, meus, minha, minhas	Nosso, nossos, nossa, nossas	Teu, teus, tua, tuas	Vosso, vossos, vossa, vossas	Seu, seus, sua, suas	Seu, seus, sua, suas

5. Bem-vindo! A língua portuguesa no mundo da comunicação

5.1 Sintagma *a gente*

Imagem 5.1.1 Pronomes pessoais (Ponce *et al.*, 2008: 03)

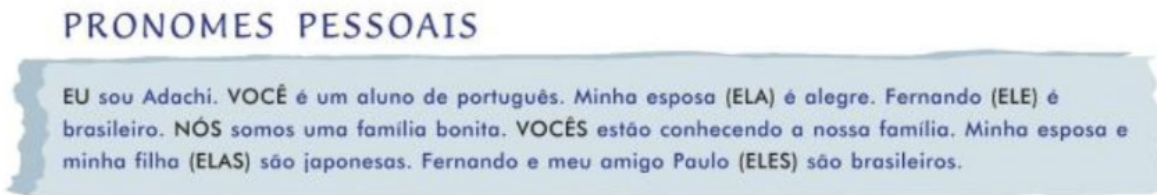


Imagem 5.1.2 Presente do indicativo (*ibid.*: 10)

PRESENTE DO INDICATIVO

REGULARES

TRABALHAR		ESCREVER	ASSISTIR
EU	TRABALHO	ESCREVO	ASSISTO
VOCÊ	TRABALHA	ESCREVE	ASSISTE
ELE/ELA	TRABALHA	ESCREVE	ASSISTE
NÓS	TRABALHAMOS	ESCREVEMOS	ASSISTIMOS
VOCÊS	TRABALHAM	ESCREVEM	ASSISTEM
ELES/ELAS	TRABALHAM	ESCREVEM	ASSISTEM

OBSERVAÇÃO: O pronome TU é usado em algumas regiões do Brasil;
O pronome VÓS é usado em textos mais antigos.

TU	TRABALHAS	ESCREVES	ASSISTES
VÓS	TRABALHAIS	ESCREVEIS	ASSISTIS

Imagem 5.1.3 Pronomes pessoais e formas de tratamento (*ibid.*: 204)

PRONOMES PESSOAIS e FORMAS DE TRATAMENTO

Singular	Plural
eu	nós
tu/*você	vocês
ele/ela/*a gente	eles/elas

*você e a gente não são pronomes pessoais, mas formas correntes de tratamento no Português do Brasil (PB).

Imagem 5.1.5 Pronomes pessoais e pronomes reflexivos (*ibid.*: 206)


Pronomes Pessoais	Pronomes Reflexivos
eu	me
tu	te
ele/ela/você/a gente	se
nós	nos
vós	vos
eles/elas	se


Imagem 5.1.6 Pronomes pessoais retos e oblíquos (*ibid.*: 207)

PRONOMES PESSOAIS			
Retos (Caso Subjetivo)		Oblíquos (Caso Objetivo)	
		Átonos	Tônicos
1. ^a	eu	me	mim, comigo
2. ^a	tu	te	ti, contigo
3. ^a	ele/ela	o, a, se, lhe	si, consigo, ele, ela
1. ^a	nós	nos	nós, conosco
2. ^a	vós	vos	vós, convosco
3. ^a	eles/elas	os, as, se, lhes	si, consigo, eles, elas

5.2 Estratégias de pronominalização


Imagem 5.2.1 Exercícios de preencher as lacunas (*ibid.*: 49)

 Preencha os espaços com um dos pronomes abaixo.



Clara: Você viu Pedro?
 Marta: Sim, eu _____ vi na lanchonete. Por quê?
 Clara: Parece que ele me telefonou e queria falar _____. (com eu)
 Marta: Ah, sim. Ele _____ telefonou (para mim) também. Ele queria conversar _____ (com nós) sobre a viagem para a Argentina.
 Clara: O que será que ele quer _____ falar? (para nós)
 Marta: Ele quer pedir sugestões e dicas sobre os lugares turísticos de lá. Vamos procurá-_____ na lanchonete? Talvez ainda esteja lá.
 Clara: Vamos. Acho que _____ vou _____ emprestar meu guia de viagem. Espere-_____ um pouco. Vou pegá-_____ no quarto.
 Marta: Boa idéia! Tenho diversos mapas e endereços. Vou levá-_____ para ele, também.

Imagem 5.2.2 Exercício de substituição por pronomes (*ibid.*: 49)

 **Reescreva as frases substituindo as palavras indicadas por pronomes.**

EXEMPLO: Enviei (a) o pacote (b) aos meus pais, por via aérea.
 a) Enviei-**o** aos meus pais por via aérea.
 b) Enviei-**lhes** o pacote por via aérea.

1. Talvez eu mostre (a) as fotos (b) aos professores.
 a) _____
 b) _____
2. Eles entregaram (a) o documento (b) para mim.
 a) _____
 b) _____
3. Ela contou (a) a verdade (b) para nós.
 a) _____
 b) _____
4. Compramos (a) um presente (b) para as crianças do orfanato.
 a) _____
 b) _____
5. Sempre peço (a) dinheiro (b) a meus pais.
 a) _____
 b) _____

Imagem 5.2.3 Pronomes oblíquos (*ibid.*: 207)

Os **Pronomes Oblíquos** são complementos de verbos:

- a. **o, a, os, as** completam verbos **SEM** preposição:
 - Vi **o menino**. → Vi-**o**.
- b. **lhe, lhes** completam verbos **COM** preposição:
 - Explicou **às meninas** o problema. → Explicou-**lhes** o problema.
- c. os demais podem ser **diretos** ou **indiretos**, dependendo do verbo:
 - Entreguei **o livro ao professor**. → Entreguei-**o** ao professor. (**o** = complemento direto)/Entreguei-**lhe** o livro. (**lhe** = complemento indireto).

Imagem 5.2.4 Formas dos pronomes (*ibid.*: 208)

Os Pronomes **o, a, os, as** assumem formas especiais depois de certas terminações verbais.

Terminado em:	Forma do Pronome:	Exemplos:
vogal	o, a, os, as	▪ Paguei o aluguel . → Paguei- o .
z / s / r	lo, la, los, las	▪ Fiz o serviço . → Fi- lo . / Vai dizer a verdade. → Vai dizê- la .
som nasal	no, na, nos, nas	▪ Viram o(s) garoto(s) . → Viram- no(s) .
m, ão, ãe, ãem	no, na, nos, nas	▪ Põe a(s) mesa(s) . → Põe- na(s) .

Preste atenção à **acentuação** destas formas:

- amar + a/o/s → amá-**la(s)/lo(s)**.
- fazer + a/o/s → fazê-**la(s)/lo(s)**.
- por + a/o/s → pô-**la(s)/lo(s)**.

Mas →

- abrir + a/o/s → abri-**la(s)/lo(s)**.

*Meu carro está quebrado./Preciso levá-**lo** ao mecânico com urgência./O trabalho não está certo./Você precisa refazê-**lo**./Pude vê-**lo**./Não pôde fazê-**lo**./Vou comprá-**lo**./Os alunos compraram-**nos**(os compraram)./O gerente vai abri-**lo**.*

5.3 Sintagma *dele*

Imagem 5.3.1 Possessivos (*ibid.*: 12)

POSSESSIVOS
Adjetivos/ Pronomes

Meu carro/O meu Minha filha/A minha	Teu carro/O teu Tua filha/A tua	Seu carro/O seu Sua filha/A sua	Nosso carro/O nosso Nossa filha/A nossa
	O carro dela/O dela A filha dele/A dele	O carro delas/O delas A filha deles/A deles	

SEU(S) - SUA(S) → para as 2^{as} pessoas
 SEU(S) - SUA(S) - DELE(S) - DELA(S) → para as 3^{as} pessoas

Imagem 5.3.2 Pronomes possessivos e pronomes adjetivos (*ibid.*: 205)

PRONOMES POSSESSIVOS e PRONOMES ADJETIVOS

eu	meu(s), minha(s)
você	seu(s), sua(s) (= de você)
ele	seu(s), sua(s)/dele
ela	seu(s), sua(s)/dela
nós	nosso(s), nossa(s)
vocês	seu(s), sua(s) (= de vocês)
eles	seu(s), sua(s)/deles
elas	seu(s), sua(s)/delas
tu	teu(s), tua(s)
vós	vosso(s), vossa(s)

- Paulo e Márcia já compraram **suas** passagens aéreas para a viagem. Ainda não comprei a **minha**. Você já comprou a **sua**?
- A: **Minha** irmã está sem carro.
B: Este não é o carro **dela**?
A: Não, este é o **meu**. Roubaram o **dela** noutra dia.
- A: Comprei os **nostros** ingressos para o concerto de sexta à noite.
B: Este é o **meu** ingresso ou o **dela**?

6. Terra Brasil: curso de língua e cultura

6.1 Sintagma *a gente*

Imagem 6.1.1 Pronomes pessoais e formas de tratamento (Dell'Isola e Almeida, 2008: 15)

Unidade 1 15

Sistematizar é preciso...

Pronomes pessoais e formas de tratamento

Singular	
1ª pessoa:	eu
2ª pessoa:	você (informal) a Senhora (formal) o Senhor (formal)
	tu (é usado em Portugal e em algumas poucas regiões do Brasil)
3ª pessoa:	ela ele
Plural	
1ª pessoa:	nós
	a gente (informal)
2ª pessoa:	vocês (informal) as Senhoras (formal) os Senhores (formal)
	vós (no Português moderno do Brasil, usado somente na escrita formal)
3ª pessoa:	elas eles

Imagem 6.1.2 Quadro pronominal (*ibid.*: 15)

Eu	sou
Tu	és
Você	
A Senhora / O Senhor	é
Ela / Ele	
A gente	
Nós	somos
Vós	sois
Vocês	
As Senhoras / Os Senhores	são
Elas / Eles	

6.2 Estratégias de pronominalização

6.3 Sintagma *dele*

Imagem 6.3.1 Sistematizar é preciso - Formas dos possessivos (*ibid.*: 57)

Sistematizar é preciso...			
Formas dos possessivos			
Eu	o meu tio os meus tios a minha tia as minhas tias	o nosso tio os nossos tios a nossa tia as nossas tias	Nós
Tu	o teu tio os teus tios a tua tia as tuas tias	o vosso tio os vossos tios a vossa tia as vossas tias	Vós
Você O Senhor A Senhora	o seu tio os seus tios a sua tia as suas tias		Vocês Os Senhores As Senhoras
Ele Ela	dele dela	o tio os tios a tia as tias	deles delas Eles Elas

Imagem 6.3.2 Pronomes possessivos e *dele* (*ibid.*: 58)

Note bem:

- Meu / minha, teu / tua, seu / sua e nosso / nossa, vosso / vossa** concordam em gênero e número com o item possuído. Se o item é um só (singular), usamos **meu / minha** etc.; se estamos nos referindo a mais de um item (plural), usamos **meus / minhas** etc.
- Exemplos: Meu caderno, minha borracha. Meus livros, minhas canetas.
- Dele / dela, deles / delas** concorda com o possuidor, não com o item possuído. Assim: Ele tem um livro = o livro é dele; Ela tem um livro = o livro é dela. Também são usados os pronomes **seu / sua, seus / suas** para se referir a uma terceira pessoa.
 - Os possessivos podem ser precedidos ou não dos artigos definidos. Pode-se dizer: Meu carro ou O meu carro.

Imagem 6.3.3 Pronomes possessivos (*ibid.*: 293)

Pronomes possessivos	
Como o próprio nome informa, os pronomes possessivos indicam posse. Eles funcionam como substitutos ou como determinantes do substantivo e permitem retomar termos que já foram anteriormente citados.	
Pronome pessoal	Pronomes possessivos
Eu	meu, meus, minha, minhas
Tu	teu, teus, tua, tuas
Você	
A Senhora / O Senhor	seu, seus, sua, suas
Ela / Ele	
A gente	nosso, nossos, nossa, nossas
Nós	
Vós	vosso, vossos, vossa, vossas
Vocês	
As Senhoras / Os Senhores	seu, seus, sua, suas
Elas / Eles	

7. Português para estrangeiros

7.1 Sintagma *a gente*

Imagem 7.1.1 (Marchant, 2013: 63)

Pronomes pessoais e de tratamento			
Subjetivos		Objetivos	
Sing.	eu tu você, o senhor, etc. ele, ela	Diretos	Indiretos
		me te o, a, se o, a, se	mim ti, contigo lhe, se lhe, se
Pl.	nós vós vocês, os senhores, etc. eles, elas	nos vos os, as, se os, as, se	prep. + nós, conosco prep. + vós, convosco lhes, se lhes, se

7.2 Estratégias de pronominalização

Imagem 7.2.1 (*ibid.*: 63)

Pronome subjetivo



Eu escrevo a lápis.

Pronomes objetivos

Maria escreve *me*.



pronome objetivo
direto

Maria escreve *para mim*.



prepo-
sição



pronome objetivo
indireto

Maria encontra *Pedro*.



objeto
direto

Maria encontra *-o*.




pronome objetivo
direto

7.3 Sintagma *dele*

Imagem 7.3.1 (*ibid.*: 98)


POSSESSIVO



Meu caderno.
Minha caneta.



Seu relógio.
Sua camiseta.



Seu livro =
O livro dele.



Sua camisa =
A camisa dele.

Imagem 7.3.2 (*ibid.*: 100)

<i>Possessivo</i>	
Meu(s), minha(s)	eu
Seu(s), sua(s), dele(a)	você, o senhor, a senhora
Seu(s), sua(s), dele	ele
Seu(s), sua(s), dela	ela
Nosso(s), nossa(s)	nós
Seu(s), sua(s), deles(as)	vocês, os senhores, as senhoras
Seu(s), sua(s), deles	eles
Seu(s), sua(s), delas	elas

Contratação da preposição <i>de</i> com ele(a) para indicar posse.	
de + ele(a) = dele(a)	<p><i>O lápis é de João.</i> <i>O lápis é dele.</i> <i>O livro é de Maria.</i> <i>O livro é dela.</i></p>

8. Português via Brasil: um curso avançado para estrangeiros

8.1 Sintagma a gente

Imagem 8.1.1 Linguagem coloquial (Lima & lunes, 2014: 166)

Linguagem Coloquial

Afonso
Até que enfim você apareceu! O pessoal aqui de casa estava preocupado. Você sabe, a gente sempre quer saber de você. Eu, de minha parte, já estava chateado. Telefonei para você umas dez vezes, deixei recado com sua secretária, meu nome, meu telefone, meu celular, o diabo-a-quatro. Mas você não deu sinal de vida. Deixa pra lá ... O importante é que você apareceu e com bom astral.

Felipe

Linguagem Formal

Afonso
Finalmente você apareceu. Minha família já estava preocupada. Você sabe que queremos sempre notícias suas. De minha parte, eu já estava aborrecido, porque lhe havia telefonado (telefonara) cerca de dez vezes, havia deixado (deixara) tudo: recados, meu nome, o número de meu telefone, o número de meu celular, mas você não havia retornado (retornara) minhas ligações. Esqueçamos isso. O importante é que você apareceu e está bem.

Felipe

Imagem 8.1.2 Exercício - Da linguagem coloquial para a linguagem formal (*ibid.*: 167)

A. Leia os textos e passe-os da linguagem coloquial para a linguagem formal.

1.

Teresa
Adorei receber notícias suas. Sabe, Teresa, a gente vive aqui nesta cidade imensa, trabalhando a mais não poder e nunca tem tempo para procurar os amigos e botar o papo em dia, às vezes até para contar suas mágoas e desabafar. É só trabalho, trabalho. Não tem saída. Por aqui a gente vai indo, sem grandes problemas, além dessa falta de tempo, que não tem jeito.
Vamos ver se agora a gente se encontra. Estou morrendo de saudade. Me telefona.
Um abraço
da Tina

2.

Ademir
Estou escrevendo para você para me despedir. Deram-me o bilhete azul. Não se preocupe, gostei. Eu já andava chateado com a empresa (que não me dava nenhuma colher de chá) e com meu chefe (com quem não me afino). Agora acabou! É um alívio!
Já tenho algumas coisas engatilhadas. Logo vou mandar notícias para você. Notícias boas, com certeza. Precisando, me telefone.
Um abraço
Luciano

8.2 Estratégias de pronominalização

Imagem 8.2.1 Pronomes pessoais (*ibid.*: 6)

Pronomes pessoais
o, a, os, as (-lo ..., -no ...)

A violência
 A violência nas grandes cidades tem aumentado assustadoramente e hoje parece claro que esse problema não pode ser resolvido apenas pela polícia. O problema tem raízes profundas e, para resolvê-lo, é necessário identificá-las. As autoridades perseguem os marginais, prendem-nos, mas isso não basta.

Complete as frases.

- (alugar) Gostei desta casa e quero _____.
- (castigar) Os pais chamaram o garoto e _____.
- (usar) O carro é meu. Não quero que você _____.
- (ler) Comprei o jornal, mas não _____.
- (perder) Gosto dela e tenho medo de _____.
- (dar) Pegaram a revista e _____.
- (matar) O ladrão segurou a moça e ameaçou _____.
- (esperar) Estou com pressa por isso não posso _____.
- (pôr) Comprei um armário enorme e agora não sei onde _____.
- (ver) Onde anda seu irmão? Há muito tempo não _____.
- (esconder) Os ladrões roubaram as joias e _____.
- (trair) Ele é meu amigo. Não posso _____.

Imagem 8.2.2 Colocação pronominal (*ibid.*: 23)

Colocação Pronominal

A. Coloque corretamente o pronome átono na oração. Justifique a colocação.

- Nada pedi. (lhe)
- Diremos novamente. (o)
- Deram ao amigo. (a)
- Não vi quando aproximou de mim. (o, se)
- Que belo presente vocês deram! (me)
- Alguém enganou. (se)
- Talvez deem outra oportunidade. (lhes)
- Como faz isso? (se)
- Com tempo tudo arranjará. (se)
- Nada disse nem dirá. (nos - nos)
- Lá fala português. (se)
- Poria em outro lugar se permitissem. (o, lhe)

Imagem 8.2.3 Repetição enfática (*ibid.*: 77)

Repetição enfática


João, aquele é que sabe levar a vida.

Vive na praia por causa do mar - o mar, esse é que o atrai. O trabalho ele o faz sem se queixar, mas sempre arranja tempo para sair com seu barco. Passa dias em alto-mar. À Marília resta-lhe apenas esperar.

Observe como se enfatizam as ideias.

com este, esse, aquele	com o, a, os, as	com me, lhe, nos, lhes
Ele está em São Paulo, cidade essa que o surpreende.	O dinheiro, ninguém o viu.	A mim não me deram nada.
O Simão, esse o que precisa é trabalhar.	As aranhas, matou-as o jardineiro.	Aos pais não lhes dá explicações.
O livro que eu li, aquele é que é interessante.		A nós não nos deu nem um bom-dia!

Imagem 8.2.4 Gramática nova - Verbos pronominais (*ibid.*: 146)



Gramática Nova (II)

Verbos pronominais

Eu levantei-me e dei alguns passos pela sala, antes de **me virar** e olhá-lo fixamente.

Os verbos que se conjugam com dois pronomes da mesma pessoa são chamados de verbos pronominais.

Eu levantei-me – levantar-se
(Eu) Me virei – virar-se

Os verbos pronominais podem ser

reflexivos – o sujeito executa a ação sobre si mesmo.
Ex. Eu **me lavo** sempre com água fria.

recíprocos – a ação, executada por dois ou mais sujeitos, recai sobre eles.
Aqui, o pronome reflexivo equivale a: **um ao outro, uns aos outros.**
Ex.: Todos se **cumprimentaram** com entusiasmo.

essencialmente pronominais – são usados sempre com pronome reflexivo

arrepender-se de	queixar-se de
atrever-se a	ajoelhar-se
zangar-se com	dignar-se a

8.3 Sintagma *dele*

Imagem 8.3.1 Pronomes oblíquos com valor possessivo (*ibid.*: 53)

Pronomes oblíquos com valor possessivo

Observe esta frase:
Vi-**lhe** o medo nos olhos.
Isto quer **dizer**:
Vi o medo em **seus** olhos.

